

**Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti**

*Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico*

# **A motivação no processo educativo: relação entre os interesses e a aprendizagem da criança**

Relatório de estágio apresentado à Escola Superior de Educação  
de Paula Frassinetti para obtenção de grau de Mestre em Educação  
Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

Autor: Inês Isabel Ferreira Campos

Sob orientação de Doutora Brigitte Carvalho da Silva

Porto,  
janeiro de 2016

# ÍNDICE

<b>PARTE I- REVISÃO DA LITERATURA</b>	<b>3</b>
<b>CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO</b>	<b>3</b>
1. A IMPORTÂNCIA DA MOTIVAÇÃO NA APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS	3
1.1 DIFERENTES TEORIAS DA MOTIVAÇÃO	4
1.2 A MOTIVAÇÃO INTRÍNSECA E A MOTIVAÇÃO EXTRÍNSECA	5
2. DESENVOLVIMENTO E PERSPETIVAS DA APRENDIZAGEM	6
2.1 CONCEITO DE APRENDIZAGEM	6
2.2 A APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA/APRENDIZAGEM MEMORÍSTICA	7
2.3 PERSPETIVAS TEÓRICAS SOBRE A APRENDIZAGEM	7
3. O PAPEL DO DOCENTE E A MOTIVAÇÃO PARA A APRENDIZAGEM	10
4. A PARTICIPAÇÃO DAS CRIANÇAS NA APRENDIZAGEM	14
<b>PARTE II- COMPONENTE EMPÍRICA</b>	<b>18</b>
<b>CAPÍTULO II - METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO</b>	<b>18</b>
1. TIPO DE ESTUDO	18
2. OBJETIVOS DE INVESTIGAÇÃO	18
3. CONTEXTOS DE INVESTIGAÇÃO	18
4. PARTICIPANTES DO ESTUDO	20
5. PROCEDIMENTOS, TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS	20
6. CRONOGRAMA	23
<b>CAPÍTULO III - APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b>	<b>24</b>
1. DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS DO JARDIM-DE-INFÂNCIA	24
1.1 Análise do inquérito por questionário efetuado aos encarregados de educação	24
1.2 Perceção das educadoras relativamente à relação entre motivação e a aprendizagem	31
1.3 Perceção das crianças relativamente à relação entre a motivação e a aprendizagem	32
2. DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS DO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO	34
2.1 Inquérito por questionário aos encarregados de educação	34
2.2 Inquérito por questionário aos alunos do 1º ano	44
2.3 Inquérito por questionário aos alunos	46
2.4 Perceção dos docentes relativamente à relação entre a motivação e a aprendizagem	52
2.5 Análise dos inquéritos por questionário aos encarregados de educação e aos alunos	54
2.6 Análise dos Registos de Observação	55
2.7 Discussão dos Registos de Observação	56
<b>DISCUSSÃO FINAL DOS RESULTADOS</b>	<b>58</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>63</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	<b>66</b>

## Resumo

O presente relatório de estágio, realizado no âmbito do Mestrado de Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, apresenta um trabalho investigativo, envolvendo duas instituições, do distrito do Porto, destinadas à Educação Pré-Escolar e ao 1º Ciclo do Ensino Básico.

Participaram neste estudo crianças de diferentes faixas etárias do contexto Pré-Escolar, assim como as educadoras responsáveis por cada sala da mesma instituição e ainda 31 encarregados de educação. No que concerne ao 1º Ciclo do Ensino Básico os intervenientes foram 4 docentes, 77 alunos de diferentes faixas etárias e de diversos anos de escolaridade e, ainda, 47 encarregados de educação.

Esta investigação assenta em pressupostos teóricos subordinados aos temas da motivação, dos interesses e da aprendizagem da criança.

Considerando que os interesses de cada criança são variáveis e raramente são homogêneos, torna-se fundamental perceber de que forma os profissionais de educação privilegiam os interesses da criança e agem em conformidade com os mesmos.

Assim, atendendo ao problema que se propõe estudar e à questão de partida à qual se procura responder, foi necessário recorrer a abordagens quantitativas e qualitativas. Foram utilizados diversos instrumentos que fomentassem a mesma investigação, tais como: registos de observação, inquérito por questionário, entrevistas, e *focus group*, nos diferentes contextos.

Desta forma, através dos resultados obtidos constatou-se uma conexão entre a componente prática e a componente teórica desta investigação, onde é possível verificar que os profissionais de educação dão relevância aos interesses das crianças e, na opinião das docentes, favorecem, conseqüentemente, toda a sua aprendizagem.

Assim sendo, a investigação veio a concluir que uma criança motivada irá participar ativamente na sua aprendizagem e potencialmente irá ter um maior sucesso escolar. De salientar, ainda, que atualmente os profissionais de educação têm vindo a sustentar as suas planificações de acordo com os seus interesses e opiniões, uma vez que considera-se a criança como centro do processo, de toda a aprendizagem.

**Palavras-chave:** Motivação, aprendizagem, interesse, Educação Pré-Escolar, 1º Ciclo do Ensino Básico

# Abstract

This Training Course report, held in the framework of Early Childhood Education and Elementary Education Masters Degree, features a research work, involving two institutions from Oporto, intended for Early Childhood Education and Elementary Education.

In this study children of different ages from Early Childhood Education, as well as the teachers responsible for each class and 31 parents have participated. Regarding the Elementary Education there were 4 teachers, 77 students of different ages and classes as well as 47 parents.

This investigation is based on theoretical assumptions linked to themes like children's motivation, interests and learning.

Taking into account that the interests of each child are variable and rarely homogeneous, it becomes essential to understand how teachers favor the interests of children and act in accordance with the same.

Thus, attending the problem and the means to overcome it, it was necessary to appeal to quantitative and qualitative approaches. Several resources were used to foster the research, such as: observation records, surveys, interviews and focus groups, in different contexts.

This way, through the results obtained, it was determined a connection between the practical and the theoretical component of this research, where it is possible to verify that teachers give relevance to the children's interests and, in their own opinion, encourage therefore all their learning.

This investigation came to the conclusion that a motivated child will actively participate more in their learning and potentially will have a greater success academically. It should be noted that currently teachers have come to underpin their own planning according to children's interests and opinions, since it is considered crucial a child's process of learning.

**Keywords:** Motivation, Learning, Interest, Early Childhood Education, Elementary Education

# Agradecimentos

Gostaria de agradecer, àqueles que me auxiliaram ao longo deste percurso, mostrando assim, a minha gratidão, não deixando de manifestar o meu apreço e agradecimento sincero a essas mesmas pessoas.

Aos meus pais e ao meu irmão, que sempre acreditaram nas minhas capacidades e deram-me todas as oportunidades possíveis. Obrigada por serem um exemplo de vida, de motivação e de me mostrarem todos os dias o verdadeiro significado de uma família unida. Agradeço-vos por todo o carinho e apoio em tempos difíceis, por todos os conselhos dados e, por nunca deixarem de acreditar em mim.

À Doutora Brigitte Carvalho da Silva, pela sua orientação, por todo o apoio que se disponibilizou, por todas as opiniões dadas, todas as críticas construtivas que fizeram este presente relatório evoluir.

Aos docentes Irene Cortesão e João Gouveia, por demonstrarem o seu profissionalismo e orientarem-me no decorrer do meu estágio em Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico.

Agradeço às minhas amigas, de longa data, Inês Centeno, Carolina Santos e Alexandra Mendes pelo incentivo, pela força e paciência durante todo este percurso.

Às minhas fiéis amigas, Bárbara Castro e Teresa Ferreira por toda a amizade dedicada: todos os momentos difíceis, todas as alegrias partilhadas, por todo o companheirismo mostrado e, por fazerem acreditar na nossa célebre frase “Amigos de faculdade são para a vida”.

Ao Pedro Fernandes por todo o apoio dado em momentos difíceis, por me fazer acreditar que sou capaz e ajudar-me a ultrapassar todas as barreiras surgidas, pelo sorriso, pela força e dedicação em qualquer circunstância.

Às minhas companheiras de Licenciatura e Mestrado, Daniela Casanova, Sara Lobo, Mariana Gomes e Marta Silva agradeço todas as partilhas e companheirismo ao longo destes anos.

À Vânia Faria por nunca ter deixado de acreditar em mim, por todo o auxílio e dedicação em todo o meu percurso académico.

Aos docentes Ana Paula Morgado, Sílvia Rodrigues e Fernando Coelho por todo o carinho, apoio, auxílio prestado e por toda a aprendizagem adquirida.

Um reconhecimento muito especial de muito obrigada, a todos, por tudo o que fizeram por mim e pela contribuição que deram para o meu crescimento quanto a nível profissional como a nível pessoal.

## **Lista de Acrónimos e Siglas**

C- Criança

E- Educadora

P- Professor

# Índice de Tabelas

TABELA 1- CRONOGRAMA DE INVESTIGAÇÃO -----	23
--	----

# Índice de Gráficos

GRÁFICO 1- IDADE DO EDUCANDO -----	24
GRÁFICO 2- IDADE DOS ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO -----	24
GRÁFICO 3 - GRAU DE PARENTESCO-----	25
GRÁFICO 4- QUOTIDIANO DA CRIANÇA NO JARDIM-DE-INFÂNCIA -----	25
GRÁFICO 5- FREQUÊNCIA DAS CONVERSAS -----	26
GRÁFICO 6- A MOTIVAÇÃO DA CRIANÇA NO JARDIM-DE-INFÂNCIA -----	27
GRÁFICO 7- CATEGORIAS DE RESPOSTAS SOBRE A JUSTIFICAÇÃO RELATIVA À PERCEÇÃO DOS ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO SOBRE A MOTIVAÇÃO DA CRIANÇA -----	27
GRÁFICO 8- NÍVEL EMOCIONAL -----	28
GRÁFICO 9- INTERESSES DA CRIANÇA NO JARDIM- DE-INFÂNCIA -----	28
GRÁFICO 10- RELAÇÃO ENTRE APRENDIZAGEM/MOTIVAÇÃO -----	29
GRÁFICO 11- CATEGORIA DE RESPOSTAS SOBRE A JUSTIFICAÇÃO RELATIVA À PERCEÇÃO DOS ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO SOBRE A MOTIVAÇÃO-----	29
GRÁFICO 12- EXEMPLOS DE INTERESSES QUE TENHAM INFLUENCIADO A APRENDIZAGEM -----	30
GRÁFICO 13- IDADE DO SEU EDUCANDO-----	34
GRÁFICO 14- ANO FREQUENTADO PELO SEU EDUCANDO -----	34
GRÁFICO 15- IDADE DO ENCARREGADO DE EDUCAÇÃO-----	35
GRÁFICO 16- GRAU DE PARENTESCO-----	35
GRÁFICO 17- QUOTIDIANO DA CRIANÇA NA ESCOLA-----	36
GRÁFICO 19- FREQUÊNCIA DE CONVERSA COM O PROFESSOR SOBRE OS SEGUINTE ASPETOS -----	37
GRÁFICO 20- MOTIVAÇÃO DA CRIANÇA EM FREQUENTAR A ESCOLA INSERIDA -----	38

GRÁFICO 21- CATEGORIAS DE RESPOSTAS SOBRE A JUSTIFICAÇÃO RELATIVA À PERCEÇÃO DOS ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO SOBRE A MOTIVAÇÃO DA CRIANÇA -----	38
GRÁFICO 22- NÍVEL EMOCIONAL DA CRIANÇA -----	39
GRÁFICO 23- RELAÇÃO ENTRE APRENDIZAGEM/MOTIVAÇÃO -----	40
GRÁFICO 24- CATEGORIAS DE RESPOSTAS SOBRE A JUSTIFICAÇÃO RELATIVA À PERCEÇÃO DOS ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO -----	40
GRÁFICO 25- EXEMPLOS DE INTERESSES QUE TENHAM INFLUENCIADO A APRENDIZAGEM -----	41
GRÁFICO 26- INTERESSE PELAS ESTRATÉGIAS-----	41
GRÁFICO 27- INTERESSE PELAS ÁREAS CURRICULARES -----	42
GRÁFICO 28- ESTRATÉGIAS/ATIVIDADES QUE LEVAM A APRENDER MELHOR -----	43
GRÁFICO 29- IDADE DA CRIANÇA -----	44
GRÁFICO 30- ANO DE ESCOLARIDADE -----	44
GRÁFICO 31- INTERESSES NA ESCOLA -----	44
GRÁFICO 32- INTERESSE PELA ÁREA CURRICULAR -----	45
GRÁFICO 33- NÍVEL EMOCIONAL -----	45
GRÁFICO 34- O DOCENTE EXPLICA A MATÉRIA-----	46
GRÁFICO 35- IDADE DAS CRIANÇAS -----	46
GRÁFICO 36- ANO DE ESCOLARIDADE -----	47
GRÁFICO 37- INTERESSE SURGIDO PELAS ATIVIDADES -----	47
GRÁFICO 38- INTERESSE PELA ÁREA CURRICULAR -----	48
GRÁFICO 39- ESTRATÉGIAS PARA APRENDIZAGEM -----	49
GRÁFICO 40- INTERESSES NA ESCOLA -----	49
GRÁFICO 41- NÍVEL EMOCIONAL -----	50
GRÁFICO 42- CARACTERÍSTICAS DO DOCENTE -----	51
GRÁFICO 43- O DOCENTE EXPLICA A MATÉRIA-----	51



# Índice de Anexos

ANEXO 1- INQUÉRITOS POR QUESTIONÁRIO AOS ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO DE EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR

ANEXO 2- GUIÃO DA ENTREVISTA AOS DOCENTES DA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR

ANEXO 3- GUIÃO DO *FOCUS GROUP* ÀS CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR

ANEXO 4- *FOCUS GROUP*

ANEXO 5- ENTREVISTAS REALIZADAS ÀS EDUCADORAS DA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR

ANEXO 6- REGISTOS DE OBSERVAÇÃO

ANEXO 7- INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO AOS ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO DO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO

ANEXO 8- INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO AOS ALUNOS DO 1º ANO DE ESCOLARIDADE

ANEXO 9- INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO AOS ALUNOS DO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO

ANEXO 10- ENTREVISTAS REALIZADAS AOS DOCENTES DO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO

ANEXO 11- TABELA 2 – CATEGORIAS DA ANÁLISE DAS ENTREVISTAS REALIZADAS ÀS EDUCADORAS DA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR

ANEXO 12- TABELA 3- CATEGORIAS DA ANÁLISE DO *FOCUS GROUP* ÀS CRIANÇAS

ANEXO 13- TABELA 4- REGISTOS DE OBSERVAÇÃO

ANEXO 14- TABELA 5- CATEGORIAS DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS REALIZADAS AOS DOCENTES DO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO

ANEXO 15- REFLEXÕES DA ESTAGIÁRIA DURANTE A SUA PRÁTICA SUPERVISIONADA

# INTRODUÇÃO

O presente relatório de estágio enquadra-se no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, realizado na Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, tendo como objetivo compreender a relação existente entre os interesses das crianças e a sua aprendizagem.

Para tal, esta temática tornou-se motivadora para a estagiária, diante todo o processo investigativo, uma vez que o docente deverá ver a criança como o centro de todo o processo. Assim, a estagiária considerou este tema como aliciante, visto que identifica-se com a temática, uma vez que tem em conta os interesses das crianças na sua prática pedagógica e, como profissional, considera que esta deve ser vista como um pilar no centro de todo o processo, no qual se irá desenvolver a aprendizagem, em prol da criança. É também na corroboração com as palavras de Dewey, relativamente ao seu Credo Pedagógico (1897), que a estagiária encontra incentivo:

“**A**credito que é só através da observação contínua e simpática dos interesses da criança que o adulto pode adentrar a vida da criança e ver para o que ela está pronta, e com qual material ela poderia trabalhar mais pronta e proveitosamente. **A**credito que esses interesses não devem ser ridicularizados nem reprimidos. Reprimir um interesse é substituir a criança pelo adulto, o que enfraquece a curiosidade intelectual e a vigilância, suprime a iniciativa e enfraquece o interesse. Ridicularizar os interesses é substituir o transitório pelo permanente. O interesse é sempre o sinal de um poder subjacente; o importante é descobrir esse poder. Ridicularizar o interesse é falhar em penetrar abaixo da superfície, e isso resulta seguramente na substituição de caprichos e excentricidades por interesses genuínos.” (artigo IV, para. 11).

Como profissionais estamos a educar crianças para o futuro, desenvolvendo o seu espírito crítico, a sua motivação, o seu desenvolvimento cognitivo, o seu pensamento, a sua tolerância, o respeito, entre outros. Assim sendo, é inestimável, no processo de aprendizagem, renegar os interesses das crianças, não as deixando escalar na montanha que é considerada a vida. Para tal, acredito que as crianças se tiverem o apoio do adulto e autonomia para ir ao encontro dos seus interesses, irão ter uma maior e melhor aprendizagem. No entanto, é necessário que as crianças adquiram com elas algumas “bagagens” de valores e, sobretudo, de ousadia.

De facto, no decorrer dos estágios efetuados em ambas as valências, a estagiária verificou o tema de investigação envolvido no seu dia-a-dia, considerando vantajoso presenciar tais acontecimentos. Desta forma deverá incidir as suas atividades em volta dos interesses e aprendizagem da criança. Tal como comprovam os autores Agostinho, Demétrio e Bodenmuller (2015) “a criança torna-se pois, neste contexto, não só o objeto mas o agente da educação.” (p.48).

O presente relatório foi desenvolvido por meio de uma abordagem qualitativa e quantitativa, tendo sido recolhidos dados através de vários instrumentos: entrevistas, registos de observação, focus group e ainda, inquéritos por questionários.

Assim, permitiu adquirir um conhecimento amplo ao nível da realidade educacional, compreendendo a perceção dos docentes em relação ao processo de ensino e aprendizagem. Deste modo, os sujeitos envolvidos foram três educadoras de salas distintas, 3 grupos de crianças também estes de salas distintas e ainda, os encarregados de educação do jardim-de-infância. Relativamente ao 1º Ciclo do Ensino Básico, os intervenientes deste relatório foram 4 docentes, 77 alunos de diversos anos de escolaridade e, ainda, 47 encarregados de educação.

# PARTE I- REVISÃO DA LITERATURA

## CAPÍTULO I – Enquadramento teórico

### 1. A importância da motivação na aprendizagem das crianças

As crianças nesta fase de iniciação da Educação Básica necessitam de encontrar interesses, possibilitando na sua aprendizagem, uma tarefa enriquecedora e vantajosa para as mesmas, contribuindo para o seu desenvolvimento. Alguns autores referem a motivação como sendo uma dimensão fundamental, que deverá estar, sempre que possível, associado ao processo de ensino e aprendizagem.

Desta forma, não existe uma definição exata da palavra “motivação”. Ao longo dos anos, vários foram os autores que se debruçaram sobre este conceito.

Segundo Lourenço & Paiva (2010), verifica-se que existe uma relação entre a aprendizagem e a motivação, constatando uma relação de reciprocidade entre ambas.

De acordo com Engelmann (2010), a motivação está envolvida em diversos fatores que estimulam o indivíduo a obter um determinado comportamento diante uma situação/problema.

Segundo Pereira (2010), a motivação deve ser compreendida, apoiando o desenvolvimento de atividades que sejam consideráveis para o desenvolvimento do indivíduo que nelas se envolve. Em termos educativos, um aluno motivado encontra-se disposto para aprender, autonomamente (Ajello, cit. in Pereira, 2010).

Tal como foi citado por Oliveira (1999), a motivação "deve ser entendida como um meio para alcançar o sucesso escolar, e para cumprir tal premissa o aluno deve sentir em casa e na escola um ambiente favorável ao seu interesse pessoal" (cit. in Simão (2005), p.10).

De acordo com outros autores, Jesus & Abreu (1993), considera-se que a motivação representa uma preocupação dos responsáveis políticos, educadores/professores, pais/encarregados de educação. A nível político, as reformas que têm sido realizadas mostram como objetivos: a motivação, a aprendizagem e o desenvolvimento dos alunos. Relativamente a nível familiar, os pais verificam que os filhos não valorizam a escola, por sua vez, os alunos têm a noção exata, de que os seus resultados escolares estão sujeitos à sua motivação para a realização das tarefas. Quanto ao nível académico, os professores certificam a falta de interesse, por parte dos alunos no que diz respeito às atividades desenvolvidas.

Tendo em conta os mesmos autores (Jesus & Abreu, 1993), a falta de motivação dos alunos pode ser caracterizada através de alguns indicadores tais como: fraco empenho na execução das suas tarefas, diminuição da participação dos alunos nas aulas e, ainda, uma redução acentuada do tempo despendido pelos alunos a estudar. Consequentemente, estes fatores de desmotivação, irão influenciar o sucesso escolar.

Assim, cabe aos docentes verificarem motivações e pressupostos, estimulando assim crenças educacionais positivas que possam culminar e interferir com o ambiente de sala, privilegiando o gosto em aprender e ensinar.

## **1.1 Diferentes teorias da motivação**

Cordeiro (2010) apresenta diferentes modelos/teorias relevantes ao processo de motivação: a Teoria global da motivação, a Teoria das necessidades de Maslow e a Teoria de Autodeterminação.

Primeiramente, quanto à Teoria global da motivação, Cordeiro (2010) refere como sendo uma fonte de energia não direcionada, resultante de défices ou desequilíbrios corporais. Deste modo, a combinação de desequilíbrios torna-se responsável pela formação de uma necessidade total. Segundo Hull (1952, cit in. Cordeiro, 2010), a motivação é considerada o resultado da força, da tensão e do incentivo desejado, no entanto, poderá ser impedida por diversos fatores externos e internos.

Quanto à Teoria das necessidades de Maslow, o próprio afirma que o homem apresenta várias necessidades que se dividem em estádios e prioridades (Valim et al., 2006). A pirâmide de Maslow representa esta ideia e encontra-se dividida em 5 hierarquias, em que os dois primeiros níveis agrupam as necessidades primárias (fisiológicas e de segurança) e as restantes dividem-se em necessidades sociais, de auto-estima e de realização pessoal.

Assim, na sua perspetiva, quem influencia o comportamento são os motivos, existindo uma ordem das necessidades mais básicas sobre as mais elevadas. Desta forma, se o indivíduo não está satisfeito nas necessidades básicas, de patamar inferior, não irá sentir-se estimulado para as necessidades de nível superior.

Em suma, segundo o mesmo autor, este modelo baseia-se em 4 premissas: as necessidades têm uma ordem hierárquica; uma necessidade contentada deixa de ser motivadora; o indivíduo é sujeito a várias necessidades em paralelo; existem diversas formas para satisfazer os níveis mais elevados do que os níveis básicos (Valim, et al., 2006).

De acordo com a Teoria da Autodeterminação, desenvolvida por Ryan e Deci (2000), as pessoas são motivadas por duas vertentes: a motivação extrínseca e a motivação intrínseca. A motivação intrínseca menciona uma tendência a nível de trabalho para a assimilação, o domínio e o interesse, por sua vez, a motivação extrínseca tem sido reconhecida para trabalhar em resposta a algo externo, ou seja, com a aquisição de recompensas materiais ou sociais (Veríssimo & Andrade, 2001).

## 1.2 A motivação intrínseca e a motivação extrínseca

De acordo com a Teoria da Autodeterminação, existe a motivação intrínseca e a motivação extrínseca, tal como foi referido anteriormente.

Segundo o autor Rodríguez (2006), dentro da abordagem cognitiva existem diversas motivações- motivação extrínseca e a motivação intrínseca- que, conseqüentemente implicam diferentes expectativas e recompensas, estando interligadas com critérios externos e internos. Neste sentido,

“existen motivaciones altas y bajas en los estudiantes y diferentes estilos que implican diferentes expectativas y recompensas externas. En concordancia con esto, han sido definidas motivaciones intrínsecas y extrínsecas, que hacen parte de los enfoques cognitivos de la motivación del ser hacia la comprensión de la realidad que lo rodea y que, a su vez, se relacionan con criterios externos e internos” (Rodríguez, 2006, para. 6).

Deci & Ryan (1980, 1992) consideram a motivação intrínseca como a necessidade básica das pessoas se tornarem competentes. Esta motivação poderá ser modificada caso ocorra uma mudança na forma como cada um se percebe como competente numa dada tarefa. Por exemplo, se algum *feedback* faz aumentar a percepção de competências, aumenta a motivação intrínseca. Se por outro lado, sucede algo em que acontece o efeito contrário, a motivação tende a diminuir.

A motivação intrínseca "é uma força interna que mobiliza o sujeito a agir e executar a tarefa pelo simples desejo de produzir, dispensando elementos exteriores de carácter compensatório." (Amabile, cit. in Cavalcanti, 2009, p. 35).

Para Marchiore (2008), uma criança intrinsecamente motivada aprende sem recurso a recompensas ou incentivos externos. Ou seja, a criança envolve-se na tarefa através da sua satisfação em ser ela mesma a executá-la (Arias, cit. in Ribeiro, 2011).

Por sua vez, a motivação extrínseca, define-se como sendo uma motivação de um indivíduo para realizar uma dada atividade, com objetivo de alcançar uma recompensa externa ou evitar a punição (Ruiz, 2004).

Perante a motivação na aprendizagem, verifica-se, então, que o aluno aprende por interesse próprio ou, ainda, com a finalidade em adquirir boas notas e/ou evitar a punição (Ruiz, 2004). Assim sendo, “a motivação intrínseca é aquela que está no interior do próprio indivíduo. Na extrínseca o que faz mover a pessoa são factores

externos a ela: recompensas, punições ou pressões sociais. Os professores devem, de preferência, procurar promover a primeira destas.” (Cardoso, 2013, p. 239).

Katz (1993) & Stipek (2002) afirmam que as crianças quando estão motivadas intrinsecamente, escolhem atividades que lhes ofereçam desafios constantes, mas, quando estão motivadas extrinsecamente, sucede o oposto.

Segundo os autores Martinelli e Genari (2009), no seu estudo com crianças de diversas faixas etárias (entre os 9 e os 12 anos) concluíram que, é possível constatar uma correlação entre a motivação intrínseca e o desempenho escolar. Assim sendo, tendencialmente, quanto maior for o desempenho escolar, maior é a motivação intrínseca e vice-versa, e quanto menor é o desempenho escolar, maior é a motivação extrínseca e vice-versa.

## **2. Desenvolvimento e perspectivas da aprendizagem**

### **2.1 Conceito de aprendizagem**

De acordo com o autor Michel Perraudeau (2013), o termo “aprendizagem” define-se, quer ao campo escolar, quer às práticas profissionais que possuem um lugar para as aquisições técnicas transmitidas pelos pares. Assim, estas duas áreas estão separadas e com graus de conhecimentos diversificados.

De facto, no decorrer da aprendizagem, atuam diversas variáveis tais como: as crianças, os docentes, as práticas pedagógicas, influenciando assim o seguimento motivacional das crianças.

Segundo Papalia et al (2001):

“a perspectiva de aprendizagem diz respeito ao comportamento que pode ser observado e estudado de um modo objetivo e científico. Os teóricos de aprendizagem sustentam que o desenvolvimento resulta da aprendizagem, como mudança de longa duração no comportamento baseada na experiência ou adaptação” (p. 26).

A aprendizagem, de uma forma geral, refere-se a todas as atividades relacionadas a aprender (“favorecer automatismos, usar e aplicar procedimentos simples, etc”) (Perraudeau, 2013, p. 14) e, ainda, às atividades relacionadas que levam à compreensão, ou seja, no que diz respeito à reflexão, raciocínio, à tomada de decisão, entre outras.

De acordo com René La Borderie, “o termo aprendizagem engloba, na realidade, actividades mais complexas do que aquelas relacionadas a aprender: reúne assim, nesse conceito, tudo que diz respeito ao compreender (...).” (cit in. Perraudeau, 2013, p.12).

Segundo Feldman, a aprendizagem é um processo que altera o comportamento, essa alteração de comportamento ocorre através da experiência ou do estudo efetuado. Assim, quando o comportamento é adquirido existe uma parte que advém da aprendizagem (cit in. Vila, et al, 2008).

## **2.2 A aprendizagem significativa/aprendizagem memorística**

Segundo Ausubel (1982, cit in. Pelizzari et al., 2002) existem dois tipos de aprendizagem: a aprendizagem significativa e a aprendizagem memorística. Para que ocorra aprendizagem significativa é necessário que, primeiramente, haja uma predisposição do aluno para aprender, seguidamente o conteúdo aprendido pela criança terá que ser significativo para esta, por isso “cada aprendiz faz uma filtragem dos conteúdos que têm significado ou não para si próprio.” (Pelizzari, et al, 2002, p. 38).

Relativamente à comparação entre a aprendizagem significativa e memorística/recetiva os mesmos autores afirmam que:

“Essa dimensão [aprendizagem significativa/descoberta] refere-se à maneira como o aluno recebe os conteúdos que deve aprender: quanto mais se aproxima do pólo de aprendizagem por descoberta, mais esses conteúdos são recebidos de modo não completamente acabado e o aluno deve defini-los ou “descobri-los” antes de assimila-los; inversamente, quanto mais se aproxima do pólo da aprendizagem receptiva, mais os conteúdos a serem aprendidos são dados ao aluno em forma final, já acabada” (p. 39).

Segundo os autores Gilstrap & Martin (1975, cit in. Oliveira, 2007), esta aprendizagem- aprendizagem por descoberta/significativa- apresenta vantagens, tais como: auxilia os alunos a aprender a aprender, desenvolve uma sensação de excitação e automotivação, tornam-se capazes de trabalhar conforme as suas próprias capacidades, ou seja, as crianças são responsáveis pela sua própria aprendizagem.

Por sua vez, Oliveira (2007) afirma que, relativamente à aprendizagem por receção, “as novas aprendizagens tornam-se mais fáceis ligando-as com ‘ganchos cognitivos’ ao que o aluno já sabe.” (p.89).

## **2.3 Perspetivas teóricas sobre a aprendizagem**

No seguimento de várias pesquisas relacionadas com a aprendizagem, constatou-se que existem modificações ao longo do tempo. Neste sentido, Gonçalves (2007) afirma que existem 3 perspetivas para a compreensão da aprendizagem em si, sendo elas: a Perspetiva Behaviorista, a Perspetiva Cognitiva e ainda, a Perspetiva Construtivista.

Segundo Magda Inácio (2007), “a perspetiva behaviorista ou comportamentalista, é uma corrente que afirma que o único objeto de estudo da



psicologia é o comportamento observável e susceptível de ser medido. De acordo com esta corrente, o comportamento é observável, mensurável e controlável cientificamente (...).” (p. 5).

Nesta perspectiva behaviorista, a aprendizagem é definida como um processo limitado, no qual as respostas/reações são aliadas a estímulos. Baseia-se numa pesquisa minuciosa da tarefa de aprender e vê o educando como um ser moldável. Assim, esta teoria abrange dois conceitos chaves: repetição e memorização (Alarcão & Tavares, 1982).

A perspectiva cognitiva afirma que, a aprendizagem tem por base a descoberta e a procura, sendo assim, é uma aprendizagem gradual, baseada na experimentação. Nesta perspectiva, a aprendizagem é caracterizada como um processo de armazenamento de informações, procurando definir como os indivíduos compreendem e direcionam as suas interações com o ambiente (Papalia et al., 2001, p. 30). Desta forma, segundo Michel Parraudeau (2013), “O cognitivismo enfoca a questão da aprendizagem não a partir dos comportamentos observáveis, mas do planeamento da ação e do tratamento das informações coletadas.” (p. 15-16).

Piaget descreveu o desenvolvimento cognitivo ocorrendo em determinados estádios qualitativamente diferentes. Assim, em cada estágio, a criança desenvolve uma nova forma de operar, de pensar e responder ao ambiente.

De salientar que, para Piaget, existe uma separação entre o processo cognitivo inteligente e a aprendizagem e o desenvolvimento. Para tal, a aprendizagem é adquirida pela experiência, obtida de forma sistematizada. Já o desenvolvimento passaria por vários estádios sendo eles: sensorial-motor, pré-operações, operações concretas e operações formais. Desta forma, tendo em conta o contexto desta investigação em incidir nas valências de Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico, abordaram-se os estádios que correspondem a essas mesmas faixas etárias.

O estágio de pré-operações, segundo Piaget, envolve as faixas etárias dos 2 aos 7 anos. Assim, os progressos cognitivos nesta fase são observados quanto à função simbólica, compreensão de identidades, compreensão da causa e efeito, capacidade de classificar e a compreensão do número. Relativamente ao estágio de operações- concretas, entre os 7 aos 11 anos, a criança inicia a consolidação de conhecimentos e desenvolve noções tais como: espaço, tempo, ordem, velocidade e limitam-se a ter um pensamento sobre situações concretas para resolver problemas.

Quanto à perspectiva construtiva, para Piaget, o sujeito não nasce constituído, ou seja, vai-se construindo ao longo da sua vida, vivenciando experiências com o meio natural e socio-cultural (Papalia et al., 2001).

Segundo o mesmo autor, a perspectiva construtivista centra-se em métodos de pensamento onde a ideia central é a aprendizagem, sendo uma construção de novos conhecimentos a partir daquilo que a criança já sabe. Assim, no modelo construtivista, a construção do conhecimento dá-se pela interação de experiências sensoriais e de aspetos indissociáveis.

No que concerne à perspectiva sócio-construtivista, segundo o autor Ramiro Marques (2007) é possível verificar uma ligação de ideias principais relativamente a estes conceitos entre Piaget e Vygotsky. Assim, ambos assentam na ideia de que:

“a única aprendizagem significativa é a que ocorre através da interação entre o sujeito, o objecto e outros sujeitos (colegas ou professores). O que verdadeiramente distingue Vygotsky de Piaget, segundo o mesmo autor é a descrença do primeiro em relação a uma hierarquia de estádios do desenvolvimento cognitivo” (p.2).

Relativamente ao conhecimento e à aprendizagem, tal como referem na teoria sócio-construtivista, o docente terá que planear as suas atividades e desenvolver aprendizagens que estimulem a criança e a motivem, de modo a que se envolva e participe no trabalho.

Para Piaget, no âmbito da aprendizagem, o ser humano age em conformidade com o seu meio, tentando-se adaptar em torno do que lhe rodeia, através da assimilação (onde são incluídos novos estímulos nos esquemas já existentes, surgindo uma nova informação e da acomodação onde o sujeito cria novos esquemas, sendo impossíveis serem incluídas noutros esquemas anteriores). Segundo Oliveira (2007), estes processos envolvem-se numa “interacção dinâmica constante em busca de equilíbrios sucessivos e progressivos. Os esquemas (representações) e as estruturas (organizações) dependem dos diversos estádios de desenvolvimento.” (p.132).

Assim, segundo Michel Perraudeau (2013), baseado na perspectiva de Piaget (2001), afirma que o construtivismo é compreendido como um conjunto de organizações que se realizam durante o desenvolvimento, tendo a influência de dois mecanismos: a assimilação (integração do objeto pelo sujeito, onde integra algo externo de forma a enriquecer) e a acomodação é considerada como um modo complementar da assimilação de um novo esquema.

Desta forma, segundo os autores Sprinthall & Sprinthall (1993), a assimilação e a acomodação devem-se manter em conformidade uma com a outra, caso se verifique o contrário não ocorre o desenvolvimento cognitivo na criança. Assim, quando ambas interagem, deverá existir um processo de equilíbrio.

Em suma, de acordo com Piaget (cit in. Sprinthall & Sprinthall, 1993),

“a actividade de assimilar certas experiências do meio circundante força a criança a acomodá-las ou internalizá-las. Piaget sugere que o desenvolvimento mais completo tem lugar quando as crianças assimilam experiências do seu meio, porque só então são capazes de acomodar ou internalizar essas experiências.” (p.117).

Segundo Ramiro Marques (2007), Vygotsky defende que os docentes devem propor às crianças desafios cognitivos, partindo do que elas já têm conhecimento, levando a que interajam com os outros, ocorrendo uma aprendizagem cooperativa. Assim, este processo é bem conduzido se o docente “for capaz de criar ambientes de aprendizagem que potenciem a interação entre alunos em estádios cognitivos ligeiramente diferentes ou em fases de transição de estádio.” (Ramiro Marques, 2007,p.3).

Assim, Guthrie, Wigfield & Secker (cit. in Guthrie 2001), fizeram uma análise entre as crianças que recebiam uma intervenção educativa planeada e as crianças que não recebiam formação planeada. Verificou-se que, as crianças que receberam intervenção educativa planeada apresentaram um maior envolvimento e maior interesse na sua realização. Por sua vez, as crianças que não obtiveram formação planeada, foi verificado o oposto. Desta forma, podemos confirmar que o contexto de sala de aula poderá ser planeado com estratégias promotoras da motivação.

Segundo o autor Martinelli (2014), uma criança motivada encontra-se mais envolvida no processo de aprendizagem, estando presente em tarefas desafiadoras, utilizando estratégias adequadas, procurando desenvolver novas habilidades de compreensão e de domínio. É possível verificar entusiasmo no decorrer das suas das tarefas e orgulho acerca dos resultados de seus desempenhos.

Em suma, de acordo com os mesmos autores (Guthrie, Wigfield & Secker, 2001), a motivação está constantemente relacionada com o sucesso escolar da criança, ou seja, quanto mais a criança estiver interessada e motivada, mais se envolverá, o que conseqüentemente irá influenciar o seu sucesso escolar. De salientar que, o papel do docente é essencial, uma vez que, o clima da sala e a sua relação com a criança irá influenciar na promoção da aprendizagem e da motivação para alcançar posteriormente o sucesso escolar.

### **3. O papel do docente e a motivação para a aprendizagem**

Segundo Rodríguez (2006), a aprendizagem está relacionada com a motivação, desta forma, para o autor, quando não há motivação os alunos dificilmente aprendem:

“uno de los aspectos más relevantes para que se dé el aprendizaje es la motivación y no hay duda alguna acerca de que cuando esta no existe, los estudiantes difícilmente aprenden. No siempre hay ausencia de motivación; a veces, lo que se presenta es una inconsistencia entre los motivos del profesor y los del estudiante, o se convierte en un círculo vicioso el hecho de que éstos no estén motivados porque no aprenden” (para.1).

Segundo Veríssimo & Andrade (2001), a motivação aparece associada à aprendizagem. No geral, tem a ideia de que o aluno, diante um determinado problema, deverá ser capaz de elaborar hipóteses e experimentá-las.

Assim, a motivação depende, de certo modo, do docente uma vez que o mesmo deve propor atividades e problemas que suscitam o interesse e a curiosidade investigativa das crianças. Tal como afirma os autores Veríssimo & Andrade (2001):

“ênfatiza-se também que a disposição para a aprendizagem depende do professor. Se este espera uma atitude curiosa e investigativa por parte do aluno, deve propor atividades que exijam esta postura. As situações didáticas devem ter objetivos claros, situando o aluno frente à tarefa, e níveis de dificuldade adequados às possibilidades das crianças numa situação desafiadora. Também, deve haver unidade entre escola, sociedade e cultura, o que pode ser expresso pelo trabalho pedagógico baseado em objetos socioculturais do cotidiano extra - escolar, como jornais, revistas e filmes, conferindo, assim, sentido às atividades escolares” (para.7).

Segundo Brophy e Good (1980, cit in Oliveira 2007), o professor é considerado o papel crucial da motivação, pois ele tem a possibilidade de atuar conforme os acontecimentos surgidos no decorrer da aula tais como: as tarefas preparadas e o modo mais adequado de as abordar (quer seja individualmente, em grupo ou no conjunto da turma).

Assim sendo, o docente deverá fazer uma ponte de ligação entre a aprendizagem e a motivação, tal como menciona Rodríguez (2006): “Entonces, cobra importancia también el papel del profesor, para establecer la relación adecuada entre la motivación y el aprendizaje en la construcción del conocimiento, dada su influencia decisiva en el desarrollo curricular (...)” (para.10).

O fator crucial para a motivação é o sujeito, ou seja, toda a ação executada pelo mesmo é considerada fundamental. Para que haja sucesso, o aluno tem que acreditar nas suas competências e atribuir um significado pessoal e positivo à aprendizagem (Rosário, 2005, cit. in Gonçalves, 2009).

No entanto, a família também deveria ser considerada um fator essencial para a motivação e a aprendizagem das crianças, ou seja, deveria existir uma ligação entre a escola-família. Assim, segundo Oliveira (2007),

“pode dizer-se que a escola (o professor) faz o aluno, mas também ele já vem ‘feito’ da família. Os pais funcionam como factor ou agente determinante na motivação do aluno através de estilos educativos que usam e ainda (em grande parte dependente dos estilos educativos) pelo nível de aspiração, expectativas,

interesses, etc. que criam ou impõem ao filho, pelas atitudes frente à escola e aos resultados escolares, pela estabilidade familiar, etc” (p.139).

Segundo Oliveira (2007), os professores podem ajudar os alunos a “aprender a aprender” e a “aprender a pensar”, sendo estas consideradas como uma estratégia básica e crucial no decorrer da aprendizagem, no qual a escola deve promover esse pensamento e não apenas tendo por base a transmissão de conhecimentos.

Inicialmente, segundo Cardoso (2013), o docente deverá conhecer o grupo que tem diante de si e direcionar as suas estratégias de ensino/aprendizagem mediante o nível de ensino a que se destinam e ainda, o tipo de conteúdos em questão. Com base nesse pensamento, o professor irá escolher na execução da sua planificação: qual o método pedagógico, qual a técnica pedagógica, qual o recurso didático, pois “um bom professor percebe que os alunos são diferentes e, por isso mesmo, deve tentar, através de diversificação de métodos, chegar ao maior número de alunos.” (p. 69-70).

Na abordagem construtivista,

“a motivação é caracterizada por desequilíbrio, necessidade, carência, desorganização, que seriam fatores favoráveis à motivação intrínseca do aluno, ou seja, à própria capacidade do aluno de aprender, identificando-se com a criação de um interesse no campo psicológico. À escola caberia o trabalho de possibilitar ao aluno um interesse intrínseco à sua própria ação, tendo como uma das diretrizes fazer com que seja atingido um alto nível de interesse pela tarefa.” (Veríssimo & Andrade, 2001, para.5).

Desta forma, as tarefas propostas pelos docentes deverão despertar na criança interesse /motivação que estimule a atividade mental na criança.

Segundo Oliveira (2007) compete ao docente ajudar o aluno quanto à sua capacidade de auto-regulação (capacidade que revela autonomia) da aprendizagem, dando aos alunos não só apoios a nível afetivo e cognitivo, mas também a nível sócio-ambiental e comportamentais.

Assim sendo, o professor deverá ter um papel a desempenhar como motivador, dando *feedbacks* de encorajamento ao aluno pois,

“para que um aluno esteja motivado, é sempre necessário que sejam estabelecidos objetivos finais e intermédios e que lhes seja dado feedback dos seus progressos. O aluno precisa de ter a perceção se o seu trabalho está a ir (ou não) no bom caminho. A desmotivação, de um ou mais alunos, é um fator de potencial indisciplina e esta, por sua vez, leva ao insucesso escolar” (Cardoso, 2013, p.69).

De acordo com Oliveira (2007), o docente deverá, primeiramente, criar tarefas interessantes e apropriadas à idade e às capacidades dos alunos; delimitar os objetivos dando atenção à evolução dos alunos; utilizar métodos de descoberta que explorem a curiosidade, despertando o interesse à criança; procurar que o aluno se motive intrinsecamente; deverá utilizar reforços verbais e usar prémios (os castigos só

devem ser usados em último recursos; fornecendo, sempre que possível, *feedbacks*, de forma a ajudar o próprio aluno na sua auto-avaliação); não dar tanta ênfase a qualquer insucesso sem significado perante o aluno; apelar mais à colaboração do que à competição e, ainda, estar atento ao clima sócio-afetivo do grupo.

Segundo Taipa (1997), é necessário o docente agir ativamente para melhorar a motivação do aluno, assim como o ensinar a pensar. Para tal, o professor deve promover na sala de aula um ambiente sociável, de forma a fomentar no aluno um sentimento de pertença, para que se sinta integrado. De acordo com Boruchovitch (2009),

“a motivação, em concreto, não é somente uma característica própria do aluno, mas também mediada pelo professor, pela ambiente de sala de aula e pela cultura da escola. (...) das distintas formas de promover a motivação, a principal é que o próprio professor seja um modelo de pessoa motivada” (cit in. Ribeiro, 2011, para.3).

Assim, as crianças despertam interesses naturais, onde o docente deverá aproveitá-los, trabalhando em seguimento dos mesmos. Segundo Cardoso (2013):

“o professor deve, também, perceber que os jovens têm uma curiosidade natural para adquirirem a informação necessária para agir no que é novo e, até então, desconhecido. (...) Os professores devem, assim, aproveitar esta curiosidade natural dos alunos, já que esta curiosidade levará ao conhecimento e este permite, por sua vez, diminuir a angústia e criar a segurança para agir conscientemente perante novas situações. A boa notícia aqui é que a curiosidade pode ser treinada e mesmo estimulada pelo professor” (p.228).

As interações adulto-criança são uma dimensão fundamental da pedagogia, permitindo determinar se estamos perante uma pedagogia transmissiva ou uma pedagogia participativa. Desta forma, as interações e relações são o centro de toda a pedagogia participativa. Assim, criar interações, refletir e reconstruir deve ser uma rotina que os profissionais devem desenvolver na Pedagogia-em-Participação (Formosinho, 2011b).

Segundo Lopes & Silva (2010), a relação entre o docente e o aluno é considerado como uma componente fundamental no sucesso da criança, isto é “os alunos com atitudes positivas para com os professores e as escolas têm notas mais altas e melhores resultados (...) quando questionados sobre os factores que influenciam o rendimento escolar quase todos realçam as relações entre professores e alunos” (p. 63).

De acordo com Hattie (2009), a grande parte das crianças que não gosta de frequentar a escola, tem como razão primordial a relação que mantém com o seu professor, afirmando que “mais de 200 estudos confirmam que as relações entre professor-aluno têm uma elevada influência no desempenho escolar dos alunos.” (cit in. Lopes & Silva, 2010, p.64).

Desta forma, o docente deve compreender os interesses dos alunos, existindo uma comunicação entre ambos, para posteriormente a essa conversa, possa existir um *feedback* por parte do docente. Assim, o *feedback* permite que o aluno se sinta mais seguro e aprenda os conteúdos com outro tipo de interesse (Lopes & Silva, 2010).

Assim, a relação professor-aluno é fundamental aumentar o nível de rendimento escolar assim como melhorar o bem-estar socioemocional entre os sujeitos envolvidos.

## 4. A participação das crianças na aprendizagem

A participação das crianças é considerada um direito e é vista como uma forma de respeitar as mesmas de acordo com os seus direitos, interesses e opiniões. Assim, de acordo com Pais (2000),

“participation is an entitlement, and cannot be genuine if it gives no opportunity for the child to understand the consequences and the impact of his or her opinions. ‘Participation’ should therefore not be used to disguise for any form of manipulation or tokenism. Again, the issue is, as the Convention as stressed, how to express respect for the views of the child. It is for this reason that, in addition to facilitate and support activities where children can freely participate, it is becoming increasingly important to consider whether and how we are prepared to ensure a follow-up to children’s recommendations or expression of concern” (p.99).

Com a evolução dos anos, é possível constatar que as perspetivas pedagógicas, na atualidade, privilegiam a criança. A criança torna-se, no século XX, o centro das preocupações e das atenções, passando a ser o “ponto de partida, o centro e o fim” da ação pedagógica, pelo que “todas as matérias hão de estar ao serviço do seu desenvolvimento; são instrumentos que valem na medida em que servem as necessidades de crescimento” (...) a sua finalidade (é) (...) “a auto-realização” (Agostinho, Demétrio & Bodenmuller, 2015,p. 48).

De acordo com a Unicef, o artigo 12º da Convenção dos Direitos da Criança, remete para a importância das crianças participarem como sujeitos ativos, consideradas pessoas com o direito de se expressarem livremente, fazendo com que as suas opiniões sejam ouvidas assim,

“several provisions in the Convention on the Rights of the child reflect children’s right to participation participation is one of the guiding principles of the Convention, as well as one of its basic challenges. Article 12 of the Convention on the Rights of the Child states that children have the right to participate in decision-making processes that may be relevant in their lives and to influence decisions taken in their regard—within the family, the school or the community. The principle affirms that children are full-fledged persons who have the right to express their views in all matters affecting them and requires that those views be heard and given due weight in accordance with the child’s age and maturity” (Unicef, para. 1).

Desta forma, começou a colocar-se a criança no centro de toda a ação, de forma a privilegiar alguns aspetos da mesma. Para tal, o docente começou a ouvi-la, para saber compreendê-la e interagir mediante os seus interesses. Contudo, para isso torna-se essencial abrir os horizontes e deixar as crianças se expressarem e participarem na construção do mundo, tendo em conta os seus interesses e as suas motivações.

Desta forma, a criança deve ter um papel ativo na construção dos seus saberes, colocando em prática a sua iniciativa criativa abdicando-se da ideia de receber as aprendizagens passivamente pelo docente.

Tal como referem os autores Graham & Fitzgerald (2010),

“participação’ não é apenas um processo de escuta das crianças, ouvir as suas vozes ou ter em conta as suas opiniões, experiências, medos, desejos e incertezas: sustenta a possibilidade de as crianças descobrirem e negociarem a essência de quem elas são e o seu lugar no mundo.” (cit. in Agostinho, Demétrio & Bodenmuller, 2015,p. 8).

Assim, quando se dá a possibilidade às crianças de participarem, tendo em conta uma participação efetiva, ouvindo as suas ideias e sugestões, deve-se, primeiramente, possibilitar às crianças informações e conhecimentos. Desse modo, a participação da criança é crucial para que sejam reconhecidas a vários níveis, tal como afirma o autor “participação das crianças gira em torno da necessidade, e às vezes da procura, para o reconhecimento - de quem são (a sua identidade), do seu lugar na vida social e política (o seu estatuto) e do que elas têm a dizer (a voz).” (Agostinho, Demétrio & Bodenmuller, 2015,p. 7).

Assim, de acordo com a Unicef, as crianças ao participarem irão enriquecer determinados assuntos, tornando-as ativas na participação, sendo consideradas como agentes de mudança, pois “It recognizes the potential of children to enrich decision-making processes, to share perspectives and to participate as citizens and actors of change.” (para. 1).

Segundo Hohmann & Weikart (2011), quando as crianças são livres de fazer escolhas e dar a sua opinião, o conflito entre adulto-criança origina experiências cooperativas e de aprendizagem. Assim, verifica-se que, quando o adulto compreende os interesses da criança e compreende a necessidade de ela ser mais ativa, torna-se muito mais apoiante, proporcionando à criança momentos ativos e enriquecedores. Desta forma, ao aceitar certos comportamentos das crianças, em vez de ignorar, os adultos fomentam uma relação entre adulto-criança, muito mais agradável e mais tendente à aprendizagem.

Contudo, não é só escutando a criança que se está a promover a participação da mesma, mas sim refletindo e ajudando-as a desenvolver vários aspetos tais como:



o pensamento crítico, a sua auto-confiança, a iniciativa, o processo cognitivo e a linguagem da criança.

Desta forma, no decorrer da prática pedagógica da estagiária, a criança representava o centro de toda a ação, visto que os adultos concordavam com a participação ativa da criança durante todas as práticas.

Sendo assim, as planificações foram elaboradas de acordo com os pedidos das crianças, em conversas informais ou em grande grupo, de forma ao adulto perceber os seus interesses e agir de acordo com os mesmos. De referir que, “planificar é dar à criança poder para se escutar e para comunicar a escuta que fez de si. Assim, o indicador cria hábitos de incluir os propósitos da criança e negociar as atividades e projetos promovendo uma aprendizagem experiencial cooperativa.” (Formosinho, 2011b, p. 33).

De facto, na Pedagogia-em-Participação a planificação cria, momentos em que as crianças devem escutar-se a si mesmas, de forma a definir as suas intenções e interesses. O papel do adulto aqui é considerado, como sendo mediador, ou seja, cria espaço para que a criança se escute a si mesma (Formosinho, 2011b).

Além da planificação ter sido realizada com as opiniões das crianças, também a caracterização do espaço teve por base os interesses das mesmas. Desta forma, durante o estágio, foi criado uma área nova, no qual as crianças, após uma conversa em grande grupo, puderam dar as suas opiniões acerca do local e dos materiais que iriam ser colocados, de acordo com a nova área. A oportunidade que é dada às crianças de participarem na remodelação da sala sugere que, segundo o mesmo autor, “diferentes aprendizagens plurais, isto é, permitem à criança uma vivência plural da realidade e a construção da experiência dessa pluralidade.” (p.11). Assim, foi possível através da negociação surgir algumas opiniões das crianças, segundo Formosinho (2011b), a negociação é vista como uma solução para conversar diversos processos e conteúdos, de forma a chegar a algum consenso. “É um instrumento de participação que afasta ainda mais a perspetiva construtivista da perspetiva tradicional” (Formosinho, 2011b, p. 33).

Em suma, toda a atividade da criança é exercida em colaboração com o adulto, as restantes crianças e a comunidade envolvente. Esta atividade é caracterizada como a participação no decorrer do quotidiano educativo. No entanto, o docente deverá sempre organizar o ambiente, escutar e observar tudo ao seu redor.

De acordo com Formosinho (2011b), os objetivos da Pedagogia-em-Participação assentam no envolvimento da experiência e a construção da aprendizagem onde a criança seja capaz de participar, assim, “a motivação para

aprendizagem sustenta-se no interesse intrínseco da tarefa e nas motivações intrínsecas das crianças” (Formosinho, 2011b, p. 100).

Deste modo, de acordo com a Convenção dos Direitos da Criança, a participação é considerada, assim, como um direito, no qual a criança deve exercer, tendo a liberdade de expressar a sua opinião, assim,

“While acknowledging that the child is a vulnerable human being that requires the protection and assistance from the family, the society and the State, the child is envisaged as a subject of rights, who is able to form and express opinions, to participate in decision-making processes and influence solutions, to intervene as a partner in the process of social change and in the building up of democracy” (Pais, 2000, p.93).

Tal como está referido pela Unicef “the child's participation is a right and children therefore are free to express their views or, if they prefer, to not do so.” (para.4).

# **PARTE II- COMPONENTE EMPÍRICA**

## **Capítulo II - Metodologia de Investigação**

### **1. Tipo de estudo**

Segundo Alarcão (2001), os fins da atividade científica são compreender, explicar e prever, projetando teorias e operacionalizando modelos. Salaria ainda que, a essência de um investigador centra-se na vontade de conhecer e, se possível, de intervir para melhorar. Refere ainda que é na fase metodológica que se delimitam os métodos a utilizar para obter as soluções às questões de investigação colocadas.

“O investigador deve obrigar-se a escolher [...] um fio condutor tão claro quanto possível, de forma que o seu trabalho possa iniciar-se sem demora e estruturar-se com coerência” (Quivy & Campenhoudt, 2003, p. 31). Por conseguinte, incidiu-se sobre uma análise qualitativa e quantitativa, relativamente ao processo de investigação, mais concretamente, para compreender a realidade estudada. Tal como afirma Sousa e Batista este tipo de investigação “centra-se na compreensão dos problemas, analisando os comportamentos, as atitudes ou os valores” (Sousa, e Batista, 2011, p.56).

### **2. Objetivos de investigação**

Segundo Quivy & Campenhoudt, a questão de partida tem a intenção de clarificar o que se quer investigar, com a finalidade de entender os fenómenos e os acontecimentos que são observados. Deve ser clara e pertinente, uma vez que tenta “expressar o mais exatamente possível o que procura saber, elucidar, compreender melhor” (2003, p. 32). De acordo com esta investigação elaborou-se a pergunta de partida “qual a relação entre os interesses das crianças e a sua aprendizagem?” baseada nos objetivos propostos incidem em: perceber de que forma a motivação influencia o sucesso na aprendizagem da criança; compreender a relação existente entre os interesses da criança e a aprendizagem adquirida e perceber em que medida a relação docente-criança poderá estar relacionada com a motivação.

### **3. Contextos de investigação**

No decorrer desta investigação foi efetuado estágio no contexto Pré-Escolar e no 1º Ciclo do Ensino Básico.

Assim, relativamente à Educação Pré-Escolar, a instituição está inserida na Área Metropolitana do Porto. Caracteriza-se com sendo uma instituição da Igreja Católica criada por uma comunidade paroquial, e ao mesmo tempo, uma I.P.S.S que,

“visa a prestar um serviço à comunidade paroquial onde se encontra inserido, ajudando as famílias na importante missão de educar e criar, uma sociedade melhor para o futuro, procurando marcar a sua ação pelos valores cristãos e humanistas que a orientam.” (Projeto Educativo da Instituição da Educação Pré-Escolar).

É composto por um edifício principal destinado à Educação Pré-escolar, ATL e administração. O segundo assume os serviços de restauração e lavandaria. Por último, o terceiro, e mais recente, destina-se à Creche.

Segundo o Projeto Educativo, este intitula-se por *Juntos por um mundo melhor* e apresenta como objetivos gerais: fomentar uma educação para os valores e promover a participação das famílias. Desta forma, as prioridades de intervenção educativa passam pela educação de valores, educação para a cidadania, exploração do carácter lúdico, educação estética, a resolução de problemas e por fim, o progressivo domínio da linguagem oral e a familiarização com o código escrito.

De referir ainda, que na valência da Educação Pré-Escolar a equipa pedagógica é composta por 3 educadoras e 3 auxiliares, relativamente à Creche a equipa é formada por 3 educadoras e 5 auxiliares. Por fim, quanto ao ATL, é composto por 1 docente e 2 auxiliares.

No que concerne ao 1º Ciclo do Ensino Básico, a instituição situa-se no concelho e distrito do Porto. Sendo considerada uma instituição pública, estando localizada na parte ocidental da cidade, apresenta uma área envolvente com zonas empresariais e a existência de vários bairros camarários em seu redor.

De acordo com o projeto educativo desta instituição, tem como lema *construindo caminhos para uma escola de sucesso*, tendo como objetivos proporcionar uma vida escolar estimulante e cada vez mais ativa para os alunos, diversificar toda a oferta educativa e, ainda, aumentar as expectativas em relação ao trabalho escolar dos discentes. Apresenta também alguns valores, nomeadamente: contribuir para a defesa da identidade nacional, assegurar a formação cívica e moral dos jovens, assegurar o direito à diferença uma vez que as crianças são todas diferentes e de várias etnias e, ainda, desenvolver a capacidade para o trabalho com base numa sólida formação.

Relativamente à equipa pedagógica, é composta por 9 docentes e 5 auxiliares, incluindo a coordenadora da escola.

## **4. Participantes do Estudo**

A presente investigação decorreu num jardim-de-infância e numa escola do 1º Ciclo do Ensino Básico, em contextos onde decorreu a prática de ensino supervisionada da estagiária.

No que diz respeito ao jardim-de-infância, os participantes foram três educadoras de salas diferentes que responderam a uma entrevista, crianças de diversas faixas etárias com quem se efetuou um focus group e, ainda, aos encarregados de educação a quem foram aplicados inquéritos por questionário, tendo sido obtidas 31 respostas.

No que concerne ao 1º Ciclo do Ensino Básico, os participantes foram 4 professores de vários anos com diferentes anos de profissão e experiência, tendo respondido a uma entrevista. Realizou-se ainda, inquéritos por questionário a alunos e encarregados de educação deste contexto.

Relativamente aos alunos do 1º Ciclo do Ensino Básico obteve-se uma amostra de 77 inquiridos de vários anos de escolaridade distintos, desde o 1º até ao 4º ano. Quanto aos encarregados de educação obteve-se resposta por parte de 47 inquiridos.

## **5. Procedimentos, técnicas e instrumentos de recolha de dados**

Para a recolha de dados foi necessário recorrer a inquéritos por questionário, a entrevistas realizadas às educadoras de infância e aos docentes do 1º Ciclo do Ensino Básico e, ainda, à realização de focus group às crianças, de forma a conhecer a realidade desta temática nestes contextos.

De acordo com Tuckman (2000), o questionário é utilizado pelos investigadores, para transformar em dados a informação recolhida, mediante a interrogação de pessoas (ou sujeitos). Através deste processo, é possível medir o que uma pessoa sabe (informação ou conhecimento), o que gosta e não gosta (valores e preferências) e o que pensa (atitudes e crenças). Segundo Pardal & Lopes (2011), o inquérito por questionário apresenta outras vantagens tais como o facto de as respostas serem anónimas e possibilitar ao inquirido ter um tempo para responder, adequado à sua disponibilidade.

Desta forma, o inquérito por questionário elaborou-se após uma revisão da leitura, com base na determinação de vários objetivos para o decorrer da investigação. As questões apresentadas podem ser: questões fechadas (Ghiglione & Matalon, 1993), onde se consta uma lista de respostas possíveis ao inquirido, no qual terá que

indicar a resposta que melhor se adequa na sua opinião à questão; e questões abertas no qual o sujeito responde livremente (Damas & De Ketele, 1985).

De referir que os questionários aplicados apresentam questões abertas e fechadas. Embora as respostas abertas possam levar o sujeito a “não se dar ao trabalho de responder, porque demora tempo a refletir (...)” (Sousa, 2009, p. 217-218). Possuem também questões de carácter quantitativo avaliado por escalas nominais apresentadas no âmbito das respostas do questionário.

Estes questionários aplicados aos encarregados de educação no contexto de Educação Pré-Escolar focalizam-se em diferentes dimensões tais como: quotidiano do educando, conversas com a criança, motivação em frequentar o jardim-de-infância, estado emocional da criança, interesses do educando, a aprendizagem influenciada pela motivação, exemplos de interesses surgidos, idade do educando, do encarregado de educação e o seu grau de parentesco (ver anexo 1). Relativamente ao contexto do 1º Ciclo do Ensino Básico, realizado no decorrer do estágio efetuado, o presente questionário incidiu sobre o quotidiano do educando, os momentos e temas de conversa entre adulto-criança e encarregado de educação-docente, as áreas curriculares de maior/menor preferência, as estratégias preferidas na aprendizagem, a aprendizagem influenciada pela motivação, estado emocional da criança, o seu ano de escolaridade, a idade do educando e do encarregado de educação e o seu grau de parentesco (ver anexo nº 7, 8 e 9).

Assim, a “análise estatística dos dados impõe-se em todos os casos em que estes últimos são recolhidos por meio de um inquérito por questionário.” (Quivy & Campenhoudt, 2003, p. 224). Deste modo, toda a clareza dos resultados, a sua precisão e o rigor do dispositivo metodológico são das principais vantagens da análise estatística dos dados.

Sendo assim, foi necessário redigir uma carta às coordenadoras das instituições da Educação Pré-Escolar e do 1º Ciclo do Ensino Básico de modo a autorizarem a entrega de questionários aos encarregados de educação, aos alunos e, ainda, a realizar entrevistas aos docentes das mesmas instituições.

A entrega dos inquéritos aos encarregados de educação do jardim-de-infância foi realizada ao fim do dia, quando estes iam buscar as crianças, explicando a situação pretendida e ainda, a confidencialidade do mesmo. No 1º Ciclo do Ensino Básico os alunos tiveram a responsabilidade de levar os inquéritos por questionário para casa, para poderem entregar aos encarregados de educação.

Um outro recurso utilizado na investigação diz respeito às entrevistas, que ajudam a “constituir a problemática da investigação de modo que contribuem para

descobrir aspetos a ter em conta e alargam ou retificam o campo da investigação das leituras” (Quivy & Campenhoudt, 2003, p. 69).

Assim sendo, as entrevistas foram realizadas às educadoras de infância e professores das diferentes salas existentes nas instituições, onde o objetivo primordial consistia em obter a opinião relativamente à influência dos interesses das crianças na aprendizagem, identificar estratégias de aprendizagem, compreender de que forma surgem os interesses das crianças e, ainda, entender quais os fatores que influenciam a motivação/desmotivação do aluno (ver anexo 5 e 10). O guião da entrevista permitiu assim perceber a importância dada aos interesses das crianças pelos profissionais de educação (ver anexo 2).

Desta forma, a entrevista “é um método de recolha de informações que consiste em conversas orais, individuais ou de grupos (...) cujo grau de pertinência, validade e fiabilidade é analisado na perspectiva dos objetivos da recolha de informações (Ketele & Roegiers, 1999, p.18).

Neste estudo, optou-se pelas entrevistas semi-estruturadas, pois parecem mais adequadas neste contexto e permitirem maior segurança ao investigador.

Segundo André (1983), as entrevistas qualitativas visam compreender o carácter multidimensional dos fenómenos e, ainda, assimilar diversos significados de experiências vividas, auxiliando a compreensão do indivíduo no contexto.

Assim, a entrevista é caracterizada como sendo semi-estruturada e qualitativa, uma vez que foi necessário um guião para a realização da mesma e ainda contém respostas de opinião, assim como, respostas de caracterização pessoal.

Quanto ao focus group, foi elaborado a três grupos de crianças com idades distintas, com 5/6 crianças em cada grupo, tendo como objetivo compreender as crianças e os seus interesses, verificando se os adultos privilegiam e agem em conformidade com os interesses das crianças (ver anexo 3 e 4).

De acordo com Alzina (2004), a entrevista focus group “es una técnica cualitativa que recorre a la entrevista realizada a todo un grupo de personas para recopilar información relevante sobre el problema de investigación.” (p.343). Sendo assim, toda a participação do grupo é moderada por um investigador que estabelece perguntas para a discussão. No entanto, segundo o mesmo autor, o investigador apresenta um papel crucial, visto que terá que manter a discussão centrada no tema sem que ocorra dispersões.

De referir ainda que, para conseguir compreender os interesses da criança e as suas necessidades, recorreu-se à elaboração de registos de incidentes críticos, de forma a registar toda a observação realizada, caracterizando-se como um instrumento de investigação neste relatório (ver anexo 6).

Segundo Quivy e Campenhoudt (2003), “os métodos de observação directa constituem os únicos métodos de investigação social que captam os comportamentos no momento em que eles se produzem”. Estes autores defendem, ainda, que a “observação directa é aquela em que o próprio investigador procede directamente à recolha de informações, sem se dirigir aos sujeitos interessados. Apela directamente ao seu sentido de observação.” (p.197).

## 6. Cronograma

Programação/Meses	mar.	abr.	mai.	jun.	jul.	ago.	set.	out.	nov.	dez.	jan.
Escolha da temática de investigação											
Revisão bibliográfica											
Justificação da temática											
Realização da pergunta de partida associada à temática											
Definição de objetivos de investigação											
Reformulação de objetivos de investigação											
Recolha de registos de observação											
Definição dos participantes de estudo											
Construção de inquéritos por questionário aos encarregados de educação											
Realização da carta de autorização e a sua entrega											
Construção da entrevista às educadoras											
Entrega dos inquéritos por questionário aos encarregados de educação											
Realização do <i>focus group</i>											
Realização das entrevistas às educadoras											
Entrega de relatório parcial à orientadora											
Realização dos inquéritos por questionário aos alunos											
Entrega e recolha dos inquéritos por questionário aos alunos											
Realização das entrevistas aos docentes do 1º Ciclo do Ensino Básico											
Análise e tratamento de dados											

Tabela 1- Cronograma de Investigação



# Capítulo III - Apresentação, análise e discussão dos resultados

## 1. Descrição dos resultados do Jardim-de-infância

Neste capítulo irão ser apresentados os dados obtidos através dos questionários, das entrevistas e do focus group.

### 1.1 Análise do inquérito por questionário efetuado aos encarregados de educação

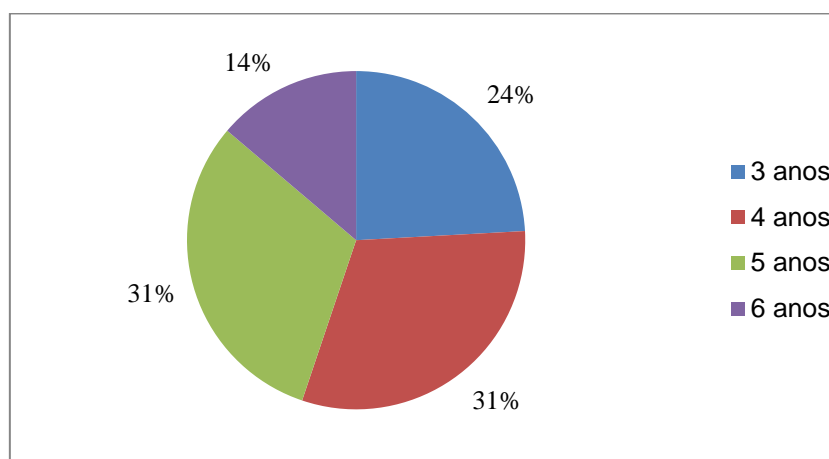


Gráfico 1- Idade do educando

Relativamente ao gráfico 1, a idade dos educandos que predomina são os 4 anos e os 5 anos, com 31% cada. Com 3 anos de idade verificam-se 24% das crianças nesta faixa etária e 14% dizem respeito às crianças com 6 anos de idade.

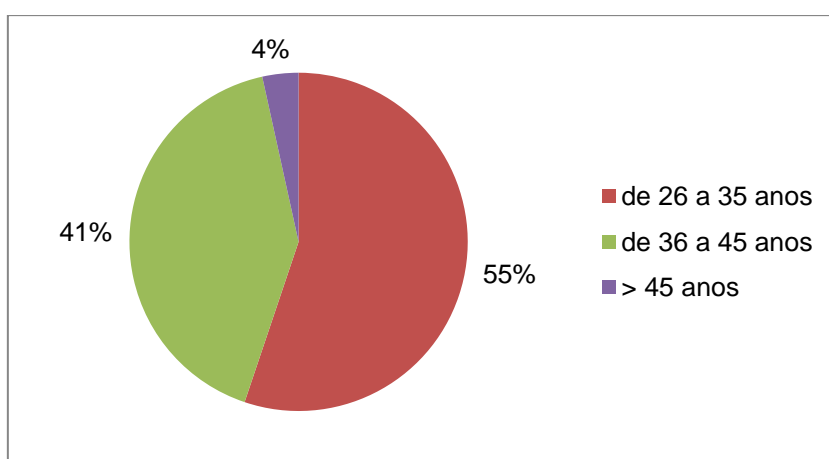


Gráfico 2- Idade dos encarregados de educação

Relativamente à idade dos inquiridos, no gráfico 2 verificam-se que, a idade preponderante dos encarregados de educação varia entre os 26 a 35 anos, 41%

referem às idades compreendidas entre os 36 e os 45 anos e 4% maior que 45 anos de idade.

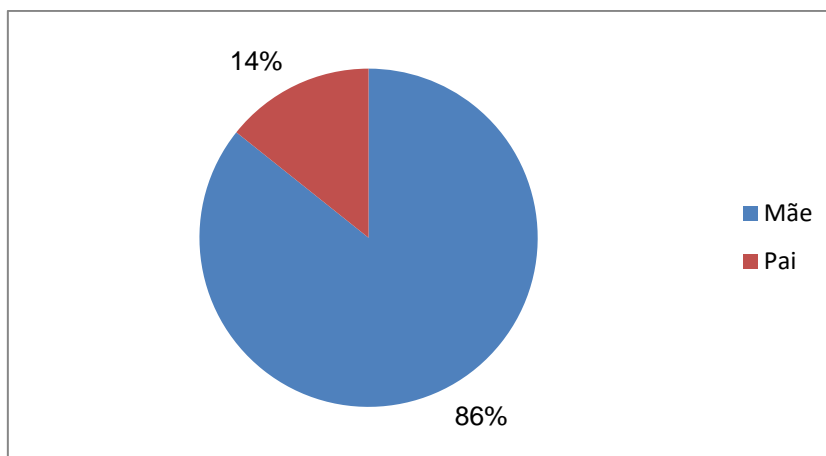


Gráfico 3 - Grau de Parentesco

Segundo o gráfico 3, 86% dos inquiridos que responderam ao inquérito por questionário foram as mães e 14% correspondem aos pais.

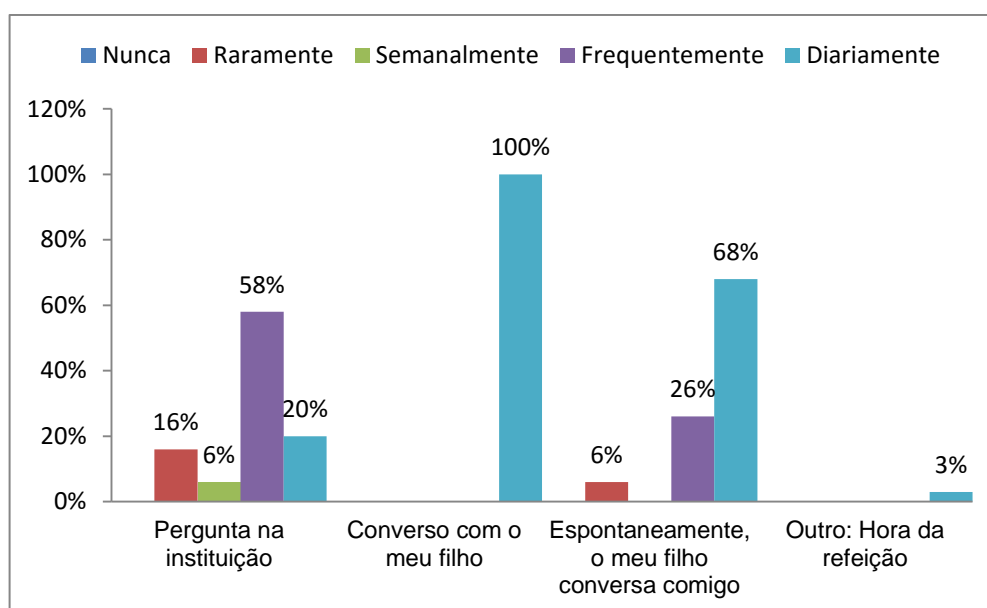


Gráfico 4- Quotidiano da criança no jardim-de-infância

Quanto ao modo como o encarregado de educação está a par do quotidiano da criança, 58% dos inquiridos mencionaram questionar “frequentemente” na instituição, 20% responderam “diariamente”. Com uma percentagem menor, de 16%, referem questionar “raramente” e 6% afirmam questionar “semanalmente”.

Relativamente ao indicador “converso com o meu filho”, 100% dos inquiridos responderam que tem uma conversa “diariamente” com o seu educando acerca do seu dia-a-dia.

Por sua vez, quanto ao indicador “espontaneamente o meu filho conversa comigo”, 68% afirmaram fazer “diariamente”, 26% referiram “frequentemente” e, com uma menor percentagem, 6% afirmaram que “raramente” o faz.

De referir, neste gráfico que 3% responderam à opção aberta: outro, descrevendo que conversava com o seu educando nas “horas de refeição”.

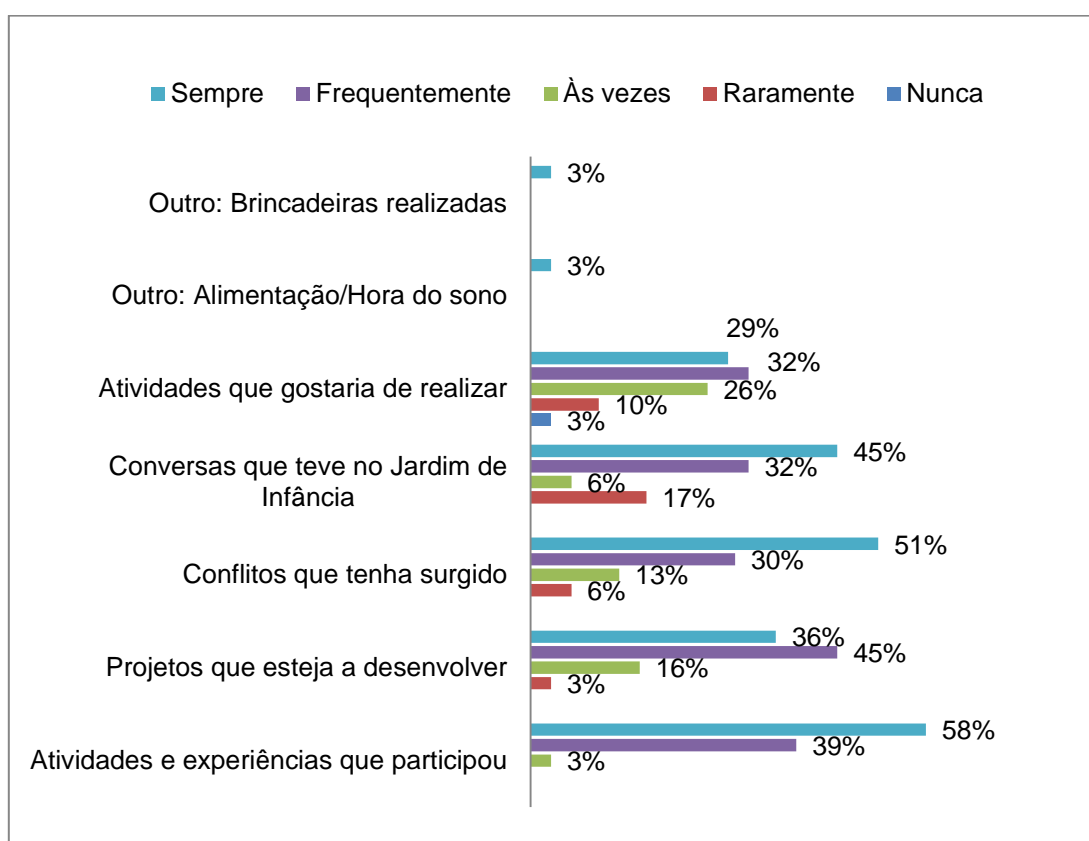


Gráfico 5 - Frequência das conversas

Relativamente à frequência das conversas, 58% dos inquiridos responderam que conversavam “sempre” com o seu educando acerca das atividades e experiências realizadas, 39% afirmaram “frequentemente”, 3% referiu conversar “às vezes”. Quanto aos projetos que desenvolvem na sala, 45% dos inquiridos referiram que falam “frequentemente”, 36% mencionaram falar “sempre” sobre os projetos da sala, por sua vez, 16% (“às vezes”) e 3% (“raramente”), respetivamente. Relativamente aos conflitos que tenham surgido, 51% responderam falar “sempre”, 30% assumiram falar “frequentemente”, 13% afirmaram que falam “às vezes”, e com menor percentagem (6%) afirmaram falar “raramente” sobre o assunto. No que concerne às conversas que

teve no jardim-de-infância, 45% mencionaram falar “sempre” com o seu educando, 32% enunciaram que conversam sobre este tema “frequentemente”, 17% declaram falar “às vezes” e 6% “raramente”. Quanto às atividades que gostariam de fazer, 32% dos inquiridos responderam que conversavam “frequentemente” sobre o assunto, 29% afirmaram conversar “sempre”, enquanto 26% referiram ter “às vezes” esta conversa, 10% dos inquiridos responderam “raramente”, enquanto, 3% dos inquiridos responderam que “nunca” conversaram sobre este tema. Relativamente à opção em aberto, 3% referiram que abordava ainda assuntos relacionados com a alimentação e a hora do sono do seu educando e, ainda, 3% mencionaram também falar sobre as brincadeiras realizadas pela criança.

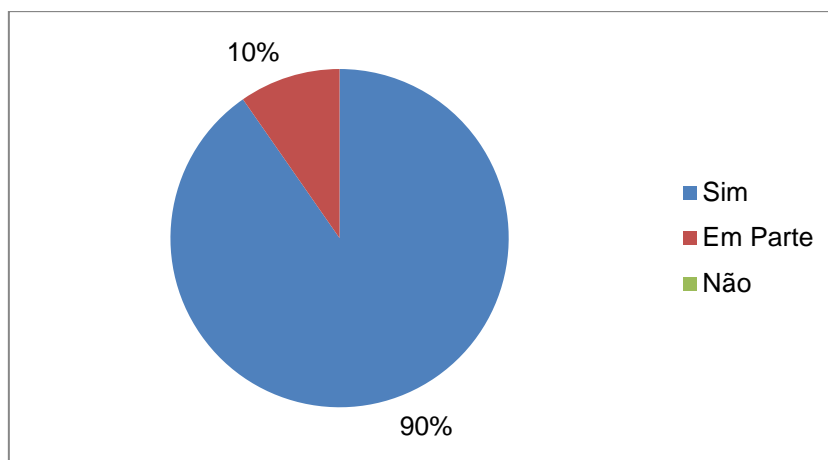


Gráfico 6 - A motivação da criança no jardim-de-infância

Relativamente à motivação da criança, pode-se verificar que 90% responderam que o educando encontrava-se motivado em aprender e em frequentar o jardim-de-infância e 10% referiram que o seu educando, encontrava-se “Em parte” motivado.

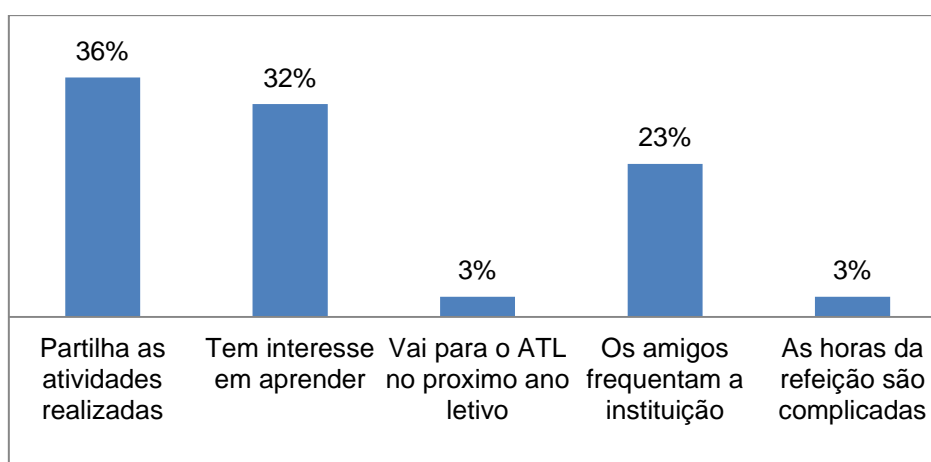


Gráfico 7 - Categorias de respostas sobre a justificação relativa à percepção dos encarregados de educação sobre a motivação da criança

Verificaram-se neste gráfico que estão apresentadas várias respostas, relativamente à questão anterior. Dos inquiridos, 90% que mencionaram “sim”. Foram analisadas as respostas, tendo sido obtido os seguintes indicadores: partilha as atividades realizadas (36%), tem interesse em aprender (32%), vai para o ATL no próximo ano (3%), sendo que o ATL é na instituição, e ainda os amigos frequentam a instituição (23%). No restante, 10% afirmaram “Em parte” estarem motivados dando o exemplo: “as horas de refeição são complicadas” (3%).

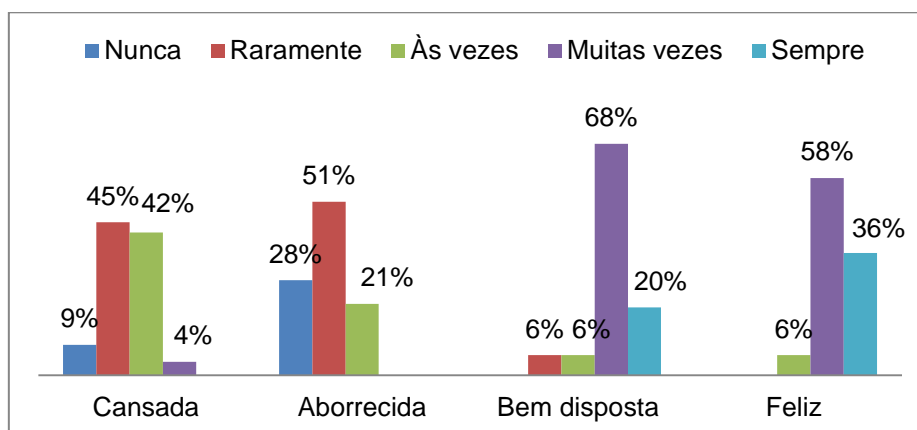


Gráfico 8 - Nível emocional

Relativamente ao nível emocional, o gráfico apresenta vários indicadores: cansada, aborrecida, bem-disposta e feliz. Quanto ao indicador cansada, 45% afirmaram “raramente”, 42% afirmaram “às vezes”, 9% dos inquiridos mencionaram “sempre”, 4% referiram “muitas vezes”. Quanto ao indicador “aborrecida”, 51% das respostas referiram “raramente”, 28% indicaram “sempre”, 21% mencionaram “às vezes”. Relativamente à criança encontrar-se bem-disposta, 68% afirmaram “muitas vezes”, 20% referiram “sempre” e, ambas com 6% referiram “raramente” e “às vezes”. Por último, relativamente ao indicador feliz, 58% responderam “muitas vezes”, 36% afirmaram “sempre” e 6% referiram “às vezes”.

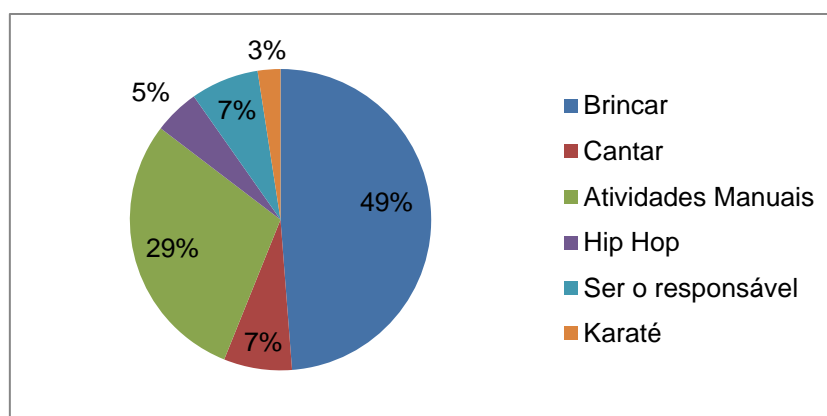


Gráfico 9 - Interesses da criança no Jardim-de-infância

De acordo com o gráfico 9, pode-se analisar os interesses da criança no jardim-de-infância. Assim, é possível verificar vários indicadores tais como: Brincar com 49%, Atividades Manuais representando 29%, de seguida, tanto o indicador de Ser o Responsável, como Cantar obtiveram 7% de respostas, 5% afirmaram o Hip Hop e 3% referiram o Karaté como sendo um interesse do educando.

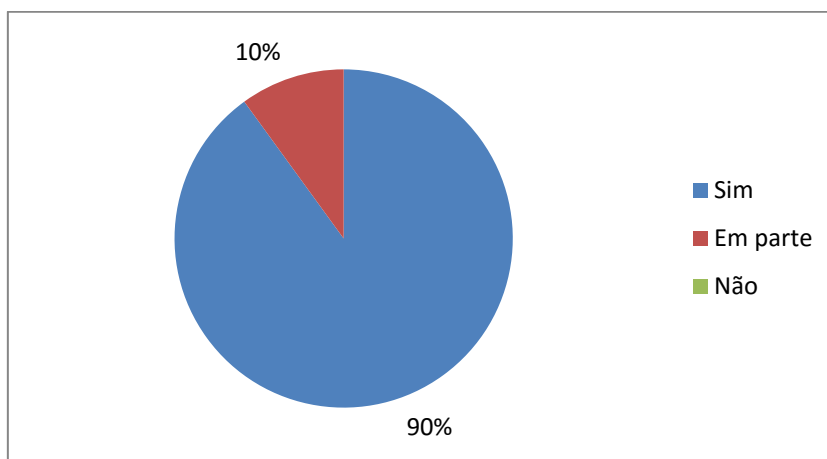


Gráfico 10 - Relação entre aprendizagem/motivação

Verificando a relação entre a aprendizagem/motivação, 90% de respostas dos inquiridos referiram que se a aprendizagem partir dos interesses das crianças, estas irão ter uma maior aprendizagem, por sua vez 10% mencionaram que “em parte” verifica-se isso.

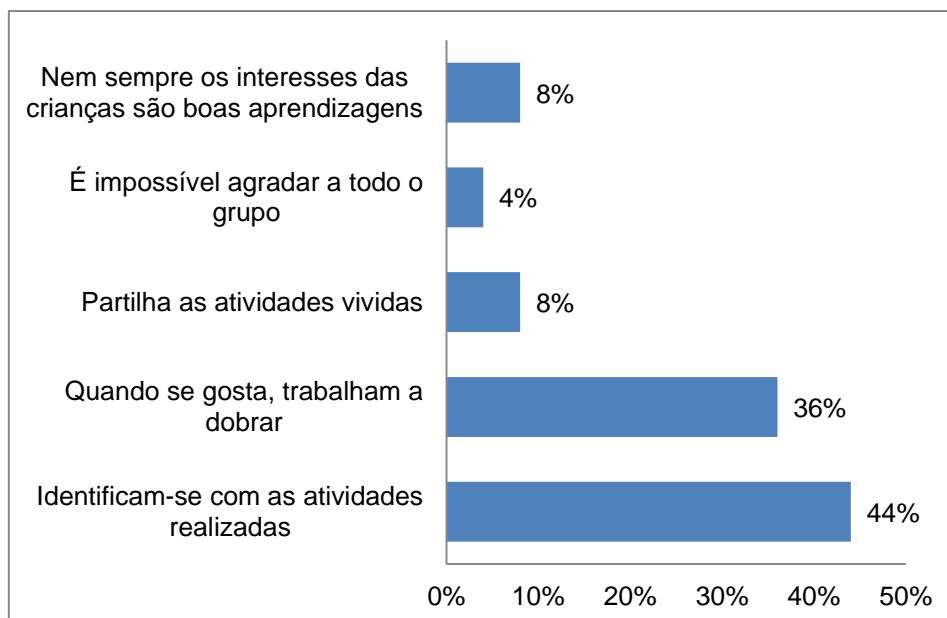


Gráfico 11 - Categoria de Respostas sobre a justificação relativa à percepção dos encarregados de educação sobre a motivação

Categorizando as respostas sobre a percepção dos encarregados de educação relativamente à motivação, 44% referiram que, se a criança identificar-se com as atividades, esta irá estar motivada, 36% indicaram que “quando se gosta do que faz, trabalha-se a dobrar”, 8% referiram que nem sempre os interesses das crianças irão construir uma boa aprendizagem e 8% mencionaram que o educando partilha sempre as atividades realizadas, por último 4% afirmaram que é impossível agradar o grupo na totalidade.

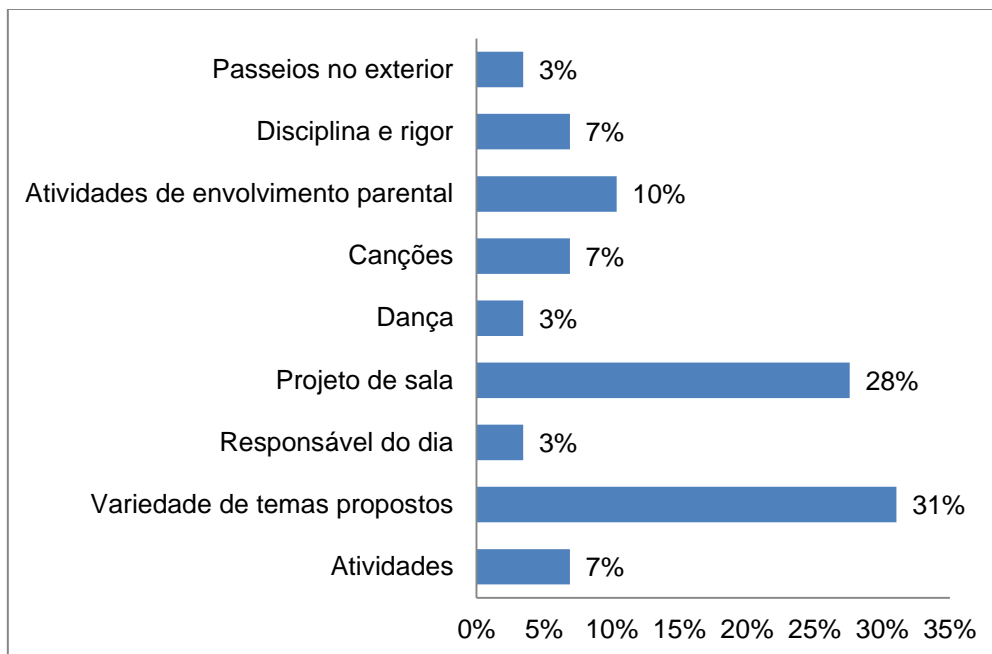


Gráfico 12 - Exemplos de interesses que tenham influenciado a aprendizagem

Relativamente aos exemplos de interesses que tenham influenciado a aprendizagem, 31% dos inquiridos afirmaram que se existir uma variedade de temas propostos levará a uma maior aprendizagem, 28% referiram que o projeto de sala é um interesse das crianças que surge numa aprendizagem, 10% mencionaram atividades de envolvimento parental, 7% afirmaram que as atividades, disciplina e rigor e as canções resultam sempre numa boa aprendizagem e, ainda, 3% referiram que a categoria – dança, passeios no exterior e ser eleito o responsável do dia- influencia a aprendizagem da criança.

## **1.2 Percepção das educadoras relativamente à relação entre motivação e a aprendizagem**

Analisando a tabela 2 (ver anexo 14), no qual constam as respostas às entrevistas realizadas às educadoras, pode-se verificar que todas apresentam a mesma opinião, ou seja, apresentam o mesmo fio condutor relativamente à relação entre motivação e aprendizagem.

Relativamente à questão sobre se as educadoras concordam com a citação de "deve ser entendida como um meio para alcançar o sucesso escolar, e para cumprir tal premissa o aluno deve sentir em casa e na escola um ambiente favorável ao seu interesse pessoal" (Oliveira 1999, cit in Simão, 2005, p. 10) todas as educadoras apresentaram a mesma opinião, afirmando que a motivação é fundamental para alcançar o sucesso na aprendizagem. Desta forma, Educadora1 afirma que "a motivação é um fator fundamental para o sucesso, só uma criança que sente prazer no que faz consegue caminhar para alcançar o sucesso", assim como, pode-se verificar a resposta da E3 "a motivação é algo que estará sempre presente nas crianças e leva-lhe ao sucesso, não só escolar, como também pessoal. Uma criança motivada irá ter êxito e sucesso na escola, assim como irá sentir-se bem com ela própria e otimista".

Relativamente à questão acerca dos fatores que influenciam a desmotivação da criança, as educadoras apresentam aspetos tais como: atividades não são adequadas e as atividades repetidas, assim E3 afirma que "o meu grupo é bastante complexo e necessita sempre de atividades que os atraem, contudo, os fatores que originam a desmotivação são: atividades que já foram executadas, atividades que não são adequadas para a sua faixa etária, atividades que não sejam concretas. Quanto aos fatores que proporcionam a motivação, por sua vez, as educadoras fazem referência aos materiais apelativos e adequar as atividades ao grupo, tal como referiu a E3:

"o meu grupo é bastante complicado a nível de motivação, porque são crianças que necessitam da motivação por vezes a dobrar do que qualquer outra criança. Contudo, sei que tudo que seja de manusear, tudo que seja para mostrar através de recursos digitais, tudo que seja para eles participarem ativamente, despertará interesses neles."

Quanto à questão da utilização de materiais concretos, todas as educadoras afirmaram que o faziam na sua prática, visto que é fundamental a criança vivenciar através da experiência para, posteriormente adquirir conhecimento. Desta forma, observando as respostas obtidas, verifica-se que na opinião da E2 "por vezes é



necessário utilizar estratégias específicas que possam favorecer uma melhor compreensão por parte das crianças”.

No que concerne às estratégias utilizadas pelas educadoras para perceber os interesses das crianças, as mesmas referem que dão valor aos momentos de transição/acolhimento, onde as crianças estão em grande grupo e através de observações e da conversa com as crianças retiram alguns dados interessantes.

No que diz respeito às estratégias utilizadas, as respostas diferem consoante o grupo, assim, a E1 referiu que apesar de respeitar os diferentes ritmos de aprendizagem, dá sempre importância à experiência da criança. Por sua vez, a E2 refere que procura utilizar estratégias diferentes tais como: histórias e canções. Quanto à E3, afirma que as crianças do seu grupo preferem recursos digitais, captando melhor a atenção.

Relativamente ao ambiente da sala, torna-se essencial para a aprendizagem das crianças, assim a E1 afirma que:

“tudo gira à volta da criança, ela é o centro de toda a sua aprendizagem. Só assim ela se sentirá motivada para a aquisição de novos conteúdos. Só o que é conquistado através da sua experiência pessoal faz sentido para ela. O ambiente deverá ser estimulante indo de encontro aos interesses da criança”.

Por sua vez, a E3 refere outros motivos inerentes a esta questão “é importante privilegiar os interesses das crianças na organização/gestão do ambiente e dos espaços de sala.”

De referir que as três educadoras já estão há mais de 10 anos na instituição, ou seja já existe um grande trabalho em equipa.

### **1.3 Perceção das crianças relativamente à relação entre a motivação e a aprendizagem**

Após a elaboração da tabela de análise dos diferentes grupos de jardim-de-infância (ver anexo 13) foi possível verificar nas respostas dadas uma uniformidade, visto que apresentam todos os grupos uma boa relação com a educadora, considerando-a como uma amiga, como alguém em quem possam confiar. Assim, é notório a afetividade presente e a relação harmoniosa entre adulto-criança que irá favorecer na aprendizagem. Assim, pode-se verificar diversas respostas, durante o *focus group*, quanto a este indicador. Desta forma, Criança2 afirma que:

“a E2 ajuda-me a fazer um trabalho”, a C1 menciona que tem uma relação afetiva, porque, “ela não gosta que nos façamos barulho, mas é muito nossa amiga e está sempre a dizer para nós nos portarmos bem, porque é para o nosso bem.”.

Por fim, a C2 menciona que a sua educadora é “a nossa melhor amiga!”.

Relativamente às atividades que gostam de fazer com o restante grupo, as crianças dos 3 anos preferem atividades manuais, porém os 4 e os 5 anos preferem aprender os conteúdos relacionados com a escrita e com a matemática.

Quanto à importância que os adultos dão aos seus interesses, as crianças verificam que os adultos privilegiam os seus interesses, no entanto, existe uma criança do grupo dos 5 anos que considera que a auxiliar do grupo não acompanha os seus interesses, visto que não dá resposta aos mesmos. Tal como referiu a C2: “Com a A não é assim. Às vezes ela ajuda-nos outras vezes quando eu digo que quero aprender algo novo ela não quer saber. Só a E3 e a estagiária é que nos ajudam.”

Relativamente à concentração das crianças, as mesmas têm noção da realidade e do que fazem, considerando que quando falam de algum assunto de que gostam estão mais concentradas.

Por fim, no que concerne às atividades que gostam de fazer na instituição, todas as crianças referem brincar e aprender, por sua vez, relativamente ao que menos gostam, a grande maioria afirma gostar de fazer tudo, à exceção de uma criança que referiu não gostar de fazer asneiras.

Relativamente aos registos de incidentes críticos é notório que os adultos dão respostas aos interesses da criança e às suas necessidades (ver anexo 6).

Desta forma, é possível verificar após a sua análise, que é nas situações de transição/acolhimento, em conversação entre adulto-criança/criança-criança, que surgem interesses a ser desenvolvidos. Assim, tal como refeririam as educadoras, nas suas entrevistas, são estes momentos, no qual uma profissional têm de mostrar muita atenção aos comentários das crianças e às suas conversas.

## 2. Descrição dos resultados do 1º Ciclo do Ensino Básico

Primeiramente irá ser feita a descrição dos dados recolhidos relativamente ao inquérito por questionário aos encarregados de educação e a análise dos inquéritos por questionário aos alunos das várias turmas de 1º Ciclo do Ensino Básico. Assim sendo, foi necessário recorrer a dois questionários diferentes aos alunos, uma vez que o 1º ano de escolaridade encontra-se numa fase inicial da aprendizagem da leitura e da escrita.

### 2.1 Inquérito por questionário aos encarregados de educação

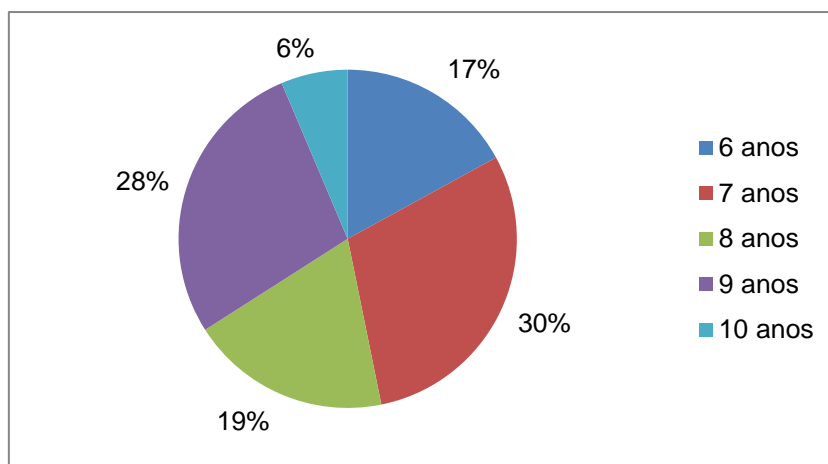


Gráfico 13 - Idade do seu educando

Analisando a idade das crianças, pode-se constatar que das 47 respostas, 30% dos educandos tem 7 anos de idade, 28% têm 9 anos de idade, 19% apresentaram 8 anos, de seguida, 17% têm 6 anos e por fim, 6% afirmaram ter 6 anos.

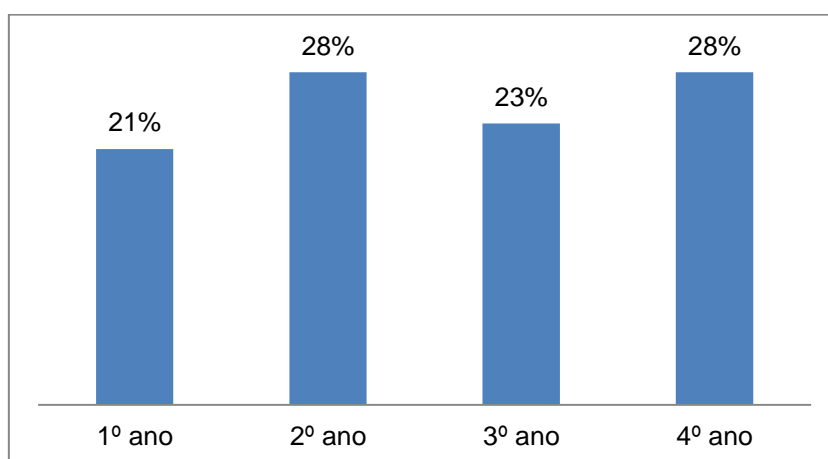


Gráfico 14 - Ano frequentado pelo seu educando

Relativamente ao ano frequentado pelas crianças, ambos com 28% frequentam o 2ºano e o 4º ano de escolaridade, 23% frequentam o 3º ano e, 21% o 1º ano de escolaridade.

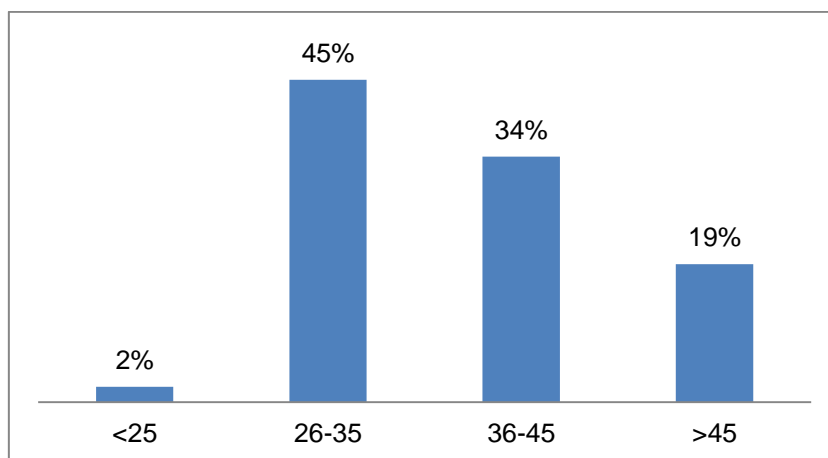


Gráfico 15 - Idade do encarregado de educação

Relativamente à idade dos encarregados de educação pode-se verificar que 45% pertence à faixa etária entre os 26-35 anos, sendo considerado um grupo alvo bastante jovem. Com 34% apresentaram a idade compreendida entre 36 a 45 anos. Com mais de 45 anos, verificaram-se 19% e 2% têm idade inferior a 25 anos.

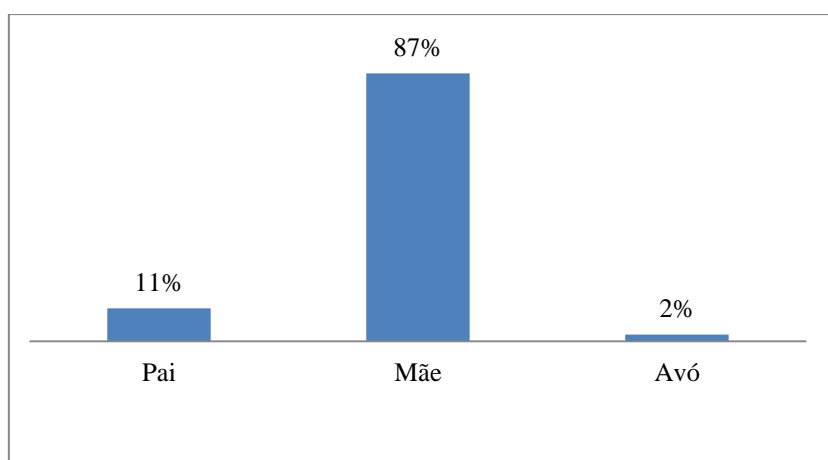


Gráfico 16 - Grau de Parentesco

Quanto ao grau de parentesco dos inquiridos, pode-se constatar que 87% corresponderam às mães, de seguida, 11% dos inquiridos aos pais e por fim, 2% das respostas dizem respeito aos avós.

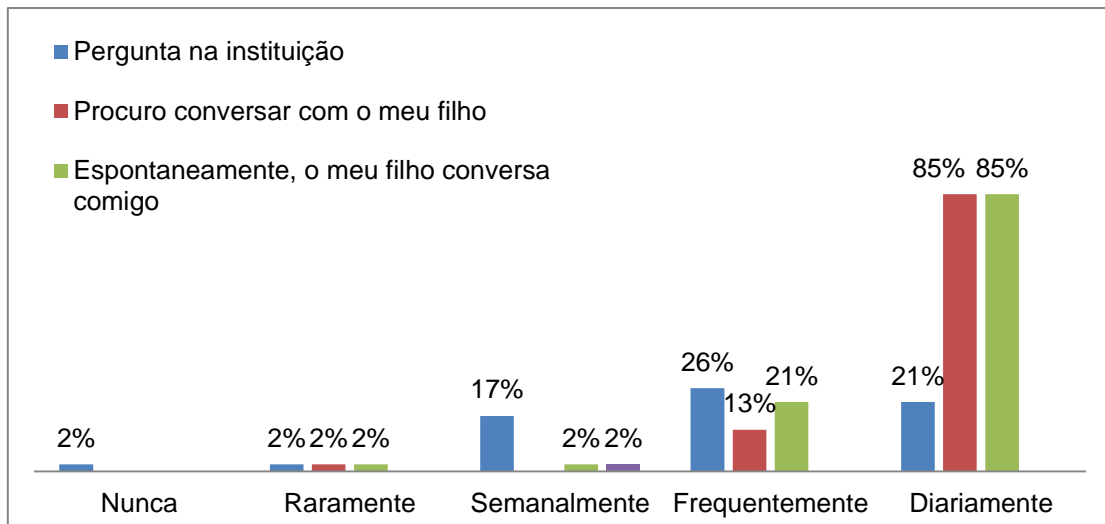


Gráfico 17 - Quotidiano da criança na escola

No que diz respeito ao cotidiano da criança na escola, o gráfico encontra-se dividido em vários indicadores: pergunta na instituição, procuro conversar com o meu filho, espontaneamente, o meu filho conversa comigo e ainda converso com os colegas do meu filho. Quanto ao indicador “pergunta na instituição”, 26% referiram “frequentemente”, 21% afirmaram fazer “diariamente”, 17% “semanalmente”, 2% mencionaram “nunca” e “raramente”. Relativamente ao indicador “Procuo conversar com o meu filho” 85% responderam “diariamente”, 13% “frequentemente” e, 2% “raramente”. Relativamente ao indicador “Espontaneamente o meu filho conversa comigo”, 85% afirmaram “diariamente”, 21% mencionaram “frequentemente” e por fim, 2% responderam “semanalmente” e “raramente”.

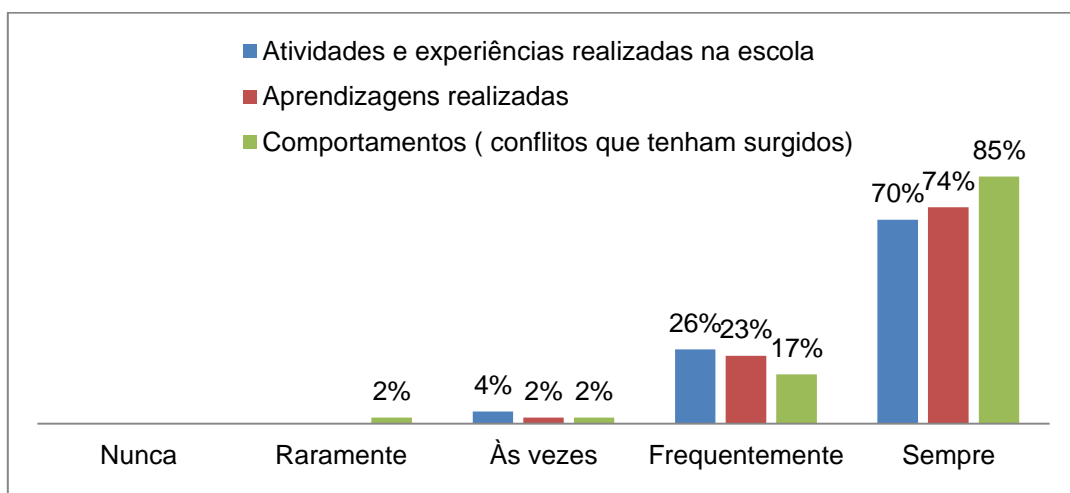


Gráfico 18 - Frequência de conversa sobre os assuntos apresentados

No que concerne à frequência de conversas sobre os assuntos apresentados, constata-se 3 indicadores: atividades e experiências realizadas na escola, aprendizagens realizadas e, ainda, comportamentos (conflitos que tenham surgido). Assim, quanto ao indicador “atividades e experiências realizadas na escola” 70%

afirmaram conversarem “sempre”, 26% mencionaram fazê-lo “frequentemente”, 2% referiram “às vezes”. Quanto às “aprendizagens realizadas”, 74% responderam que conversam “sempre”, 23% responderam que faziam “frequentemente” e, 2% afirmaram “às vezes”. Relativamente aos comportamentos (conflitos que tenham surgidos) pode-se verificar que 85% responderam conversar “sempre”, 17% afirmaram “frequentemente”. Ambos com 2%, verificaram-se as respostas “às vezes” e “raramente”.

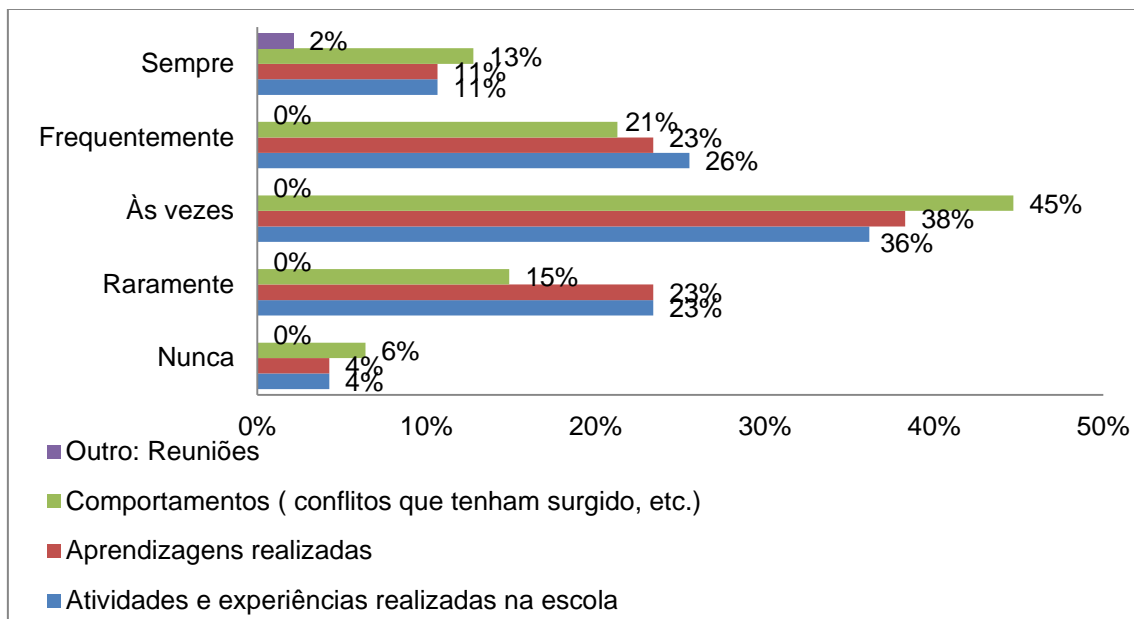


Gráfico 19- Frequência de conversa com o professor sobre os seguintes aspetos

Relativamente ao gráfico de frequência de conversa com o professor verificam-se os seguintes indicadores: reuniões, comportamentos, aprendizagens realizadas, atividades e experiências realizadas na escola. Assim, quanto ao indicador “atividades e experiências realizadas na escola”, 36% afirmaram “às vezes”, 26% afirmaram “frequentemente”, 23% mencionaram “raramente”, 11% conversaram “sempre” e 4% “nunca”. Quanto às aprendizagens realizadas, 38% dos inquiridos afirmaram “às vezes”, 23% “frequentemente” e “raramente”, 11% afirmaram “sempre” e 4% afirmaram “nunca” conversar sobre esse indicador. No que diz respeito aos comportamentos, 45% afirmaram conversar “às vezes”, 21% responderam “frequentemente”, 15% afirmaram “raramente”, 13% mencionaram “sempre”. Por fim, 6% constataram que “nunca” conversaram sobre esse mesmo assunto.

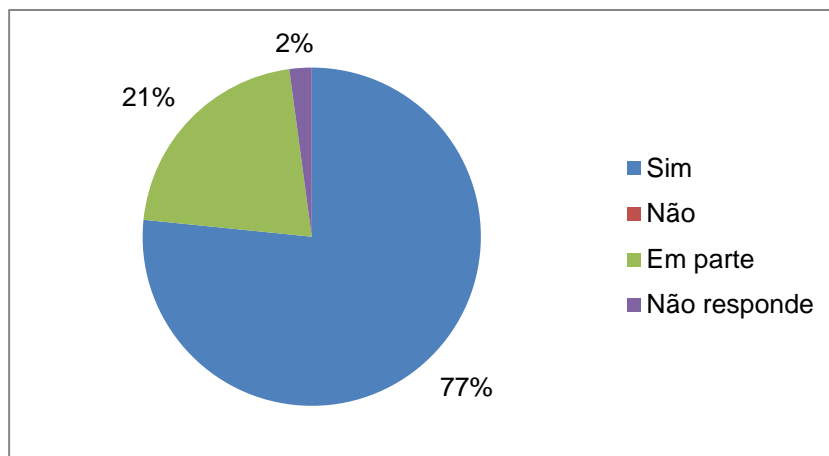


Gráfico 20 - Motivação da criança em frequentar a escola inserida

Relativamente ao gráfico pode-se verificar a motivação da criança pela escola, assim, 77% afirmaram que o seu educando encontra-se motivado e 21% mencionaram “em parte” estar motivado, por sua vez, 2% não respondeu à questão.

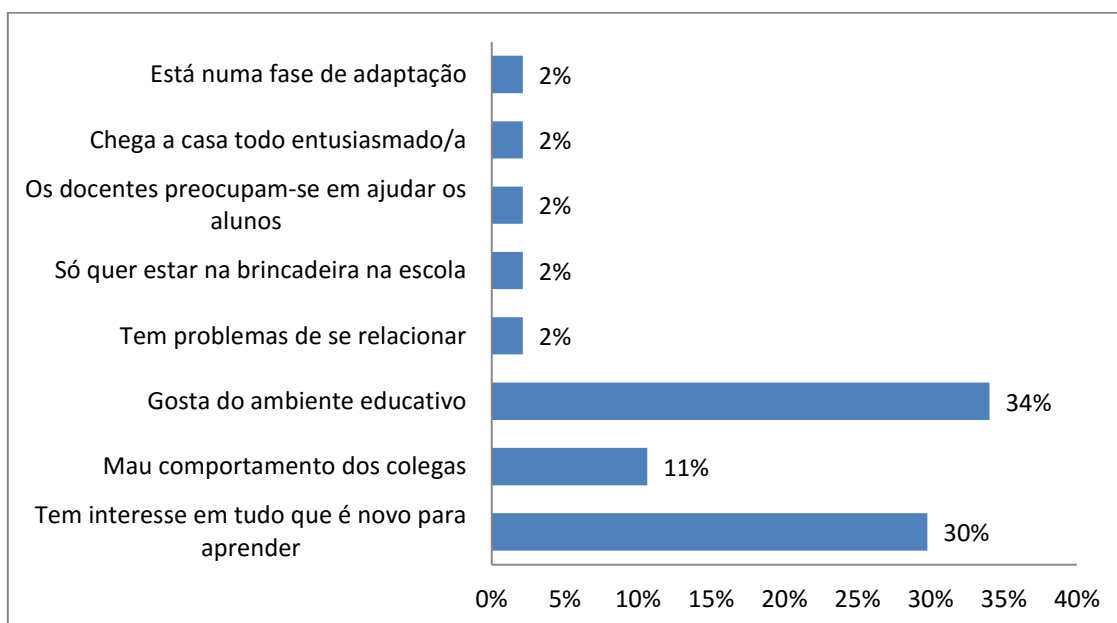


Gráfico 21 - Categorias de respostas sobre a justificação relativa à percepção dos encarregados de educação sobre a motivação da criança

De acordo com a questão acima representada, esta era de resposta aberta, tendo sido organizadas as respostas em duas categorias. Relativamente à categoria positiva, verificaram-se as respostas: “tem interesse em tudo que é novo para aprender” com 30%, “gosta do ambiente educativo” apresentando 34%, “os docentes preocupam-se em ajudar os alunos” tendo sido obtidas 2% de respostas e 3% referiram que “chega a casa todo entusiasmado”. Quanto aos indicadores negativos verificaram-se as respostas com 11% “mau comportamento dos colegas”, 2%

afirmaram “tem problemas de se relacionar”, 2% responderam “só quer estar na brincadeira na escola” e ainda,3% referiram que “está numa fase de adaptação”.

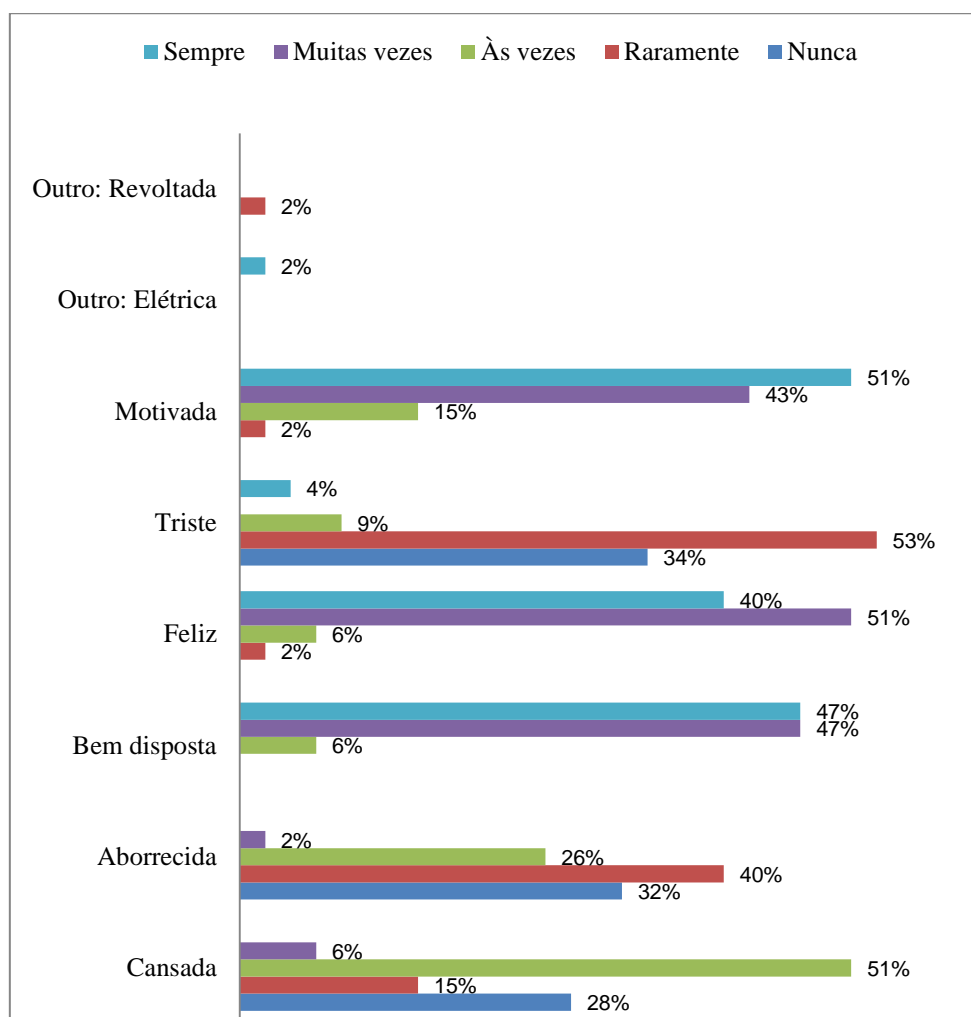


Gráfico 22- Nível emocional da criança

No que concerne ao estado emocional da criança, foram apresentados diferentes indicadores: cansada, aborrecida, bem-disposta, feliz, triste, motivada, elétrica e revoltada. Assim, quanto ao indicador “Cansada” 51% responderam “às vezes” cansada, 28% afirmaram “nunca”, 15% “ raramente” e por fim, 6% “muitas vezes”. Relativamente à criança estar “Aborrecida”, verificaram-se que 40% afirmaram “raramente” 32% responderam “nunca”, 26% afirmaram “às vezes” e 2% “muitas vezes”. No que concerne ao estado de “Bem-disposta” ambos responderam, com 47%, “muitas vezes” e “sempre”. Com uma percentagem inferior, 6% responderam “às vezes”. Quanto ao estado emocional “Feliz”, verificaram-se que 51% afirmaram “muitas vezes”, 40% constatarem “sempre”, 6% responderam “às vezes” e 2% afirmaram “raramente”. No que diz respeito ao indicador “Triste”, pode-se verificar que 53% afirmaram “raramente”, 34% mencionaram “nunca”, 9% afirmaram “às vezes” e



4% consideraram que está “sempre” triste. Relativamente a estar “Motivada”, constaram-se que 51% afirmaram “sempre”, 43% mencionaram “muitas vezes”, 15% responderam “às vezes” e, por fim, 2% referiram “raramente”. Por fim, quanto ao indicador de resposta aberta “Outro” obtiveram-se duas respostas, tais como: elétrica, no qual 2% responderam “sempre” e ainda, 2% mencionaram encontrar a criança “revoltada”.

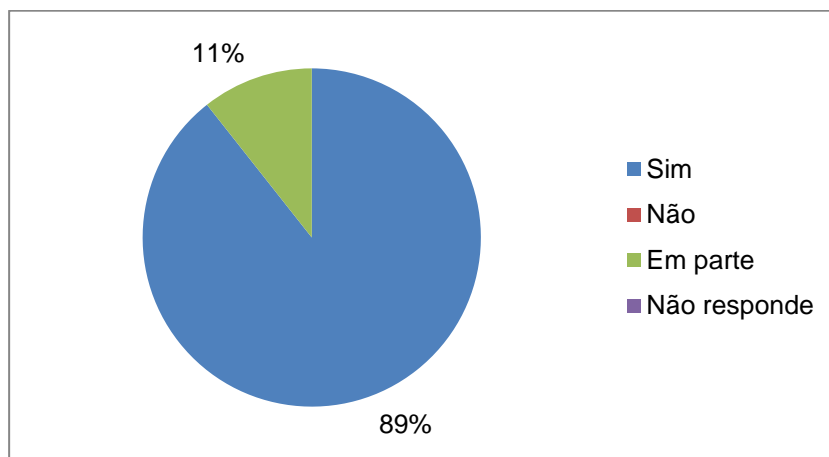


Gráfico 23- Relação entre aprendizagem/motivação

Relativamente à relação entre ambas, verificou-se que 89% dos inquiridos responderam afirmativamente à questão, no entanto 11% afirmaram “Em parte”.

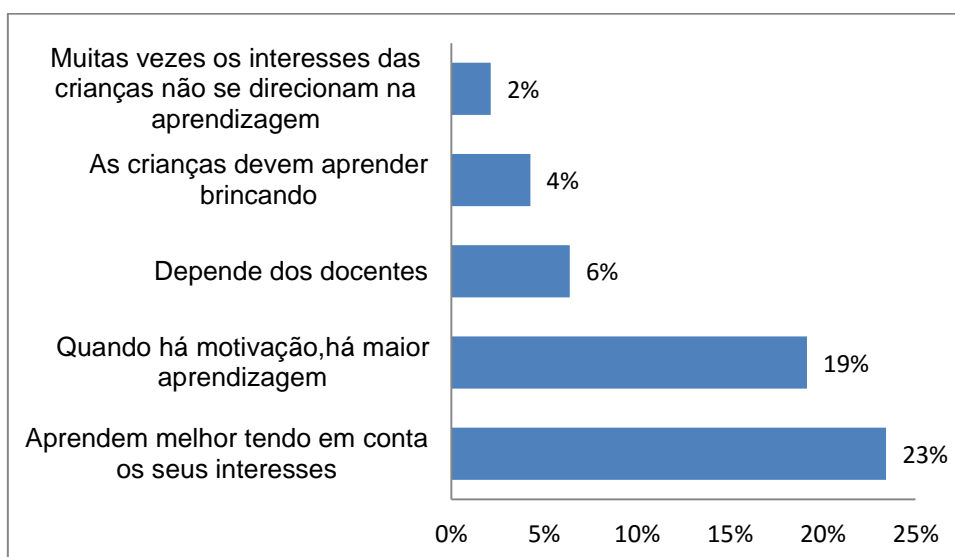


Gráfico 24 - Categorias de respostas sobre a justificação relativa à percepção dos encarregados de educação

Quanto ao gráfico apresentado, referente também a uma resposta aberta foi pedido aos inquiridos que justificassem a mesma. Desta forma, tornou-se necessário

categorizar as respostas para facilitar o tratamento de dados. Assim sendo, verificaram-se que 23% afirmaram aprender melhor, tendo em conta os seus interesses, 19% mencionaram que “quando há motivação, há maior aprendizagem”, 6% referiram que “depende dos docentes”, 4% mencionaram que “as crianças devem aprender, brincando” e ainda, 2% referiram que “muitas vezes os interesses das crianças não se direcionam na aprendizagem”.

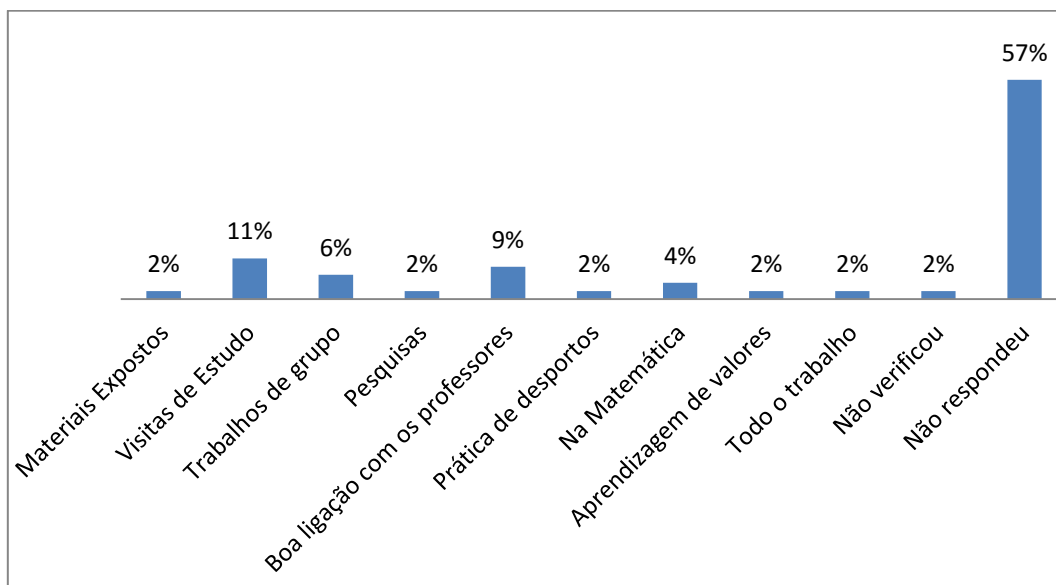


Gráfico 25- Exemplos de interesses que tenham influenciado a aprendizagem

No que diz respeito aos exemplos de interesses que tenham resultado em aprendizagem, pode-se verificar que era uma questão de resposta aberta tendo sido obtidos os seguintes indicados: 57% não responderam, 11% afirmaram as “visitas de estudo”, 9% referiram “boa ligação com os professores”, 6% disseram “trabalhos de grupo”, 4% mencionaram “na matemática”, com 2% afirmaram “materiais expostos”, “pesquisas”, “prática de desportos”, “aprendizagem de valores”, “todo o trabalho” e ainda, “não verificou”.

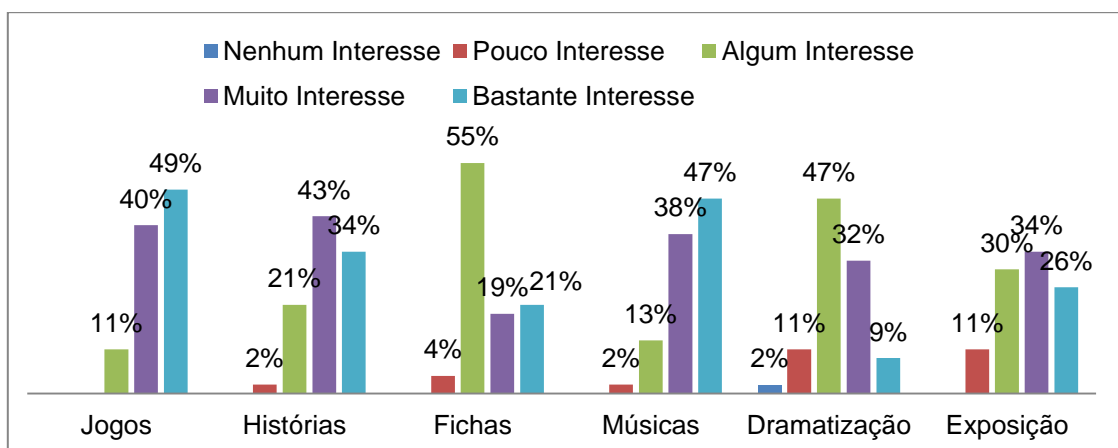


Gráfico 26 - Interesse pelas estratégias

Analisando o gráfico relativamente ao interesse pelas estratégias, é possível verificar os seguintes indicadores: Jogos, Histórias, Fichas, Músicas, Dramatização e Exposição. Quanto aos “Jogos”, 49% dos inquiridos responderam “bastante interesse”, 40% afirmaram “muito interesse” e ainda, 11% afirmaram terem “algum interesse”. De seguida, no âmbito das “Histórias”, 43% afirmaram “muito interesse”, 34% constaram “bastante interesse”, 21% responderam “algum interesse” e por fim, 2% afirmaram ter “pouco interesse”. Verificando o indicador “Fichas”, 55% afirmaram ter “algum interesse”, 21% assumiram “bastante interesse”, 19% afirmaram “muito interesse” e 4% constaram ter “pouco interesse”. No que concerne às “Músicas” pode-se constatar que 47% assumiram “bastante interesse”, 38% afirmaram “muito interesse”, 13% assumiram “algum interesse” e por fim, 2% afirmaram “pouco interesse”. Quanto à “Dramatização”, 47% dos inquiridos responderam “algum interesse”, 32% afirmaram “muito interesse”, 11% afirmaram “pouco” interesse, 9% referiram “bastante interesse” e 2% mencionaram ter “nenhum interesse”. Quanto à “exposição” da matéria, 34% dos inquiridos afirmaram “muito interesse”, 30% mencionaram ter “algum interesse”, 26% constatarem ter “bastante interesse” e 11% referiram terem “pouco interesse”.

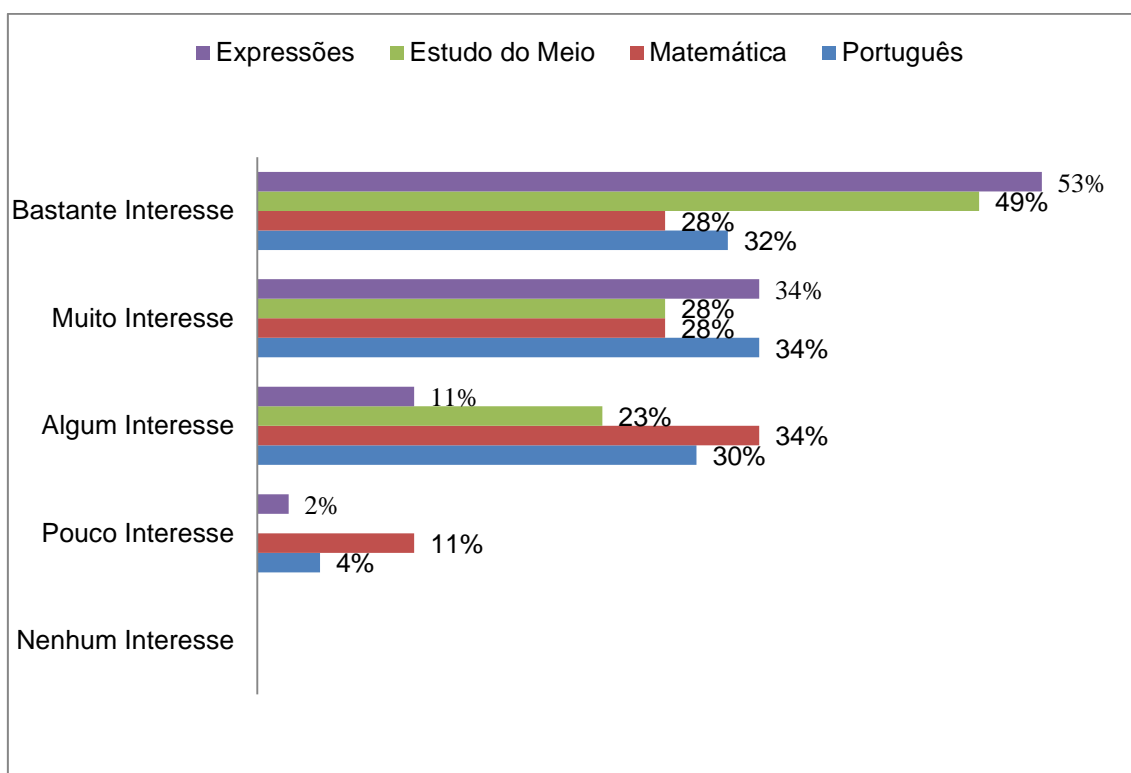


Gráfico 27 - Interesse pelas áreas curriculares

No que concerne aos interesses pelas áreas curriculares podemos verificar: Português, Matemática, Estudo do Meio e as Expressões. Relativamente ao “Português” 34% afirmaram “Muito Interesse”, 32% afirmaram “Bastante Interesse”, 30% referiram ter “Algum Interesse”, 4% assumiram “Pouco Interesse”. Quanto à

“Matemática”, verificou-se que 34% afirmaram ter “algum interesse”, 28% responderam “Muito interesse” e “Bastante interesse”, 11% afirmaram “Pouco Interesse”. No que diz respeito ao “Estudo do Meio”, 49% responderam “Bastante Interesse”, 28% afirmaram ter “Muito Interesse”, 23% mencionaram ter “algum interesse”. Relativamente às “Expressões”, verificamos que 53% responderam “bastante interesse”, 34% referiram “muito interesse”, 11% assumiram “algum interesse” e 2% responderam “pouco interesse”.

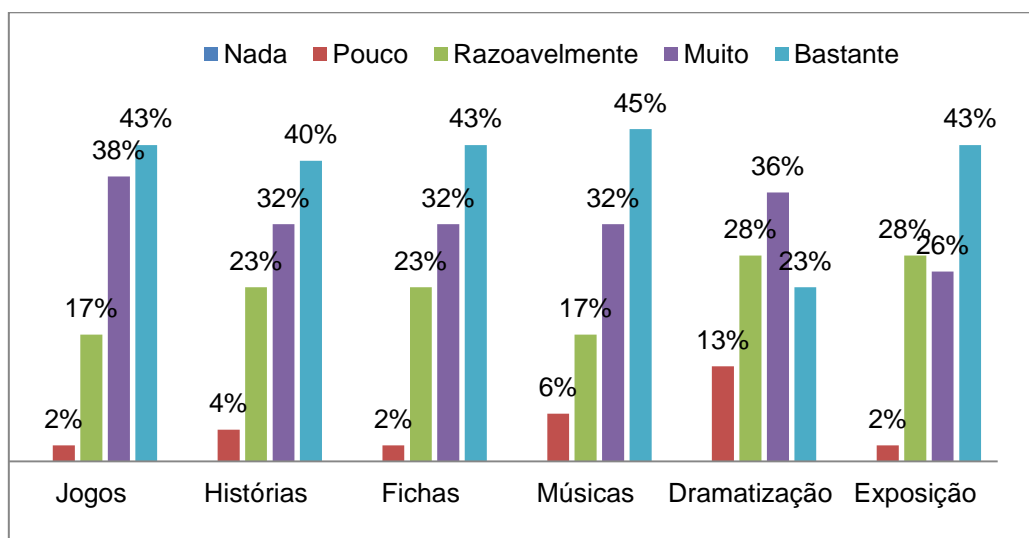


Gráfico 28- Estratégias/atividades que levam a aprender melhor

Relativamente ao seguinte gráfico podemos analisar consoante os indicadores acima referidos: “Jogos”, “Histórias”, “Fichas”, “Músicas”, “Dramatização” e, “Exposição da matéria”. Relativamente aos “Jogos”, a nível de melhor estratégia, 43% referiram “Bastante”, 38% responderam “Muito”, 17% assumiram “Razoavelmente” e 2% responderam “Pouco”. Quanto às “Histórias”, 40% concordaram que ajudam “Bastante”, 32% assumiram “Muito”, 23% responderam “Razoavelmente” e, 4% “Pouco”. Relativamente às “Fichas”, 43% assumiram “Bastante”, 32% referiram “Muito”, 23% responderam “Razoavelmente” e 2% das respostas afirmaram “Pouco”. No que diz respeito às “Músicas”, 45% responderam “Bastante”, 32% assumiram “Muito”, 17% das respostas referiram “Razoavelmente” 6% responderam que “Pouco” contribuíam. Verificando o indicador de “Dramatização”, 36% afirmou “Muito”, 28% assumiram “Razoavelmente”, 23% mencionaram “Bastante”, e 13% responderam “Pouco”. Por fim, quanto ao indicador de “Exposição”, 43% responderam “Bastante”, 28% afirmaram “Razoavelmente”, 26% referiram a resposta “Muito” e, com uma menor percentagem 2% dos inquiridos responderam “Pouco”.

## 2.2 Inquérito por questionário aos alunos do 1º ano

Relativamente ao questionário realizado aos alunos, iremos analisar primeiramente, a turma do 1º ano de escolaridade. Desta forma, o nosso grupo alvo do 1º ano tem 16 crianças, sendo estas, 9 sexo masculino e, 7 do sexo feminino.

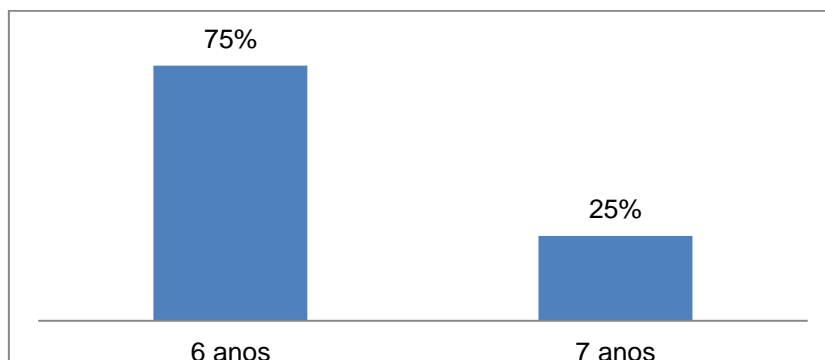


Gráfico 29 - Idade da criança

Analisando o gráfico, relativamente à idade pode-se verificar que, as crianças pertencem à faixa etária dos 6 anos (75%), no entanto, 25% têm 7 anos.

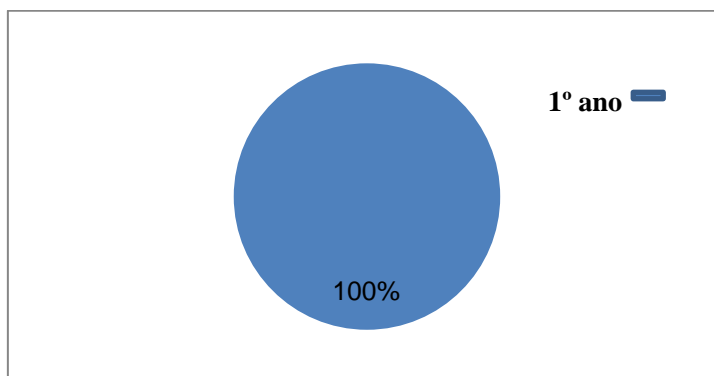


Gráfico 30 - Ano de escolaridade

Verificando a faixa etária das crianças no gráfico anterior, pode-se averiguar que 100% do grupo alvo frequenta o 1º ano de escolaridade.

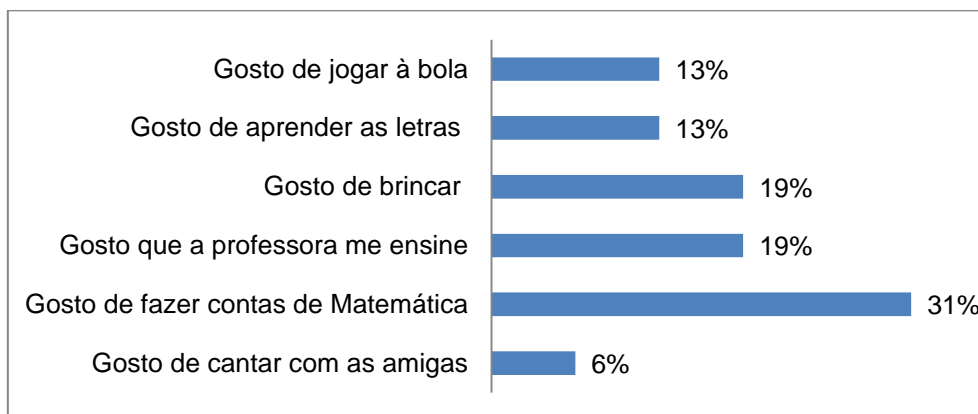


Gráfico 31- Interesses na escola

Analisando a questão “ O que gostas mais de fazer na escola?” verifica-se que 31% dos inquiridos responderam “gosto de fazer contas de matemática”, 19% referiram “Gosto que a professora me ensine” e “Gosto de brincar” e, ainda, 13% mencionaram “Gosto de aprender as letras” e “Gosto de jogar à bola”, 6% das respostas afirmaram “Gostar de cantar com as amigas”.

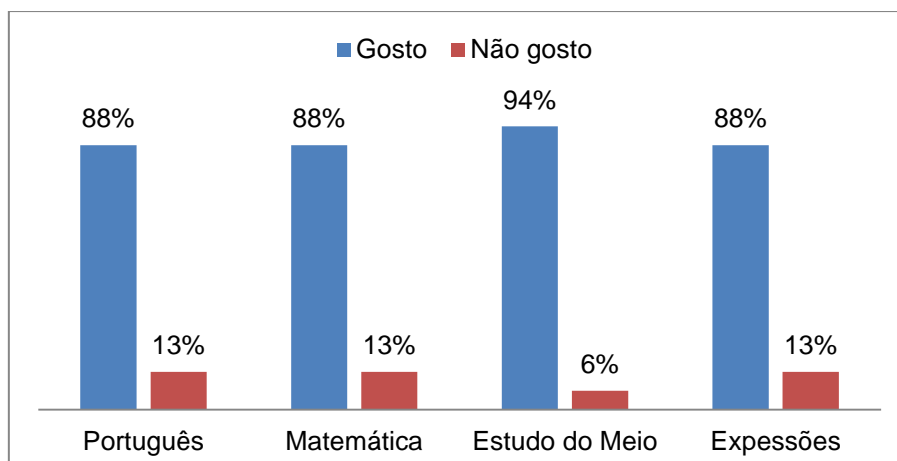


Gráfico 32 - Interesse pela área curricular

No que concerne ao interesse pela área curricular, quanto ao “Português” e à “Matemática”, verificaram-se que 88% afirmaram “gostar” da disciplina, no entanto 13% assumiram que “não gostam”. Relativamente ao “Estudo do Meio”, 94% assumiram que “gostam” e 6% afirmaram que “não gostam”. Nas “Expressões” 88% responderam que “gostam” e ainda, 13% que “não gostam”. Em suma, o “Português”, “Matemática” e as “Expressões”, assumiram a mesma percentagem em ambos os gostos, porém o “Estudo do Meio” verificaram-se um maior gosto pela disciplina.

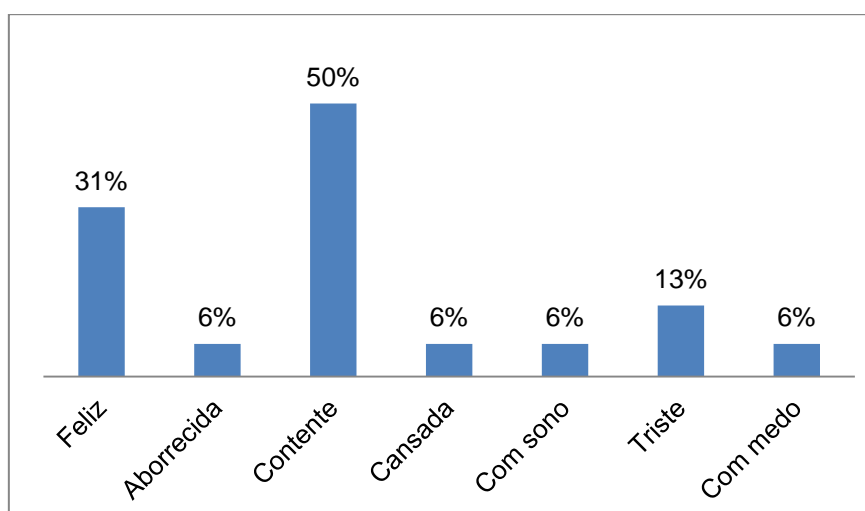


Gráfico 33 – Nível emocional

No que diz respeito ao nível emocional da criança esta questão foi realizada em desenho livre, representando um sentimento/emoção que revela ao saber que vem para a escola. No entanto, através dos comentários feitos pelas crianças,

relativamente aos desenhos pode-se analisar esta questão através de alguns indicadores: 50% afirmaram sentir-se “Contente”, 31% afirmaram “Feliz”, 13% sente-se “Triste”, e, com 6% das respostas afirmaram “Aborrecida”, “Cansada”, “Com sono” e, “Com medo”, uma vez que apresentam medo de alguns amigos.

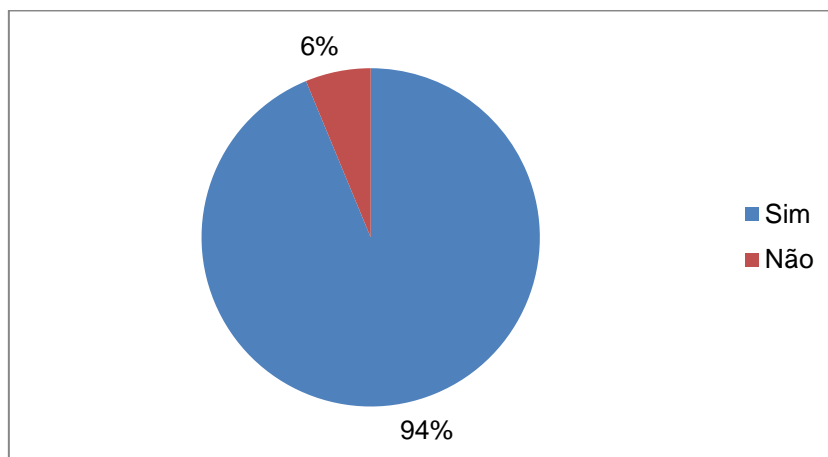


Gráfico 34 - O docente explica a matéria

Por fim, quanto ao docente explicar a matéria perante as dúvidas das crianças, 94% dos inquiridos afirmaram que “sim”, no entanto 6% das respostas afirmaram que quando questionam o docente “não” explica.

### 2.3 Inquérito por questionário aos alunos

Posteriormente irá ser apresentado outra análise dos inquéritos por questionário dos restantes alunos de diversos anos (2º, 3º e 4º ano). Sendo assim, o grupo alvo é constituído por 61 elementos. Desta forma, a análise irá ser apresentada através de gráficos com percentagens.

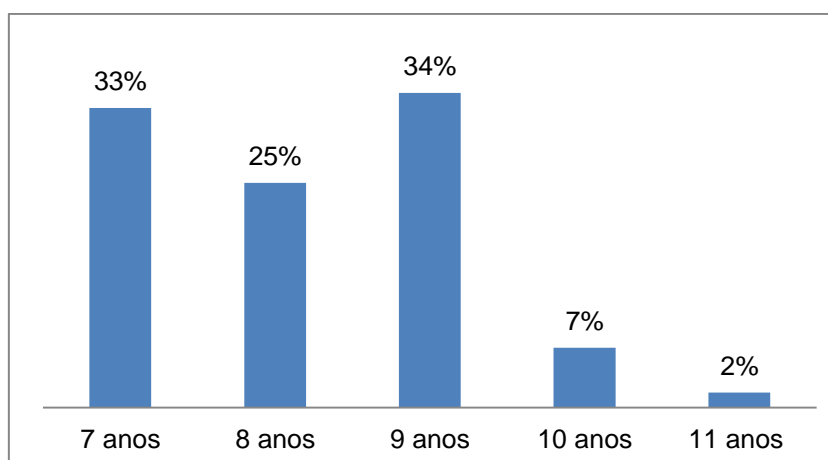


Gráfico 35 - Idade das crianças

Analisando a idade das crianças verificam-se que 34% apresentaram 9 anos de idade, em seguida, 33% corresponderam à faixa etária de 7 anos, 25% têm 8 anos de idade, 7% apresentaram 10 anos e, por fim, 2% têm 11 anos.

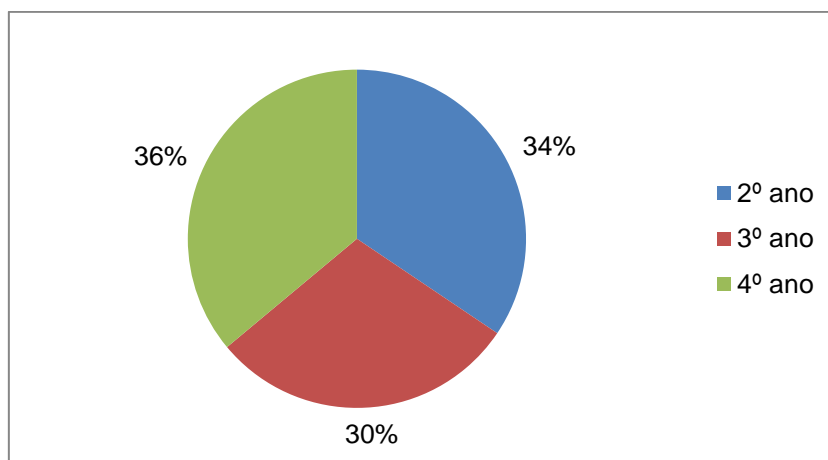


Gráfico 36 - Ano de escolaridade

No que diz respeito ao ano de escolaridade, 36% dos inquiridos frequentam o 4º ano de escolaridade, em seguida, 34% estão no 2º ano de escolaridade e, por fim, 30% encontram-se no 3º ano de escolaridade.

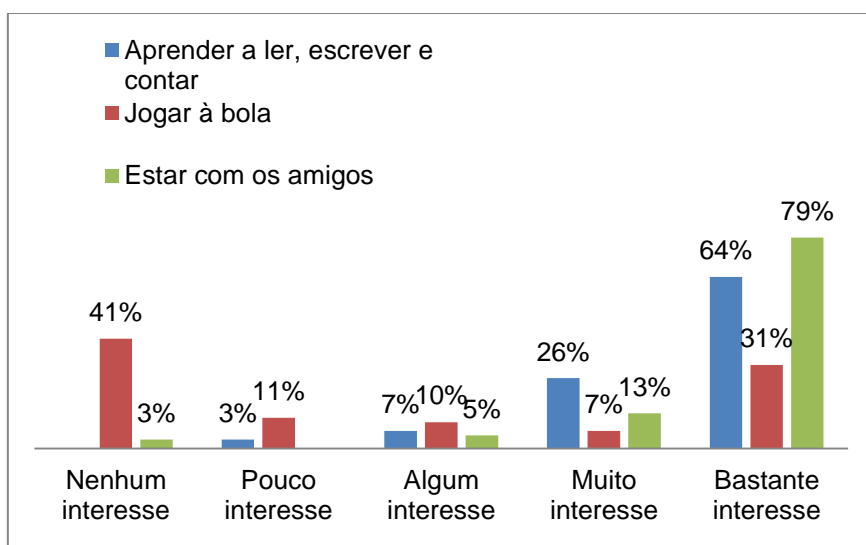


Gráfico 37 - Interesse surgido pelas atividades

No que concerne ao interesse surgido pelas atividades verifica-se que, quanto à atividade “Aprender a ler, escrever e contar”, 64% afirmaram ter “Bastante Interesse”, 26% têm “Muito Interesse” no indicador analisado e ainda, 7% e 3% responderam ter “Algum Interesse” e “Pouco Interesse” respetivamente. Relativamente a “Jogar à bola”, 41% responderam ter “Nenhum Interesse”, 31% afirmaram ter “Bastante Interesse”, 11% mencionaram ter “Pouco Interesse”, 10% referiram ter “Algum Interesse” e, 7% afirmaram ter “Muito Interesse”. No que diz respeito a “Estar com os amigos” 79% assumiram ter “Bastante Interesse”, 13% mencionaram ter “Muito



Interesse”, 5% referiram ter “Algum Interesse” e, por fim, 3% afirmaram ter “Nenhum Interesse”.

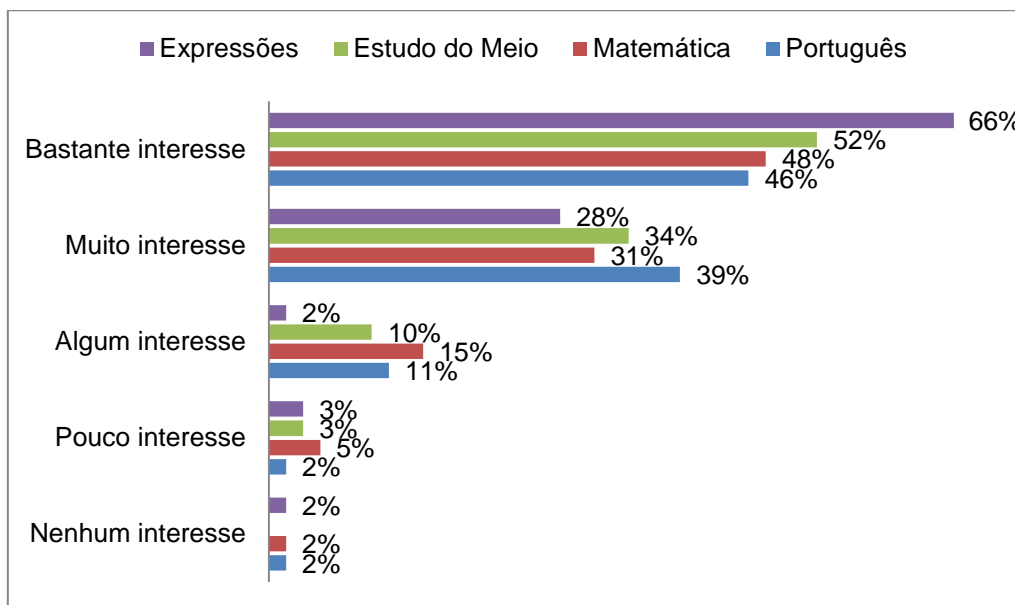


Gráfico 38 - Interesse pela área curricular

Relativamente ao interesse pela área curricular pode-se verificar o interesse dos inquiridos relativamente às suas aprendizagens e as áreas preferidas e menos escolhidas. Quanto às “Expressões” 66% afirmaram ter “Bastante interesse”, 28% mencionaram ter “Muito interesse”, 3% dos inquiridos referiram ter “Pouco interesse” e ainda, 2% responderam “Algum interesse” e “Nenhum interesse”. Relativamente ao “Estudo do Meio”, 52% dos inquiridos afirmaram ter “Bastante interesse”, 34% “Muito interesse”, 10% assumiram ter “Algum interesse” e ainda, 3% responderam “Pouco interesse”. No que concerne à “Matemática”, 48% responderam ter “Bastante interesse”, 31% afirmaram ter “Muito interesse”, 15% responderam ter “Algum interesse”, 5% afirmaram “Pouco interesse” e 2% referiram “Nenhum interesse”. Por último, analisou-se a disciplina de “Português”, 46% afirmaram ter “Bastante interesse”, 39% assumiram “Muito interesse”, 11% responderam “Algum interesse”. Ambas com 2% responderam “Pouco interesse” e ainda, “Nenhum interesse”.

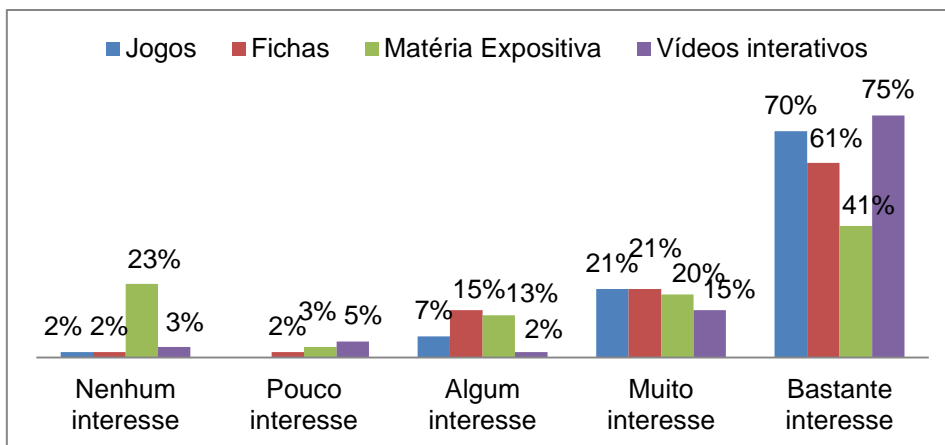


Gráfico 39 - Estratégias para aprendizagem

No que diz respeito o seguinte gráfico constou-se as melhores estratégias, na opinião da criança, para aprender. Relativamente ao indicador “Jogos”, 70% assumiram “Bastante interesse” em aprender através dessa estratégia, 21% referiram “Muito interesse”, 7% afirmaram “Algum interesse” e 2% referiram ter “Nenhum interesse”. Quanto às “Fichas”, verificaram-se que 61% dos inquiridos responderam “Bastante interesse”, 21% afirmaram “Muito interesse”, 15% referiram “Algum interesse” e, ambos com 2% responderam ter “Nenhum interesse” e “Pouco interesse”, respetivamente. No que concerne à “Matéria expositiva”, 41% dos inquiridos afirmaram “Bastante interesse”, no entanto, 23% responderam “Nenhum interesse”, 20% assumiram “Muito interesse”, 13% “Algum interesse” e, 3% responderam ter “Pouco interesse” perante esta estratégia. Por fim, nos “Vídeos interativos” 75% afirmaram ter “Bastante interesse”. No entanto, com menor percentagens de respostas, 15% responderam “Muito interesse”, 5% “Pouco interesse”, 3% mencionaram ter “Nenhum interesse” e ainda, 2% responderam ter “algum interesse” para com esta estratégia.

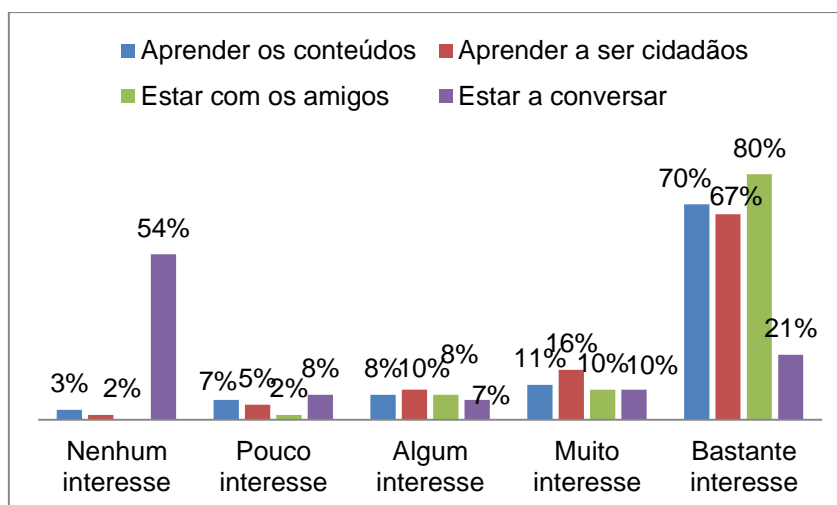


Gráfico 40 - Interesses na escola

Observando o gráfico 40, pode-se analisar os interesses do grupo alvo. Assim, observa-se 4 indicadores sendo eles: aprender os conteúdos, aprender a ser cidadãos, estar com os amigos e ainda, estar a conversar. Assim sendo, relativamente a “Aprender os conteúdos” verificou-se que 70% mencionaram ter “Bastante interesse”, 11% responderam ter “Muito interesse”, 8% afirmaram ter “Algum interesse”, 7% apresentaram “Pouco interesse” e 3% assumiram ter “Nenhum interesse”. Quanto a “Aprender a ser cidadãos” verifica-se 67% afirmaram ter “Bastante interesse”, 16% dos inquiridos assumiram ter “Muito interesse”, de seguida 10% afirmaram ter “Algum interesse”, 5% das respostas apresentadas têm “Pouco interesse” e ainda, 2% referiram ter “Nenhum interesse”. Quanto a “Estar com os amigos” 80% responderam ter “Bastante interesse”, 10% afirmaram ter “Muito interesse”, 8% tem “Algum interesse” e 2% dos inquiridos, afirmaram ter “Pouco interesse”. Relativamente a “Estar a conversar” 54% dos inquiridos assumiram ter “Nenhum interesse”, 21% mencionaram ter “Bastante interesse”, 10% referiram ter “Muito interesse”, 8% apresentaram “Pouco interesse” e ainda, 7% afirmaram ter “Algum interesse”.

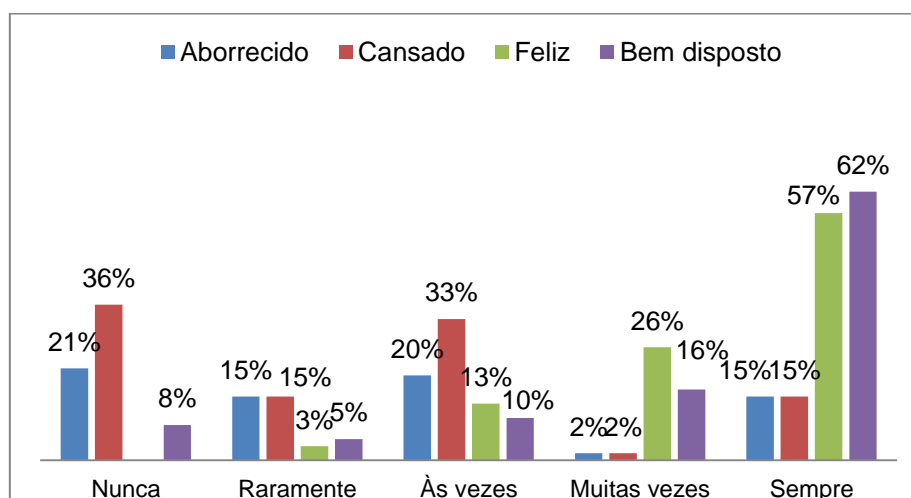


Gráfico 41 - Nível emocional

De acordo com o gráfico 41, pode-se verificar os estados emocionais dos inquiridos, relativamente à disposição dos mesmos ao saber que vão para a escola quando acordam. Assim, perante o indicador “Aborrecido” 21% dos alunos afirmaram “Nunca” se sentir “Aborrecido”, 20% afirmaram “Às vezes”, ambos com 15% responderam “Raramente” e “Sempre”. Por fim, 2% responderam “Muitas vezes”. Relativamente ao indicador “Cansado” verifica-se que 36% assumiram “Nunca” apresentar este estado, 33% referiram sentir-se “Às vezes”, 15% em ambos, responderam “Sempre” e “Raramente” e, 2% dos inquiridos, referiram sentir-se “Muitas vezes”. Quanto ao indicador “Feliz”, 57% afirmaram estarem “Sempre” felizes quando

acordam, 26% referiram estar “Muitas vezes”, 13% assumiram estar “Às vezes”, 3% dos inquiridos afirmaram “Raramente”. No indicador “Bem-disposto”, 62% afirmaram estar “Sempre” (62%), 16% afirmaram estar “Muitas vezes”, 10% referiram “Às vezes”, 8% afirmaram “Nunca” e 5% afirmaram “Raramente”.

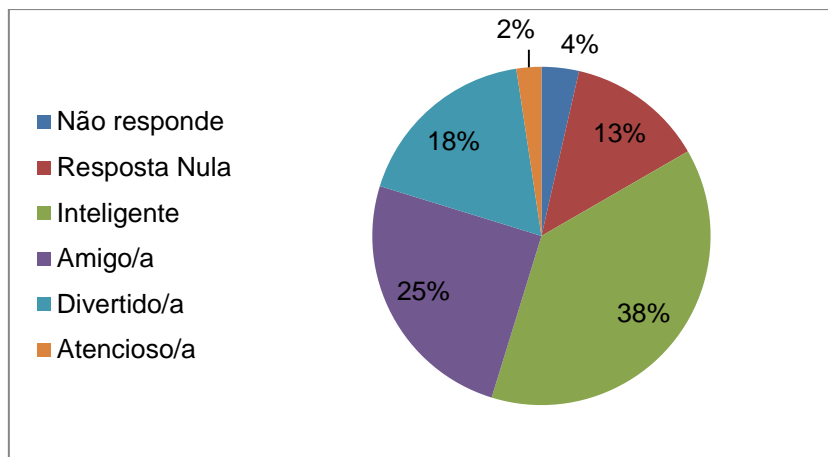


Gráfico 42 - Características do docente

Relativamente ao seguinte gráfico, foi questionado “Quais são as características do teu professor/a”. Desta forma, analisaram-se as respostas e foi necessário adequá-las a várias categorias tais como: “inteligente” que obteve a percentagem de 38%, 25% afirmaram considerar como um “amigo/a”, 18% “divertido/a” e 2% “atencioso/a”. De salientar ainda a necessidade de indicar respostas consideradas nulas, uma vez que não faziam parte do contexto (13%) e ainda 4% não responderam.

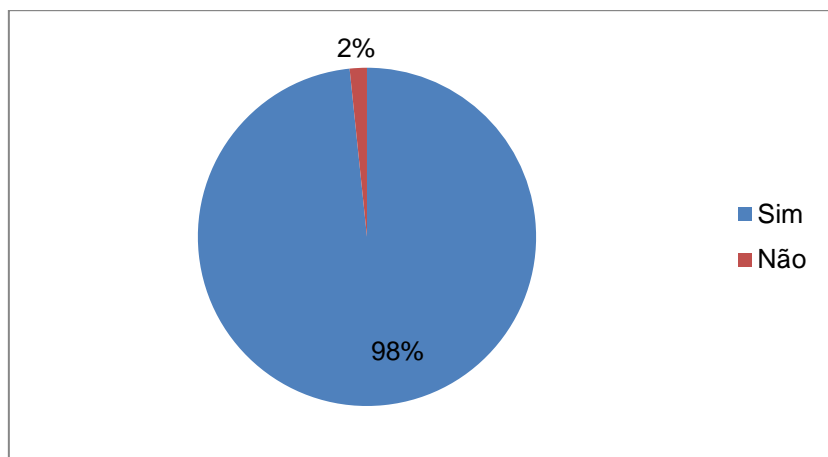


Gráfico 43- O docente explica a matéria

No que concerne o gráfico 43, 98% dos inquiridos mencionaram que o seu professor/a esforça-se para explicar a matéria. Por sua vez, verificaram-se algumas respostas dadas como “Não”, obtendo a percentagem de 2%.

## **2.4 Percepção dos docentes relativamente à relação entre a motivação e a aprendizagem**

Analisando as respostas das entrevistas (ver anexo 14) realizadas aos docentes do 1º Ciclo do Ensino Básico, com diferentes graus de experiência e diferentes anos de serviço, pode-se verificar que, quanto à questão na qual o docente teria que dar a sua opinião de acordo com a citação de Simão (2005), verificou-se que, apesar dos docentes terem diferentes anos de serviço, todos apresentam a mesma opinião. Tal como afirmou Professor3 “ (...) uma criança motivada estará sempre mais envolvida. No entanto, não quer dizer que ela irá ter sucesso na sua aprendizagem, visto que depende de diversos fatores e, não apenas, da motivação”. Salientam que não só cabe aos professores arranjar estratégias para motivar, como também os alunos têm que estar predispostos a aprender e estarem entusiasmados para tal. Além destes fatores, a família representa um papel crucial na vida escolar dos alunos. Neste sentido, P4 afirma que “é necessário que as crianças percebam que aprender é útil e necessário. No entanto, os pais também devem fomentar esse interesse, motivando-os.”

Relativamente à questão do uso de materiais concretos por parte dos docentes, P2 afirmou nesta questão:

“Claro. A diversificação de estratégias é essencial para a motivação que falava e para esse ambiente favorável que deve ser criado. Mostrar-lhes que o que é ensinado é real e necessário na vida e que pode ser aplicado para melhorar e ultrapassar certas situações, pode ser tão importante como ter uma sala apetrechada de materiais.”

No entanto, P3 salientou que:

“Os materiais didáticos são indispensáveis à concretização das aprendizagens, pois na faixa etária dos meus alunos é necessário o manuseamento de materiais, para chegar à abstração à posterior, evitando assim dificuldades na aprendizagem dos conceitos, daquilo que se pretende atingir.”

No que diz respeito às estratégias utilizadas pelos docentes para motivar os seus alunos, constatou-se que todos afirmaram utilizar diferentes estratégias. É possível verificar diferentes opções utilizadas pelos docentes. Por exemplo, P2 salientou que não recorre a materiais concretos, ou seja:

Penso que um sorriso, uma palavra motivadora ou um elogio no momento certo, são tão bons ou melhores que apresentar um material inovador. Outra estratégia que tento, cada vez mais, implementar com os alunos é o de serem eles a construir, sempre que possível, o seu próprio conhecimento.

Por sua vez, P3 afirmou que necessita, primeiramente, de conhecer os seus alunos e as suas necessidades, no entanto, um reforço positivo é sempre fundamental para a aprendizagem, assim como as tecnologias:

“As estratégias centram-se em primeiro lugar procurar saber as necessidades dos alunos e a aprendizagem que trazem para a escola. O reforço positivo, a par da experimentação, assim como a utilização das novas tecnologias facilitam a predisposição para a aprendizagem.”

Porém, de acordo com a entrevista de P4, na sua opinião, utiliza materiais e situações concretas para motivar os seus alunos tais como:

“A criação de clubes do cientista, da leitura, dos desafios são sempre formas diferentes de explorar os conteúdos e bastante aceites pelos alunos. O recurso a material manipulativo, a arca dos Contos, por exemplo é um bom exemplo de exploração de histórias.”

No que concerne à opinião dos entrevistados, relativamente aos fatores que influenciam a desmotivação dos seus alunos, é de referir que, maioritariamente salientam a mesma opinião. P1 afirma que a “falta de participação da família no quotidiano escolar; desvalorização da escola por parte da sociedade” influencia a desmotivação dos alunos. De referir ainda que, P2 também refere que a família tem um papel fundamental: “Na minha opinião, a cultura familiar e a educação que recebem em casa, são os principais fatores que levam um aluno a desmotivar-se facilmente.”. Por sua vez, P3 dá a importância noutras situações tais como: “A insistência em objetivos puramente cognitivos; a generalização das aprendizagens tomando a turma como um todo homogéneo.”

Quanto aos fatores que influenciam a motivação, os docentes salientam novamente a importância da família e, ainda, do docente. Tal como afirmou P1: “aulas e conteúdos diferenciadores, ambientes de aula alternativos, utilização de recursos tecnológicos, participação da família no quotidiano escolar.”. P2 salienta que o docente também tem um papel crucial neste tema, visto que:

“um professor apaixonado pelo seu trabalho, que tenha capacidade de entusiasmar, cativar e criar no aluno uma ilusão de que com sabedoria, não existem limites aos nossos sonhos e que poderemos mudar o mundo. No mesmo sentido, outros fatores, como as boas condições das escolas e das salas de aula, podem contribuir para que o ambiente criado possa ser favorável ao processo de ensino aprendizagem.”

Por sua vez, P3 defende que a motivação deriva de alguns fatores referentes à afetividade entre o docente e o aluno e à relação criada em si: “O enfoque em fatores afetivos promove a motivação, assim como atender ao indivíduo em si, apressando o professor o seu ritmo de trabalho adequado a cada aluno.”

De referir ainda que os docentes têm dez ou mais anos de carreira, no entanto, apenas um docente dá aulas nesta instituição já há alguns anos, todos os restantes, é o primeiro ano que lecionam na mesma.

## **2.5 Análise dos inquéritos por questionário aos encarregados de educação e aos alunos**

Assim, quanto à opinião dos encarregados de educação, no que diz respeito ao educando estar motivado para vir para a escola, verificou-se que relativamente ao gráfico 20, dos 47 inquiridos, 77% afirmaram que o seu educando encontra-se motivado, no entanto 21% afirmaram encontrar-se “Em parte”, por sua vez, 2% não responderam à questão. De salientar ainda, dos inquiridos que responderam “Em parte”, é possível verificar a resposta dada “devido ao mau comportamento dos colegas”.

No que diz respeito, ao estado emocional dos alunos em vir para a escola, de acordo com os inquéritos por questionário, respondidos pelos mesmos, verificou-se que 50% dos inquiridos afirmaram sentirem-se “Contente, 31% mencionam ficar “Felizes” ao saber que vão para a escola. Porém, 13% das respostas afirmaram sentirem-se “Triste” e, quando questionaram o porquê de se sentirem salientaram “não gosto quando os meus amigos andam à porrada” e ainda, “tenho amigos que não gostam de brincar comigo”. Por fim, verificou-se que 6% dos inquiridos mencionaram diversos indicadores tais como: “Aborrecida”, “Cansada”, “Com sono”, “Com medo”. “ Assim, constatou-se que os encarregados de educação têm noção do que se passa e da realidade, uma vez que ambos salientaram o mesmo “mau comportamento dos colegas”.

Relativamente aos interesses dos alunos, fez-se distinção da análise do inquérito por questionário do 1º ano dos restantes. Sendo assim, verificaram-se que no 1º ano, maioritariamente, existe um interesse acrescido pela disciplina de “Estudo do Meio”. Por sua vez, nos restantes anos, o interesse predominante são as “Expressões”.

No que concerne à aprendizagem de acordo com os interesses dos alunos, constataram-se que “89% dos inquiridos responderam afirmativamente à questão, no entanto 11% afirmaram “Em parte”, sendo assim, 23% dos inquiridos consideram que as crianças “aprendem melhor tendo em conta os seus interesses”, 19% afirmaram que “quando há motivação, há maior aprendizagem”, 6% dos inquiridos afirmaram que “depende dos docentes”, 4% dos inquiridos consideraram que “as crianças aprendem melhor, brincando” e, com 2% de respostas, afirmaram que “os interesses das

crianças não se direcionam na aprendizagem”. Comparativamente às respostas dadas pelos docentes entrevistados verifica-se uma diferenciação, visto que além dos mesmos afirmarem que depende dos docentes, dos próprios alunos a estarem predispostos a aprender e ainda, da sua família disposta a acompanhar, não é possível verificar o mesmo nas respostas obtidas pelos encarregados de educação.

Verificando a análise realizada aos inquiridos por questionário aos encarregados de educação, relativamente à questão acerca da forma como os seus educandos aprendem melhor é possível constatar que a resposta que obteve maior percentagem são os “Jogos”, porém, a resposta que obteve menor percentagem foram as “Fichas” de trabalho. Desta forma, analisando os dados feitos pelos alunos confirma-se que os “Jogos” e as “Fichas” de trabalho apresentam maiores percentagens. Por sua vez, a “Exposição da matéria” apresenta uma menor percentagem referida pelos mesmos.

De salientar, a opinião dos alunos quanto aos seus professores, visto que é possível constatar uma ligação afetiva entre os mesmos, verificando uma grande proximidade e partilha. Assim, é possível verificar que 38% das respostas consideram o seu professor/a “inteligente”, 25% das respostas dos inquiridos afirmaram que os seus professores são “amigos/as, existindo uma relação de proximidade entre os mesmos, 18% mencionaram que o seu professor/a é “divertido/a” e 2% referiram-se ao seu professor/a como sendo muito “atencioso/a”.

## **2.6 Análise dos Registos de Observação**

No decorrer da prática pedagógica realizada no estágio de ambas as valências, foi possível verificar alguns momentos importantes no âmbito da temática. (ver anexo 6).

Desta forma, durante o estágio, além de ter sido possível registar todas as observações efetuadas, a estagiária conseguiu ser um sujeito ativo e participativo nesses mesmos registos.

Assim, dividiu-se os registos de observação em vários temas centrais: o adulto agir em conformidade com os interesses das crianças, sendo considerado um tema que se relaciona com esta investigação, ou seja, o adulto age de acordo com os interesses das crianças e tem interesse em ouvi-los; a possibilidade de exercer a participação e, por fim, melhorar diferentes estratégias para a aprendizagem de acordo com os interesses/dificuldades encontrados no decorrer da prática (ver anexo 13).

As situações observadas dizem respeito à faixa etária de 4/5 anos, relativamente à Educação Pré-Escolar, e, quanto ao 1º ciclo do Ensino Básico, à turma do 3º ano de escolaridade.



É possível expor que, através das reflexões elaboradas pela estagiária (ver anexo 15) que os contextos privilegiavam os interesses da criança na elaboração da planificação. Assim, através de conversas informais e dos pedidos das crianças, eram realizadas as planificações, em surgimento dos interesses das mesmas. De acordo com o espaço e com os materiais, no período de prática de ensino supervisionada de Educação Pré-Escolar, a estagiária em conversa em grande grupo com as crianças, reformularam uma área nova denominada de “espaço da ciência”. Às crianças foi dada a oportunidade de escolherem o local dentro da sala para acolher a nova área e ainda decidiram os materiais a serem lá utilizados. Assim, de acordo com “a Pedagogia-em-Participação é, na essência, a criação de espaços-tempos pedagógicos onde as interações e relações sustentam atividades e projetos que permitem às crianças coconstruir a sua própria aprendizagem e celebrar as suas realizações.” (Formosinho, 2011a, p. 28).

De referir ainda, relacionado com o projeto de sala na prática de ensino supervisionada de Educação Pré-Escolar, todo o trabalho e investigação envolvente era realizado de acordo com os interesses e necessidades das crianças. Desta forma, primeiramente foi necessário deslocarem-se à biblioteca municipal da localidade para conhecerem melhor a temática sobre o projeto de sala. Logo depois, decidiram o que queriam construir, conversando em grande grupo, tendo por base todas as pesquisas efetuadas.

De facto, todos os registos observados na prática de ensino supervisionada vão ao encontro da parte teórica deste relatório, proporcionando um elo de ligação da prática com os autores estudados.

## **2.7 Discussão dos Registos de Observação**

No âmbito desta investigação, foi possível durante o tempo de estágio, em ambas as valências de Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico, observar as crianças e os docentes para auxiliar toda esta investigação envolvida.

Desta forma, foi possível verificar alguns registos de observação que ajudaram a perceber o intuito da criança e ainda, da estagiária/docente. Através desses mesmos registos, consegue-se obter uma melhor percepção dos acontecimentos envolvidos e, ainda, consegue-se dar respostas aos nossos objetivos de estudo.

Tal como referem os autores Quivy e Campenhoudt (2003),

“os métodos de observação directa constituem os únicos métodos de investigação social que captam os comportamentos no momento em que eles se produzem”. Estes autores defendem, ainda, que a “observação directa é aquela em que o próprio investigador procede directamente à recolha de informações, sem se dirigir

aos sujeitos interessados. Apela directamente ao seu sentido de observação.” (p.197).

Assim, foi possível verificar vários indicadores de estudo perante a situação observada tais como: a atitude do adulto perante o interesse da criança, a participação da criança e ainda, as estratégias do docente para motivar as mesmas (ver anexo 13).

Foi notório que tanto no contexto Pré-Escolar, como também no 1º Ciclo do Ensino Básico que os docentes se preocupavam em estar a par dos interesses das crianças e a interagir segundo os mesmos. Ou seja, quer a planificação, quer as suas propostas de atividades surgiam de acordo com o seguimento dos interesses das próprias crianças: “Desta forma, recorreu-se ao currículo emergente, de forma a dar resposta aos interesses das crianças tidos em conta nesse mesmo dia. Elaborou-se assim uma experiência, flutua ou não flutua, com diversos objetos referentes na nossa experiência.”. Tal como se pode comprovar, de acordo com o registo de incidente crítico nº 1 que,

E: Eu no domingo fui jantar ao Mac Donalds com a minha avó e comi um happy meal.

A: Que boneco saiu?

E: Saiu um barco que consegue flutuar.

A: O que é isso de flutuar?

E: Também não sei, a minha avó não me explicou.)

Além disso, o docente tem em conta os interesses das crianças de forma a utilizar diversas estratégias e materiais no contexto sala de aula. Assim, foi necessário recorrer a outro tipo de estratégias para conseguir motivar os alunos e cativar todo o interesse deles na matéria abordada.” Neste sentido apresenta-se o seguinte registo:

- Registo de incidente crítico nº8

Incidente: Para dar os sistemas, como é considerado um tema mais massudo e com muitos nomes distintos para aprender, a estagiária achou provém dar vários vídeos para facilitar a compreensão dos alunos e ainda, para observar o que acontece na realidade e não, falando apenas pelo abstrato.

Comentário da estagiária: Após este incidente, é possível constatar que as crianças mostraram-se entusiasmadas a observar o vídeo e despertou outro tipo de interesses nas mesmas. Assim, foi necessário recorrer a outro tipo de estratégias para conseguir motivar os alunos e, cativar todo o interesse deles na matéria abordada). Um bom profissional deve ter em conta alguns fatores de acordo com o seu grupo, desta forma, tal como remete o autor Cardoso (2013), “um bom professor percebe que os alunos são diferentes e, por isso mesmo, deve tentar, através de diversificação de métodos, chegar ao maior número de alunos.” (p. 69-70).

## DISCUSSÃO FINAL DOS RESULTADOS

Após a análise e tratamento dos dados recolhidos, quer no contexto Pré-Escolar, assim como no 1º Ciclo do Ensino Básico, é fundamental retirar algumas conclusões.

Relativamente à Educação Pré-Escolar, de acordo com o objetivo *perceber de que forma a motivação irá causar sucesso na aprendizagem da criança*, as educadoras afirmam que uma criança motivada irá construir uma aprendizagem diversificada, participando ativamente na execução de novas tarefas, tal como pode-se comprovar através da citação: E2:“(…) uma vez que é fundamental a criança se sentir motivada para assim poder participar/realizar as atividades com êxito favorecendo assim a aprendizagem e posterior sucesso escolar.”

Analisando o mesmo objetivo, verificou-se também no Registo de Incidente Crítico 5 e, ainda, no gráfico 7, no qual comprovam esta opinião, visto que 90% referem que se a aprendizagem partir pelos interesses das crianças, estas irão ter uma maior aprendizagem. Relativamente ao *focus group*, as próprias crianças referem que quando querem aprender algo que lhes desperte interesse, conseguem estar muito atentas, C4 afirma que: “Se for os assuntos de que eu gosto eu estou atento sempre. Mas se for assuntos que eu não gosto eu estou a brincar.” De acordo com a componente teórica apresentada nesta investigação, verifica-se uma conformidade de respostas ao longo da componente prática. Assim, tal como refere Oliveira (1999), a motivação “deve ser entendida como um meio para alcançar o sucesso escolar, e para cumprir tal premissa o aluno deve sentir em casa e na escola um ambiente favorável ao seu interesse pessoal” (cit in Simão, 2005, p. 10).

Quanto ao 1ºCiclo do Ensino Básico, e relativamente ao mesmo objetivo, a docente P3 afirmou que a aprendizagem não depende só da motivação, mas sim de diversos fatores envolvidos à mesma “(…) uma criança motivada estará sempre mais envolvida. No entanto, não quer dizer que ela irá ter sucesso na sua aprendizagem, visto que depende de diversos fatores e, não apenas, da motivação.”. “Por sua vez, de acordo com a entrevista efetuada, a docente P2 enumerou alguns aspetos a ter em conta para que haja motivação e aprendizagem:

“o ambiente que tentamos criar ao aluno, aliado à competência, à pedagogia e ao relacionamento interpessoal, é na minha opinião, essencial para que possamos de uma forma mais assertiva, chegar a crianças com interesses, por vezes muito divergentes, e consigamos que assuntos tão abstratos possam despertar neles, a atenção necessária.”

Porém, constatou-se que, na perspetiva da docente P4 “a motivação intrínseca e extrínseca são muito importantes para o sucesso escolar. Por um lado, é necessário

que os alunos encontrem um interesse pessoal pela aprendizagem/ pelo saber. É necessário que as crianças percebam que aprender é útil e necessário. No entanto, os pais também devem fomentar esse interesse, motivando-os.“. Desta forma, pode-se considerar a importância da motivação na aprendizagem das crianças, sendo assim, tal como foi citado pelos docentes, Rodríguez (2006) também afirma a importância da motivação:

“Uno de los aspectos más relevantes para que se dé el aprendizaje es la motivación y no hay duda alguna acerca de que cuando esta no existe, los estudiantes difícilmente aprenden. No siempre hay ausencia de motivación; a veces, lo que se presenta es una inconsistencia entre los motivos del profesor y los del estudiante, o se convierte en un círculo vicioso el hecho de que éstos no estén motivados porque no aprenden” (para.1).

No que diz respeito, ao próximo objetivo de investigação *perceber que a relação educadora- criança, poderá estar relacionada com a motivação*, verificou-se através do *focus group* que existe uma relação afetuosa adulto-criança, sendo assim a C2: “Ela é a nossa melhor amiga!” o que privilegia a partilha de informação. Desta forma, tal como foi investigado através dos autores Lopes & Silva (2010),

“a relação entre o docente e o aluno é considerado como uma componente fundamental no sucesso da criança, isto é “os alunos com atitudes positivas para com os professores e as escolas têm notas mais altas e melhores resultados (...) quando questionados sobre os factores que influenciam o rendimento escolar quase todos realçam as relações entre professores e alunos” (p. 63).

Por sua vez, através do *focus group* as crianças verificam que os seus interesses e as suas dúvidas são ouvidas pelos adultos, à exceção de uma criança que mencionou que C2: “Com a A não é assim. Às vezes ela ajuda-nos outras vezes quando eu digo que quero aprender algo novo ela não quer saber. Só a E3 e a estagiária é que nos ajudam.”

De facto, é necessário que o adulto auxilie a criança na construção do conhecimento, assim, segundo Oliveira (2007), os professores podem ajudar os alunos a “aprender a aprender” e a “aprender a pensar”, sendo estas consideradas a estratégia básica e crucial no decorrer da aprendizagem, no qual a escola deve promover esse pensamento e, não apenas tendo por base a transmissão de conhecimentos.

Desta forma, é fundamental surgirem interesses por parte da criança, no qual o adulto deverá dar-lhe resposta, assim, tal como foi possível verificar no enquadramento teórico no decorrer da investigação, de acordo com Cardoso (2013):

“o professor deve, também, perceber que os jovens têm uma curiosidade natural para adquirirem a informação necessária para agir no que é novo e, até então, desconhecido. (...) Os professores devem, assim, aproveitar esta curiosidade natural dos alunos, já que esta curiosidade levará ao conhecimento e este permite, por sua vez, diminuir a angústia e criar a segurança para agir conscientemente

perante novas situações. A boa notícia aqui é que a curiosidade pode ser treinada e mesmo estimulada pelo professor” (p.228).

Ainda abordando este mesmo objetivo, relativamente ao gráfico 3, pode-se verificar que 90% respondeu que o educando encontra-se motivado em aprender e frequentar o jardim-de-infância. Assim sendo, segundo Pereira (2010), a motivação deve ser compreendida, apoiando o desenvolvimento de atividades que sejam consideráveis para o desenvolvimento do indivíduo que nelas se envolve. Em termos educativos, um aluno motivado encontra-se disposto para aprender autonomamente (Ajello, cit. in Pereira, 2010).

Quanto ao mesmo objetivo, relativamente ao 1º Ciclo do Ensino Básico, é possível verificar que, tal como foi averiguado nos inquéritos por questionário aos alunos, estes apresentam uma grande admiração pelos docentes, fazendo em alguns casos comparações com alguém que consideram importante “a minha professora é parecida com a minha mãe”. Ao analisar as respostas obtidas pelos alunos, estes consideraram os seus professores inteligentes, amigo/a, divertido/a e ainda, atencioso/a. De referir ainda que é vista essa mesma relação de proximidade na realidade e à vista de toda a comunidade envolvida. Perante estas afirmações, é possível confrontar com a afirmação de Lopes & Silva (2010), de que “mais de 200 estudos confirmam que as relações entre professor-aluno têm uma elevada influência no desempenho escolar dos alunos”. (Hattie, 2009, cit in. Lopes & Silva, 2010, p.64)

Relativamente ao gráfico 20, referindo se o educando se sentia motivado a frequentar a escola, pode-se constatar que 77% responderam estarem motivados, 21% afirmaram estar “Em parte” motivado, por sua vez, 2% não responderam à questão. Das respostas obtidas “Em parte” justificaram fatores inerentes tais como: “mau comportamento dos colegas”, “tem problemas de se relacionar”, “só quer estar na brincadeira na escola” e ainda “está numa fase de adaptação”. É possível verificar também a mesma opinião das respostas obtidas pelos alunos, quando afirmaram sentirem-se “Contentes” e “Felizes” quando acordam de manhã para vir para a escola.

Tal como afirmou a docente P2, a motivação dos alunos muitas das vezes parte do docente e da forma como este interage com os seus alunos, “um professor apaixonado pelo seu trabalho, que tenha capacidade de entusiasmar, cativar e criar no aluno uma ilusão de que com sabedoria, não existem limites aos nossos sonhos e que poderemos mudar o mundo”. Tal como foi comprovado através da investigação, o docente tem um papel importante, na medida em que, segundo o autor Rodríguez (2006), “Entonces, cobra importancia también el papel del profesor, para establecer la relación adecuada entre la motivación y el aprendizaje en la construcción del conocimiento, dada su influencia decisiva en el desarrollo curricular (...)” (para.10).

Por último, relativamente ao objetivo *compreender os interesses das crianças*, é possível verificar na Educação Pré-Escolar que existe uma coerência ao nível das respostas, visto que através da entrevista à E1, a mesma privilegia a criança e todo o seu processo de aprendizagem, afirmando “(...) dou oportunidade às crianças para serem um sujeito ativo e protagonista da sua aprendizagem(...)”. Assim, o mesmo é referido pelos encarregados de educação que apresentam uma noção dos interesses do seu educando, presentes no gráfico 6, uma vez que 49% afirmaram ser a brincadeira o seu interesse, 29% referiram ser as atividades manuais, ambas com 7% responderam ser o responsável da semana e cantar como um dos interesses do seu educando, por sua vez com menor percentagem 5% responderam ser o Hip Hop e ainda, 3% responderam ser o karaté os interesses do seu educando.

De salientar ainda que o mesmo aconteceu no registo de incidente crítico nº 1, 3 e 4, onde verificou-se um interesse surgido através de uma conversa durante o acolhimento.

Os resultados referidos revelam que toda a instituição move-se de acordo com os interesses da própria criança e nota-se uma especial atenção por parte dos encarregados de educação em estarem presentes e observarem os interesses constantes dos seus educandos, referidos no inquérito por questionário. Assim, é possível constatar uma ligação entre as respostas obtidas, visto que todos trabalham em prol da criança e da sua aprendizagem diversificada, assim como, toda a partilha de informações por parte da instituição e da família. De acordo com Oliveira (2007), o mesmo salienta a importância da família no desenvolvimento escolar da criança pois,

*“os pais funcionam como factor ou agente determinante na motivação do aluno através de estilos educativos que usam e ainda (em grande parte dependente dos estilos educativos) pelo nível de aspiração, expectativas, interesses, etc. que criam ou impõem ao filho, pelas atitudes frente à escola e aos resultados escolares, pela estabilidade familiar, etc.” (p.139).*

Por fim, no que concerne ao 1º Ciclo do Ensino Básico, após a análise das entrevistas realizadas e dos incidentes críticos nº 5 e 9, verifica-se que os docentes têm em conta os interesses dos seus alunos, bem como salientam a importância em respeitar os diversos ritmos de aprendizagens do mesmo. Para tal, é necessário recorrer a situações concretas e a estratégias de motivação para cativar o aluno e direcioná-lo para a sua aprendizagem.

Assim sendo, os resultados verificados divulgam a necessidade que os docentes têm em ir ao encontro aos interesses dos seus alunos, colocando-os no centro da própria ação de toda a aprendizagem e partilha, tal como afirma Graham e Fitzgerald (2010),

*“participação’ não é apenas um processo de escuta das crianças, ouvir as suas vozes ou ter em conta as suas opiniões, experiências, medos, desejos e*

incertezas: sustenta a possibilidade de as crianças descobrirem e negociarem a essência de quem elas são e o seu lugar no mundo” (cit in Agostinho, 2015, p.8).

Em suma, é possível verificar a existência de um elo de ligação entre a escola-família na Educação Pré-Escolar, uma vez que ambas as partes têm a preocupação de criar essa mesma ligação, verificando assim o sentimento que as crianças têm em sentir-se em casa quando estão no jardim-de-infância. No entanto, relativamente ao 1º Ciclo do Ensino Básico, poucos são os encarregados de educação que procuram os docentes ou apresentam essa mesma ligação.

No que concerne ao centro desta temática, é possível verificar que quer a Educação Pré-Escolar, quer o 1º Ciclo do Ensino Básico apresentam a preocupação de encontrar e procurar os interesses das crianças no âmbito das suas aprendizagens.

No que diz respeito aos interesses das crianças, relativamente à Educação Pré-Escolar, em grande parte, é notório uma conformidade entre o adulto-criança, ou seja, quer os encarregados de educação, quer as educadoras têm noção dos interesses das crianças. Quanto ao 1º Ciclo do Ensino Básico é visível o esforço que o docente efetua quanto à observação dos interesses das crianças assim como, os seus encarregados de educação.

Em ambas as valências foi reconhecido a ligação existencial entre adulto-criança, a interação entre os mesmos, assim como o respeito e acima de tudo, a proximidade e a afetividade que o adulto deposita na criança. Segundo os autores Lopes & Silva (2010), a relação entre o docente e o aluno é considerado como uma componente fundamental no sucesso da criança, isto é “os alunos com atitudes positivas para com os professores e as escolas têm notas mais altas e melhores resultados (...) quando questionados sobre os fatores que influenciam o rendimento escolar quase todos realçam as relações entre professores e alunos” (p. 63).

Desta forma, compreende-se que as crianças se sentem motivadas em frequentar o jardim-de-infância e o 1º Ciclo do Ensino Básico, no entanto, apresentam alguns estados variantes, consoante o seu nível emocional ao saber que vão para a escola.

Apesar dos contextos sociais diferentes em ambas as valências, é notório a preocupação, na grande maioria, dos seus educandos e dos docentes, no entanto, verifica-se que, no que refere ao 1º Ciclo do Ensino Básico existe uma procura diminuta entre os encarregados de educação e os docentes, por sua vez, no contexto Pré-Escolar existe uma maior ligação e partilha desses factos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este é o momento essencial para fazer uma retrospectiva acerca de tudo o que foi sendo desenvolvido no decorrer desta investigação.

Tenta-se investigar e examinar os objetivos do estudo a que se foi proposto responder através dos inquéritos por questionário aos encarregados de educação e às crianças do 1º Ciclo do Ensino Básico, de entrevistas realizadas às educadoras e aos professores e da realização de 3 focus group às crianças de diferentes faixas etárias do jardim-de-infância. Sendo assim, analisa-se os dados obtidos para uma compreensão mais detalhada.

Após uma análise bibliográfica compreende-se que a motivação encontra-se ligada à relação adulto-criança, através de uma dimensão afetiva de educação, numa ativa de descoberta, participação e entreajuda. Assim, a motivação é fundamental para que suceda a aprendizagem, uma vez que estimula o indivíduo a agir de determinada maneira, à procura de novos conhecimentos. Em suma, a motivação influencia a aprendizagem, bem como o desempenho escolar do aluno. Por essa razão vem se constituindo como objeto de estudo para a Psicologia e a Educação.

Deste modo, a motivação "deve ser entendida como um meio para alcançar o sucesso escolar, e para cumprir tal premissa o aluno deve sentir em casa e na escola um ambiente favorável ao seu interesse pessoal" (Oliveira, 1999, cit. in Simão, 2005, p. 10).

Assim, a criança deverá ser o centro de toda ação e, como profissionais de educação, deve-se adotar estratégias face aos seus interesses para potenciar uma boa aprendizagem, mediante a sua participação ativa nas atividades.

Inicialmente foram redigidos os objetivos propostos desta investigação que agiram em conformidade com os resultados obtidos.

Após a análise efetuada a partir dos dados, salienta-se a conexão existente entre a escola- família, visto que ambos privilegiam os interesses da criança e agem em conformidade. No entanto, é possível verificar que no 1º Ciclo do Ensino Básico, em alguns casos, quer a família, quer a escola, não trabalham, de certa forma, em cooperação, porém ambos privilegiam os interesses da criança.

De facto, tal como foi estudado no decorrer deste relatório, a motivação depende de um conjunto de diversos fatores ligados entre si tais como: os docentes, as crianças e a própria família. Deverá existir uma ligação entre os mesmos, para que em conjunto consigam o bem-estar da criança e a melhoria da sua aprendizagem. Ou seja, não cabe só aos docentes incentivarem e motivarem a criança, mas sim, primeiramente, a criança tem de estar predisposta a tal e aí, cabe aos encarregados



de educação a função de motivar as crianças em vir para a escola, em considerar a escola como uma instituição de ajuda, de conhecimento, de união entre toda a comunidade envolvida.

Assim, a prática como estagiária em ambas as valências tornou-se uma colaboração no decorrer desta pesquisa, tendo sido crucial estar no trabalho de campo e ter conhecimento de certos acontecimentos que envolveriam a temática investigada e ainda a participação ativa dentro dos mesmos, tendo em conta o relatório efetuado, tornou-se uma mais-valia para o desenvolvimento da estagiária a nível profissional, assim como para a elaboração do mesmo.

De facto, é possível constatar, através de comentários dos pais/encarregados de educação que esta temática, colocada em prática, contribuiu para o crescimento das crianças em conformidade com os seus interesses, tal como afirmou o encarregado de educação “O meu filho encontra-se motivado em frequentar o jardim-de-infância, em casa ele só fala sobre os peixes. Está a adorar o projeto”. Sendo assim, estes comentários tornam-se gratificantes, uma vez que vem ao encontro da atitude da estagiária no que concerne aos interesses da criança.

Deste modo, torna-se necessário o docente criar estratégias para motivar as crianças, no entanto, primeiramente, deve procurar ouvi-las para, posteriormente agir de acordo com os interesses das mesmas, tornando assim uma aprendizagem mais motivante.

Assim, no decorrer desta investigação deparamo-nos com algumas limitações no âmbito deste tema. Inicialmente foi complexo começar esta pesquisa, uma vez que estava perante um leque elevado de autores, tornando-se difícil, a nível de enquadramento teórico, compactar toda a investigação obtida, visto que considera-se diversas opiniões fundamentais. Em seguida, como limitações, pode-se entender o facto de ter sido um desafio categorizar entrevistas e registos de observação em indicadores. Por fim, considera-se a maior dificuldade ao longo desta pesquisa, encontrar um título que fosse ao encontro, primeiramente dos objetivos propostos, de seguida, da pesquisa efetuada, baseada em diversos autores e ainda, em toda a análise de dados efetuada.

Como limitações do estudo, considero que, o mesmo poderia ter incidido numa investigação acompanhada, desde o início do ano letivo até ao fim, a um único grupo de crianças, de forma a compreender melhor o ritmo e as aprendizagens das mesmas, o efeito da motivação nos seus resultados académicos e ainda, o efeito da motivação na relação adulto-criança. Assim, a investigação tinha a possibilidade de gradualmente demonstrar os recuos e avanços relativamente à aprendizagem de um só grupo de crianças, focando-se nos objetivos inerentes à investigação desenvolvida.

Desta forma, é necessário uma investigação profunda para colmatar o insucesso escolar, facilitando aos docentes melhores estratégias de forma a agir em conformidade com o que as crianças procuram.

Tal como se iniciou este relatório, fazendo referência ao Credo Pedagógico de Dewey (1897), acredita-se numa conceção de educador/professor, que procura conhecer de forma efetiva as crianças que tem perante si, que lhes dá voz e as escuta, que as incentiva a perseguir os seus interesses, que as motiva a questionar, que desperta e aguça a curiosidade, que dá *feedback* sem desencorajar e que tem consideração incondicional por cada criança.

Acredita-se também numa conceção da criança, como um ser único, com interesses próprios, ativas, com agência, capazes de investigar e descobrir o mundo ao seu redor e com valores.

Acredita-se que, tanto as crianças aprendem com o adulto, como todos os dias o adulto aprende com elas. Desta forma, acredita-se numa aprendizagem mútua e dialógica entre o adulto-criança.

Tal como afirma o professor João Carlos Ramalheiro (2013):

“um bom professor é aquele que encara cada aula como um desafio, expressando a sua profunda paixão em poder interagir num contexto educativo, conquistando desta forma um avanço significativo na aprendizagem dos seus discípulos. Assim, a autoridade do professor deve, de preferência, ser conquistada e não tanto imposta, assumindo a liderança através do seu desempenho.” (p.69).

## BIBLIOGRAFIA

- André, M. E. D. A. (1983). Texto, contexto e significado: algumas questões na análise de dados qualitativos. *Cadernos de Pesquisa*, (45), p. 66-71.
- Agostinho K. , Demétrio R., Bodenmuller S., (2015). Participação Infantil: a busca por uma relação democrática entre crianças e adultos. *Rev. Zero-a-seis*. v.17, n.32.
- Brophy, J. (1991). I Know I can do this. *American Journal of Community Psychology*, 19 (3),371-377.
- Boruchovitch, E.; Bzuneck, J.; Guimarães, S.; (2010). *Motivação para Aprender*. Brasil: Editora Vozes.
- Cardoso, J. (2013). *O Professor do Futuro*. Editor: Guerra e Paz.
- Moraes, C.; Varela, Simone V. (2007). Motivação do Aluno Durante o Processo de Ensino-Aprendizagem. *Revista Eletrônica de Educação*. Ano 1, n.01, ago-dez.
- Cavalcanti, M. M. P. (2009). *A Relação entre Motivação para Aprender, Percepção do Clima de Sala de Aula para Criatividade e Desempenho Escolar de Alunos do 5º Ano do Ensino Fundamental*. Dissertação de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília.
- Cordeiro, P. (2010). *Construção e Validação do Questionário de Motivação Escolar Para a População Portuguesa: Estudos Exploratórios*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho. Braga.
- Deci, E.L & Ryan, R.M (1980). *The empirical exploration of intrinsic motivational process*. In L. Berkowitz (Ed.), *Advances in experimental social psychology* (vol. 13, pp. 39-80). New York: Academic Press.
- Deci, E.L & Ryan, R.M (1985) *Intrinsic motivation and self-determination in humor behaviour*. New York: Plenum Press.
- Deci, E.L & Ryan, R.M (1992) *The initiation and regulation of intrinsically motivated learning and achievement*. In A. Biggiano & T. Pittmand (Ed.), *Achievement and motivation: a social- development perspective* (9-36). London: Cambridge University Press.
- Dewey, J.(1987). *Meu credo pedagógico*. Acedido em janeiro 2016 em:  
<http://pt.scribd.com/doc/23016719/John-Dewey-Meu-credo-pedagogico>
- Engelmann, E. (2010). *A Motivação de Alunos dos Cursos de Artes de Uma Universidade Pública do Norte do Paraná*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Londrina.
- Freire, P. (2007). *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.

- Gonçalves, S. (2007). *O Estudo Científico da Aprendizagem: Perspectivas Behaviorista, Cognitivista e Cognitivista-Social*. Coimbra.
- Gonçalves, P. (2009). *Estratégias de Aprendizagem em Contexto Educativo e Formativo: Contributo para a Aprendizagem ao Longo da Vida*. Dissertação de Mestrado- Universidade Fernando Pessoa, Porto.
- Graham, A.; Fitzgerald. (2010). *O progresso da participação das crianças: explorando o potencial de uma atitude dialógica*. *Childhood*, 17,p. 343.
- Guimarães, S & Boruchovitch, E. (2004). O estilo motivacional do professor e a motivação intrínseca dos estudantes: uma perspectiva da Teoria da Autodeterminação. *Psicologia e Reflexão Crítica*. . v.17, n.2.
- Guthrie, J. T. (2001). *Engagement and Motivation in Reading Instruction*. Paper presented for the National Invitational Conference on Successful Reading Instruction sponsored by the U.S. Department of Education and the Laboratory for Student Success at the Temple University Center for Research in Human Development and Education, November 12–13, Washington, DC.
- Heider, F. (1970). *Psicologia das Relações Interpessoais*. São Paulo: Pioneira.
- Hohmann, M.; Weikart, D. (2011). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Inácio, M, (2007). Manual do Formando.“O Processo de Aprendizagem”.Delta Consultores e Perfil: Lisboa.
- Jesus, S. (2008). Estratégias para Motivar os Alunos. *Revista Educação* 31, (1).
- Jesus, S.;Abreu, M (1993). *Motivação dos professores para motivar os alunos. Um estudo exploratório segundo a teoria do comportamento planeado*. *Psychologica*, 10, 29-37.
- Katz, L. (1993). *Estádios de desenvolvimento de educadores de infância. Cadernos de Educação de Infância*, 27. Lisboa: APEI, pp. 16-19.
- Ketеле, J. & Roegiers, X. (1999). *Metodologia de recolha de dados: fundamentos dos métodos de observações, de questionários, de entrevistas, e de estudos de documentos*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Lemos, M. & Estrela, A. (1991). *A dimensão cognitivo- motivacional da ação dos alunos e sala de aula. Ciências da Educação em Portugal*. Situação actual e perspectivas, 285-293.
- Lieury, A; Fenouillet, F. (1997). *Motivação e sucesso escolar*. Coleção Ensinar e Aprender. Lisboa: Editorial Presença.
- Lourenço, A. e Paiva, M. (2010). A Motivação Escolar e o Processo de Aprendizagem. *Centro de Investigação em Psicologia e Educação (CIPE). Ciências & Cognição*; vol 15 (2): 132-141.

- Marques, R. (2007). *A Pedagogia construtivista de Lev-Vygotsky*. Acedido em dezembro 2015 em:  
[http://www.eses.pt/usr/ramiro/docs/etica\\_pedagogia/A%20Pedagogia%20construtivista%20de%20Lev%20Vygotsky.pdf](http://www.eses.pt/usr/ramiro/docs/etica_pedagogia/A%20Pedagogia%20construtivista%20de%20Lev%20Vygotsky.pdf).
- Marta, P. (2000). *Child Participation*. New York: Unicef.
- Martinelli, S. (2014). Um estudo sobre desempenho escolar e motivação de crianças. *Educar em Revista*. N.53.
- Martinelli, S.C., Genari, C.H.M. (2009). Relações entre desempenho escolar e orientações motivacionais. *Estudos de Psicologia*, 14, 1, 13-21.
- Maslow, A. (1954). *Motivation and Personality*. New York: Harper & Row
- Hébert- Lessard, M; Goyette, G.; Boutin, G. (1994). *Investigação qualitativa: Fundamentos e Práticas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Ndagijimana, J. (2008). *Motivation et Réussite des Apprentissages Scolaires*. Côte d'Ivoire: Université de Bouake.
- Oliveira-Formosinho, J. (2011a). *O Espaço e o Tempo na Pedagogia-em-Participação*. Porto: Porto Editora.
- Oliveira-Formosinho, J. (2011b). *O Trabalho de Projeto na Pedagogia-em-Participação*. Porto: Porto Editora.
- Paiva, M. e Lourenço, A. (2010). *Disrupção Escolar e Rendimento Académico: Um estudo com Modelos de Equações Estruturais*. Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia, Eds. C. Nogueira et al. Braga: Universidade do Minho. 2704-18.
- Paiva, M e Burochovitch, E. (2010). Orientações Motivacionais, Crenças e Desempenho Escolar dos Estudantes do Ensino Fundamental. *Psicologia em Estudo*, Paraná, v. 15, n. 2, p. 381-389.
- Papalia, D. ; Olds, S.; Feldman, R. (2001). *O Mundo da Criança*. Brasil: McGraw- Hill.
- Pardal, L.; Lopes, E. (2011). *Métodos e técnicas de investigação social*. Porto: Areal.
- Pereira, M. L. N. (2010). Factores que favorecen el desarrollo de una actitud positiva hacia las actividades académicas. *Revista Educación*, 34(1).
- Pfromm, S. (1987). *Psicologia da Aprendizagem e do Ensino*, São Paulo: EPU.
- Pillizari, A., Kriegl, M., Baron, M., Finck, N. & Dorocinski, S. (2002) Teoria da aprendizagem significativa segundo Ausubel. *Revista Psicologia Educação Cultura*, v.2, n.1.
- Quivy, T., & Campenhoudt, V.L. (2003). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

- Ribeiro, F. (2011). Motivação e aprendizagem em contexto escolar. *Profforma*, 3, 1-5.
- Ribeiro, F. (2001). Motivação e aprendizagem em contexto escolar. *Revista online Centro de Formação de Professores do Nordeste Alentejano*. Escola Secundária de São Lourenço.
- Rodríguez, J. (2006). La motivación, motor del apredizaje. *Revista Ciencias de la Salud*. v.4, n.2.
- Ruiz, V.M.(2004) A efetividade de recompensas externas sobre a motivação do aluno. *Revista Pedagógica do Creupi*, Espírito Santo do Pinhal, São Paulo 1 (2).
- Santrock, J. W. (2009). *Psicologia Educacional*. São Paulo: McGraw-Hill.
- Simão, R. I. P. (2005). *A Relação entre Atividades Extracurriculares e Desempenho Académico, Motivação, Auto-Conceito e Auto-Estima dos Alunos*. Monografia de Licenciatura em Psicologia. Instituto Superior de Psicologia Aplicada – ISPA.
- Tapia, A. (1997). *Motivar para el aprendizagem. Teoria y estratégias*. Barcelona: Edebé.
- Stipek, D. (2002). *Motivation to learn: From theory to practice* (4th edition). (pp. 272 pages). Needham Heights, MA: Allyn & Bacon.
- Tavares, J. & Alarcão, I. (2002). *Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem*. Coimbra: Almedina.
- Tavares et al (2007). *Manual de Psicologia do desenvolvimento e aprendizagem*. Porto: Porto Editora.
- Unicef (1990). *A Convenção sobre os direitos da Criança*. Acedido em janeiro 2016 em: [www.unicef.pt](http://www.unicef.pt)
- Valim, N. et al. (2006) *Teorias Motivacionais*. Poços de Caldas.
- Veríssimo,D. S., Andrade, A. S. (2001). Estudo das representações sociais de professores de 1ª. a 4ª. série do ensino fundamental sobre a motivação dos alunos e o papel do erro na aprendizagem. *Revista Ribeirão Preto*. v.11, nº21.
- Vieira, R.; Vieira C., (2005). *Estratégias de Ensino/ Aprendizagem*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Vygotsky. L. S. (2003). *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes. (trabalho original em inglês, publicado em 1984).
- Vila, C., Diogo, S.,Vieira, A., (2008), *Aprendizagem*. Acedido em: janeiro, 2016, em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0125.pdf>.
- Weiner, B. (1986) *Na Attribucional Theory of motivational and emotion*. New York.

# **Anexos**

## **Anexo 1- Inquérito por questionário aos encarregados de educação de Educação Pré-Escolar**

O presente questionário é realizado no âmbito da unidade curricular Estágio I em Educação Pré-Escolar, incorporada no Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti. Tem como objetivo a recolha de dados para a investigação do relatório de estágio cujo tema central incide sobre a relação entre os interesses da criança e a sua aprendizagem.

Assim, vimos solicitar a sua participação pedindo-lhe que seja o mais sincero possível nas suas respostas. Asseguramos o total anonimato das suas respostas, sendo os dados recolhidos apenas para fins académicos.

Solicitamos que devolva o questionário preenchido até ao próximo dia 15 de Junho.

1.

1.1 Como Encarregado de Educação procura estar a par do quotidiano do seu filho no Jardim de Infância? (assinale com uma cruz (X) as suas respostas)

	Nunca	Raramente	Semanalmente	Frequentemente , quando surge oportunidade	Diariamente
Pergunto na instituição					
Converso com o meu filho					
Espontaneamente, o meu filho conversa comigo					
Outro: _____					



1.2. Com que frequência costumam conversar sobre os seguintes aspectos (assinale com uma cruz (X) as suas respostas)

	Nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Sempre
Atividades e experiências em que participou					
Projetos que esteja a desenvolver					
Conflitos que tenham surgido					
Conversas que teve no jardim de infância					
Atividades que gostaria de realizar					
Outro: _____					

2. Na sua opinião, o seu filho encontra-se motivado em aprender e a frequentar o Jardim de Infância? (assinale com uma cruz (X) a sua resposta e por favor, justifique a mesma)

Sim  Em parte  Não

---



---



---



---

3. Quando vem buscar a criança como acha que ela se encontra a nível emocional? (assinale com uma cruz (X) as suas respostas)

	Nunca	Raramente	Às vezes	Muitas vezes	Sempre
Cansada					
Aborrecida					
Bem disposta					
Feliz					

4. Quais são os maiores interesses do seu educando no Jardim de Infância?

---



---

5. Considera que se o processo de aprendizagem for ao encontro dos interesses das crianças, que estas irão ter uma maior aprendizagem devido à sua motivação? (assinale com uma cruz (X) a sua resposta)

Sim  Em parte  Não

5.1 Justifique a sua resposta à alínea anterior

---

---

---

---

6. Que exemplo já verificou no Jardim de Infância no qual, devido ao seguimento dos interesses das crianças, tenham influenciado a aprendizagem?

---

---

---

7. Idade do seu educando: \_\_\_\_\_  
8. Idade do Encarregado de Educação: \_\_\_\_\_  
9. Grau de Parentesco: \_\_\_\_\_

Muito Obrigada!

## **Anexo 2 - Guião das entrevistas realizadas às educadoras de Educação Pré-Escolar**

- 1- De acordo com a citação de Oliveira, citado por Simão (2005) a motivação "deve ser entendida como um meio para alcançar o sucesso escolar, e para cumprir tal premissa o aluno deve sentir em casa e na escola um ambiente favorável ao seu interesse pessoal" concorda com esta citação?
- 2- Quais os fatores, na sua opinião, que influenciam a desmotivação da criança?
- 3- Quais os fatores, na sua opinião, que influenciam a motivação da criança?
- 4- Acha que a motivação e a aprendizagem estão relacionadas?
- 5- Sente que é necessário recorrer a utilização de situações e materiais concretos para que a criança compreenda os conteúdos?
- 6- Durante o seu percurso como educadora, qual a sua opinião relativamente ao ambiente da sala de aula, tendo em conta os interesses da criança?
- 7- Que estratégia usa para identificar os interesses das crianças?
- 8- Que estratégia usa para motivar as crianças?
- 9- Há quanto tempo é profissional de educação?
- 10- Há quanto tempo exerce a sua profissão nesta instituição?

### **Anexo 3- Guião de *Focus Group* às crianças**

1-Como é a vossa relação com a Educadora? Ela é vossa amiga e carinhosa com vocês?

2- O que gostam de aprender com ela?

3- Acham que quando pedem para descobrir algo novo, os adultos ensinam-vos ou nem ouvem os vossos pedidos?

4-Vocês escolhem o que querem aprender?

5-Sentem que quando estão a falar de algum assunto que gostam muito ficam mais concentrados e atentos ou distraídos e a falar para o colega?

6-Algo que gostaram de aprender/fazer e porque?

7-O que mais gostam de fazer na instituição?

8-E o que menos gostam?

## Anexo 4

### Focus group 1º grupo (3 anos)

**Estagiária:** Então, como é a vossa relação com a E2? A E2 é vossa amiga?

**Criança 2:** A E2 ajuda-me a fazer um trabalho.

**Criança 3:** A E2 ajuda-me a fazer um trabalho.

**Estagiária:** Um trabalho que ela vos manda fazer?

**Criança 3:** Sim.

**Estagiária:** E tu c4?

**Criança 4:** Ela ajuda-me sempre.

**Estagiária:** E a vocês? C5 e C6? A E2 ajuda-vos sempre?

**C4:** Sim.

**C5:** E é nossa amiga também.

**Estagiária:** A próxima pergunta: O que gostam mais de fazer com a E2? C6 o que gostas mais de fazer com a E2?

**C6:** Desenhar.

**Estagiária:** E tu C4?

**C4:** De dançar

**Estagiária:** e tu C3?

**C3:** De escrever.

**Estagiária:** e TU c2?

**C2:** De pintar.

**Estagiária:** e tu C1?

**C1:** De pintar

**Estagiária:** E tu C5? Gostas de Pintar também com a E2 é?

**C5:** Sim.

**Estagiária:** Muito bem! A próxima pergunta: Quando vocês querem saber alguma coisa nova a Vera ensina-vos? Ou não ouve o que vocês dizem?

**C1:** Ela ensina sempre.

**C3:** Ela ensina-me sempre o que eu quero aprender.

**Estagiária:** A próxima pergunta: São vocês que escolhem o que querem aprender? Vocês dizem: E2 eu gostava de saber mais sobre, por exemplo, as figuras geométricas, e ela ajuda-vos?

**C2:** Sim

**Estagiária:** Uma pergunta muito importante, C1 para ti: quando a E2 está a falar sobre um assunto que tu gostas muito, tu ficas muito muito atenta e concentrada ou estás a falar com a C2? Quem quer ajudar a C1?

**C3:** Sim estamos muito atentos.

**C1:** Eu não estou atenta.

**Estagiária:** mesmo quando é um assunto que tu gostas muito? Tu ficas atenta não ficas?

**C1:** Sim

**Estagiária:** Agora a próxima pergunta, o que gostaram mais de fazer com a E2?

**C3:** Pintar.

**C2:** Eu gostei de desenhar.

**C4:** Eu de pintar.

**Estagiária:** E tu c5? O que gostaste mais de fazer com a E2? Foi a experiência da Germinação do Feijão?

**C5:** Sim.

**Estagiária:** O que gostam de fazer na instituição?

**C3:** Gosto de estar com os meus amigos.

**C1:** Gosto de aprender coisas novas.

**Estagiária:** Boa! Agora uma pergunta muito difícil: e o que menos gostam?

**C1:** Gostamos de fazer tudo.

**Estagiária:** Que simpáticos que vocês são. Quero ver se isso acontece! E termina assim as nossas perguntas. Gostaram de participar?

**Todos:** Sim.

### ***Focus Group- 2º grupo (4 anos)***

**Estagiária:** Como acham que é a vossa relação com a E1? Ela costuma ser vossa amiga e carinhosa? C2 o que achas?

**C2:** Sim.

**Estagiária:** Como é que a E1 é?

**C2:** Uma riqueza.

**Estagiária:** C4 e tu que achas?

**C4:** A E1 é bonita.

**Estagiária:** E tu c1?

**C1:** Ela não gosta que nos façamos barulho, mas é muito nossa amiga e está sempre a dizer para nós nos portarmos bem, porque é para o nosso bem.

**Estagiária:** e tu c3? Ela ajuda-te nos trabalhos?

**C3:** Sim.

**Estagiária:** C4 e tu queres dizer mais alguma coisa? O que achas que a E1 é?

**C4:** É nossa amiga e eu gosto muito dela.

**Estagiária:** A próxima pergunta é: o que gostam de aprender com a E1?

**C3:** Eu gosto de aprender os trabalhos.

**C4:** eu gosto de aprender as letras.

**Estagiária:** e tu c2?

**C2:** Gosto de ajudar a E1.

**Estagiária:** Gostas de ajudar? Mas o que gostas de aprender com ela? Qual foi a atividade que mais gostaste de fazer com a E1?

**C3:** Eu contigo gostei de fazer a experiência do Feijão.

**Estagiária:** Pois isso foi comigo que aprendemos as fases da germinação. Olha uma pergunta nova: quando vocês querem descobrir algo novo os adultos ensinam ou não querem saber?

**Todos:** Ensinam.

**C1:** A E1 ensina-nos tudo o que nós não sabemos.

**Estagiária:** Muito bem! Então vocês escolhem sempre o que querem aprender?

**Todos:** Sim.

**Estagiária:** Agora uma coisa muito importante, C4 para ti : quando estão a falar sobre algum assunto de que vocês gostam, por exemplo quando a E1 está a falar sobre alguma coisa de que tu gostas muito, tu estás atento ou preferes estar na conversa?

**C4:** Estou muito atento claro.

**Estagiária:** E tu c1?

**C1:** Eu também

**C2:** Porque depois a E1 vai perguntar o que acabou de dizer e ele não vai saber.

**Estagiária:** O que gostaram mais de fazer ou de aprender?

**C3:** Eu gostei de aprender os trabalhos e as letras.

**C1:** Gostei de aprender a escrever o meu nome.

**C4:** Eu já sabia quando entrei para a escola.

**Estagiária:** C5 o que gostaste mais de fazer?

**C5:** Brincar.

**Estagiária:** Contem-me lá, o que vocês gostam de fazer na instituição?

**C2:** Gosto de trabalhar.

**C3:** Eu gosto de fazer letras.

**C4:** Eu gosto muito de brincar e de beber água.

**Estagiária:** E tu C1?

**C1:** Eu gosto de aprender muitas coisas.

**Estagiária:** E tu C5?

**C5:** Eu gosto de fazer desenhos.

**Estagiária:** Muito bem! Olha uma pergunta muito difícil: e o que menos gostam?

**C4:** Nós não gostamos de fazer... não sei, porque eu gosto de fazer tudo!

**C2:** Eu não gosto de fazer asneiras.

**C1:** Porque depois os adultos ficam zangados e ralham-nos.

**Estagiária:** Muito bem! E termina assim as nossas perguntas. Gostaram de participar?

**Todos:** Sim.

### ***Focus Group- 3º grupo (5 anos)***

**Estagiária:** Então... como é a vossa relação com a E3? Vocês acham que ela é vossa amiga ou não?

**C2:** Acho que ela é nossa amiga.

**C3:** Ela ajuda-me sempre quando preciso.

**Estagiária:** A fazer o quê?

**C3:** A fazer os trabalhos.

**Estagiária:** E tu C1?

**C1:** Ela é nossa amiga e é boa.

**Estagiária:** E tu C3? A E3 ensina-te muitas coisas?

**C3:** Sim. E ajuda-me a escrever as palavras do projeto "A Ler Vamos"

**Estagiária:** E tu C4? O que achas?

**C4:** Ela é amiga.

**C1:** Posso dizer mais uma coisa?

**Estagiária:** Sim claro.

**C1:** A E3 é amorosa e querida.

**C2:** Ela é a nossa melhor amiga!

**Estagiária:** Próxima pergunta, C3 o que gostas de aprender com a E3? O quê que a E3 já ensinou que gostaste de aprender?

**Estagiária:** Queres pensar um bocadinho?

**C3:** Sim.

**Estagiária:** C1 diz-me lá!

**C1:** Gostei de aprender coisas do esqueleto.

**Estagiária:** E tu c2, o que gostaste de aprender com a E3?

**C2:** Eu gosto de fazer tudo com ela.

**Estagiária:** A sério? Muito bem, e tu c3?



**C3:** Gostei de ir ao Museu.

**Estagiária:** E tu c4?

**C4:** Também gostei de ir ao Museu.

**Estagiária:** E tu C5? O que gostaste mais de aprender? Foi as letras, os números?  
Conta-me lá...

**C5:** Hum... gostei das letras do alfabeto.

**Estagiária:** A próxima pergunta muito importante: quando querem descobrir algo novo os adultos ensinam ou não querem saber?

**C1:** Ensinam.

**Estagiária:** Costumam ensinar sempre que querem aprender algo novo?

**C2:** Não.

**Estagiária:** Não C2? Porquê?

**C2:** Com a A não é assim. Às vezes ela ajuda-nos outras vezes quando eu digo que quero aprender algo novo ela não quer saber. Só a E3 e a estagiária é que nos ajudam.

**Estagiária:** A próxima pergunta: vocês escolhem sempre o que querem aprender?

**C5:** Sim.

**Estagiária:** E tu C4?

**C4:** Não, porque a E3 diz sempre que temos que aprender uma coisa de cada vez, senão confundimo-nos.

**C2:** Mas como nós não podemos saber tudo de uma vez, a E3 ensina-nos uma coisa e depois não se esquece e ensina-nos logo outra. Por exemplo, alguém quer aprender o crescimento do feijão, e depois a C3 diz “ não eu quero fazer o projeto “ A ler vamos” e a E3 consegue fazer tudo o que nós pedimos.

**Estagiária:** A próxima pergunta: quando estão a falar sobre algum assunto de que vocês gostam, vocês ficam mais concentrados ou estão distraídos?

**C4:** Às vezes estou distraído a brincar.

**Estagiária:** E estás distraído mesmo se for alguma coisa de que tu gostes muito?

**C4:** se for os assuntos que eu gosto eu estou atento sempre. Mas se for assuntos que eu não gosto eu estou a brincar.

**Estagiária:** C3 diz algo que tenhas gostado de aprender!

**C3:** A ler.

**C2:** Eu gostei de aprender coisas sobre o Corpo Humano.

**Estagiária:** O que gostas mais de fazer na instituição C5?

**C5:** Brincar com os amigos.

**Estagiária:** E tu c1, o que gostas mais de fazer aqui?

**C1:** Gosto de brincar.

**Estagiária:** E o que menos gostam de fazer?

**C1:** Eu não gosto de ficar na sala sentada

**C2:** Mas eu gosto de fazer tudo aqui!

**Estagiária:** Muito bem! Gostaram das perguntas?

**Todos:** Sim.

## Anexo 5

### Entrevista 1 realizada à Educadora

**Estagiária:** De acordo com a citação de Oliveira, citado por Simão (2005) a motivação "deve ser entendida como um meio para alcançar o sucesso escolar, e para cumprir tal premissa o aluno deve sentir em casa e na escola um ambiente favorável ao seu interesse pessoal" concorda com esta citação?

**E1:** Sim, a motivação é um fator fundamental para o sucesso, só uma criança que sente prazer no que faz consegue caminhar para alcançar o sucesso.

**Estagiária:** Quais os fatores, na sua opinião, que influenciam a desmotivação da criança?

**E1:** Na minha opinião, os fatores que originam a desmotivação da criança são: a falta de estratégias para abordar assuntos que é muito importante a meu ver, as atividades que não vão de encontro aos interesses das crianças e ainda, quando a criança não está envolvida na aprendizagem. Estes fatores são fundamentais, uma vez que na ausência dos mesmos influencia a desmotivação da criança.

**Estagiária:** Quais os fatores, na sua opinião, que influenciam a motivação da criança?

**E1:** Pelo contrário, os fatores que influenciam a motivação da criança são: a utilização de estratégias desafiadoras e estimulantes, o envolvimento da criança na aprendizagem, partir sempre do que a criança já sabe e ainda, um método que uso regularmente e muito importante, elogiar os êxitos da criança.

**Estagiária:** Acha que a motivação e a aprendizagem estão relacionadas?

**E1:** (sorri, abanando com a cabeça) Sem dúvida que toda a motivação está relacionada com a aprendizagem.

**Estagiária:** Sente que é necessário recorrer a utilização de situações e materiais concretos para que a criança compreenda os conteúdos?

**E1:** Na minha opinião sim, visto que a criança necessita de experimentar para compreender conteúdos.

**Estagiária:** Durante o seu percurso como educadora, qual a sua opinião relativamente ao ambiente da sala de aula, tendo em conta os interesses da criança?

**E1:** Tudo gira à volta da criança, ela é o centro de toda a sua aprendizagem. Só assim ela se sentirá motivada para a aquisição de novos conteúdos. Só o que é conquistado através da sua experiência pessoal faz sentido para ela. O ambiente deverá ser estimulante indo de encontro aos interesses da criança.

**Estagiária:** Que estratégia usa para identificar os interesses das crianças?

**E1:** Dou oportunidade às crianças para serem um sujeito ativo e protagonista da sua aprendizagem e ainda, acho que a observação de comportamentos cruciais para a identificação dos seus interesses.

**Estagiária:** Que estratégia usa para motivar as crianças?

**E1:** Dou sempre relevância à experiência da criança, respeito também os diferentes ritmos das crianças, que é essencial, promovo na criança momentos de investigação e descoberta e ainda, desenvolvo na criança sentimentos de segurança e responsabilidade.

**Estagiária:** Há quanto tempo é profissional de educação?

**E1:** Sou profissional há 16 anos.

**Estagiária:** Há quanto tempo exerce a sua profissão nesta instituição?

**E1:** Já estou nesta instituição há 13 anos consecutiva.

## **Entrevista 2 realizada à Educadora**

**Estagiária:** De acordo com a citação de Oliveira, citado por Simão (2005) a motivação "deve ser entendida como um meio para alcançar o sucesso escolar, e para cumprir tal premissa o aluno deve sentir em casa e na escola um ambiente favorável ao seu interesse pessoal" concorda com esta citação?

**E2:** Concordo plenamente com essa citação, uma vez que é fundamental a criança se sentir motivada para assim poder participar/realizar as atividades com êxito favorecendo assim a aprendizagem e posterior sucesso escolar.

**Estagiária:** Quais os fatores, na sua opinião, que influenciam a desmotivação da criança?

**E2:** Na minha opinião o facto de as atividades não serem adequadas à idade/grupo, as técnicas não serem adequadas e a repetição das atividades/temas, levam a que haja desmotivação por parte das crianças.

**Estagiária:** Quais os fatores, na sua opinião, que influenciam a motivação da criança?

**E2:** Na minha opinião os materiais/recursos apelativos; organização do espaço; gestão do tempo das atividades; adequação das atividades ao grupo (devem ser estimulantes), tudo isto influencia a motivação da criança.

**Estagiária:** Acha que a motivação e a aprendizagem estão relacionadas?

**E2:** A aprendizagem envolve bastantes fatores e um deles é, como já acima referi, a motivação. A motivação tem como base o interesse das crianças e isto, por si só, favorece a atenção e a concentração da criança nas atividades propostas. Por isso, é

importante ter em conta os interesses das crianças quando se planifica/propõe as atividades.

**Estagiária:** Sente que é necessário recorrer a utilização de situações e materiais concretos para que a criança compreenda os conteúdos?

**E2:** Sim, por vezes é necessário utilizar estratégias específicas que possam favorecer uma melhor compreensão por parte das crianças.

**Estagiária:** Durante o seu percurso como educadora, qual a sua opinião relativamente ao ambiente da sala de aula tendo em conta os interesses da criança?

**E2:** Como educadora, é bastante importante privilegiar os interesses das crianças na organização/gestão do ambiente e dos espaços de sala. É necessário observar e definir os interesses e necessidades do grupo para poder ir adequando os espaços aos mesmos.

**Estagiária:** Que estratégia usa para identificar os interesses das crianças?

**E2:** Observação e conversas em grande grupo maioritariamente.

**Estagiária:** Que estratégia usa para motivar as crianças?

**E2:** Procuo sempre utilizar estratégias diversificadas, diferentes materiais, histórias e canções. O meu grupo gosta bastante destas estratégias, porque ficam motivadíssimos.

**Estagiária:** Há quanto tempo é profissional de educação?

**E2:** Acabei a licenciatura em Educação de Infância em 2003 e comecei a exercer no mesmo ano.

**Estagiária:** Há quanto tempo exerce a sua profissão nesta instituição?

**E2:** Há 10 anos.

### **Entrevista 3 realizada à Educadora**

**Estagiária:** De acordo com a citação de Oliveira, citado por Simão (2005) a motivação "deve ser entendida como um meio para alcançar o sucesso escolar, e para cumprir tal premissa o aluno deve sentir em casa e na escola um ambiente favorável ao seu interesse pessoal" concorda com esta citação?

**E3:** Concordo com essa citação de Simão, uma vez que na minha opinião a motivação é algo que estará sempre presente nas crianças e leva-lhe ao sucesso, não só escolar, como também pessoal. Uma criança motivada, irá ter êxito e sucesso na escola, assim como irá sentir-se bem com ela própria e bastante otimista."

**Estagiária:** Quais os fatores, na sua opinião, que influenciam a desmotivação da criança?

**E3:** O meu grupo é bastante complexo e necessita sempre de atividades que os atraem, contudo, os fatores que originam a desmotivação são: atividades que já foram

executadas/ repetidas, atividades que não são adequadas para a sua faixa etária, atividades que não sejam concretas”

**Estagiária:** Quais os fatores, na sua opinião, que influenciam a motivação da criança?

**E3:** O meu grupo é bastante complicado a nível de motivação, porque são crianças que necessitam da motivação por vezes a dobrar do que qualquer outra criança. Contudo sei que tudo que seja de manusear, tudo que seja para mostrar através de recursos digitais, tudo que seja para eles participarem ativamente, despertará interesses neles.

**Estagiária:** Acha que a motivação e a aprendizagem estão relacionadas?

**E3:** Na minha opinião estou de total acordo, que exista uma ligação entre a aprendizagem e a motivação. Um exemplo disso, o meu grupo necessita sempre de motivação com recursos digitais, para captar a atenção do mesmo, para de seguida dar um dado conteúdo e adquirirem a aprendizagem.

**Estagiária:** Sente que é necessário recorrer a utilização de situações e materiais concretos para que a criança compreenda os conteúdos?

**E3:** É essencial para a criança experimentar sempre, para de seguida assimilar conhecimentos.

**Estagiária:** Durante o seu percurso como educadora, qual a sua opinião relativamente ao ambiente da sala de aula tendo em conta os interesses da criança?

**E3:** Durante os meus anos como profissional, tento sempre caracterizar a sala de acordo com os interesses das crianças. Acho que acima de tudo devemos conhecer as nossas crianças para, posteriormente, proporcionar um bom ambiente à sua volta.

**Estagiária:** Que estratégia usa para identificar os interesses das crianças?

**E3:** Das estratégias que utilizo e que me ajudam a compreender o grupo, são as horas de transição, ou até os momentos de acolhimento, onde através das conversas em grande grupo, consigo observar situações, interesses, comportamentos das próprias crianças.

**Estagiária:** Que estratégia usa para motivar as crianças?

**E3:** Durante as minhas atividades, privilegio ser a criança a experimentar todas as atividades propostas, assim como, mostro sempre recursos digitais, uma vez que sei que capta a atenção do meu grupo de crianças.

**Estagiária:** Há quanto tempo é profissional de educação?

**E3:** Há alguns anos...já lá vão 17 anos.

**Estagiária:** Há quanto tempo exerce a sua profissão nesta instituição?

**E3:** Nesta instituição, já cá estou há 11 anos.

## **Anexo 6 - Registos de Observação**

### **Registo de Incidente Crítico nº 1**

**Nome da criança:** A , E

**Idade:** 4 Anos

**Observadora:** Estagiária

**Data:** 13/4/2015

**Incidente:** Durante a manhã de acolhimento, enquanto as crianças contavam as novidades do fim-de-semana, a criança E referiu que tinha ido no domingo, jantar ao Mac Donalds.

E: Eu no domingo fui jantar ao Mac Donalds com a minha avó e comi um happy meal.

A: Que boneco saiu?

E: Saiu um barco que consegue flutuar.

A: O que é isso de flutuar?

E: Também não sei, a minha avó não me explicou.

**Comentário:** Após termos verificado a conversa tida no decorrer do acolhimento, tornou-se essencial dar a entender às crianças o verdadeiro significado da palavra “flutuar” que tanto originou uma certa dúvida na palavra. Desta forma, recorreu-se ao currículo emergente, de forma a dar resposta aos interesses das crianças tidos em conta nesse mesmo dia. Elaborou-se assim uma experiência, flutua ou não flutua, com diversos objetos referentes na nossa experiência.

### **Registo de Incidente Crítico nº2**

**Nome da criança:** L, T, Z

**Idade:** 4 Anos

**Observadora:** Estagiária

**Data:** 21/4/2015

A sala encontrava-se em grande grupo, abordando e sabendo mais sobre a água, um tema que agradava as crianças.

**Incidente:**

Z: Na água existe muitos peixes um dia fui pescar com o meu avô e ele mostrou-me.

L: que peixes viram?

**Z:** o meu avô mostrou-me que na água tem a sardinha, o carapau, o peixe-espada que é muito grande.

**T:** Uauu, peixe-espada? O que é isso?

**Z:** é um peixe grande, que tem a boca como se fosse uma espada.

**L:** Inês podes-me mostrar o que é um peixe-espada?

**Comentário:** Após este incidente crítico, e perante tal suscitação por parte das crianças em conhecer as diversas espécies existentes no mar, demos início ao nosso projeto de sala, visto que no momento seguinte, logo depois de as crianças terem visto algumas espécies de peixes, estas foram para a plasticina, moldar várias figuras de peixes, tais como: peixe-espada, peixe-galo, etc.

### **Registo de Incidente Crítico nº3**

**Nome da criança:** B, C

**Idade:** 4/ 5 Anos

**Observadora:** Estagiária

**Data:** 26/2/2015

**Incidente:** Durante o acolhimento, as crianças estavam a informar o estado do tempo no dia de hoje, assim, disseram que estava de chuva e um dia muito encoberto.

Durante o dia, já tinha parado de chover e o dia ficava mais aberto, no entanto ainda existiam algumas poças de água.

**B:** Já viste C? Parou de chover, vamos poder ir para o parque!

**C:** Não vamos não, porque está tudo molhado.

**B:** Não está nada, olha anda aqui ver! As poças de água desapareceram.

**C:** Mas como aconteceu?

**Comentário:** No decorrer deste incidente, as crianças tiveram a curiosidade em querer saber mais sobre o estado do tempo e a sua mudança, assim foram questionar à educadora o porquê de ter desaparecido a poça de água. A educadora, que gostou da ideia deste interesse surgido pelas crianças, decidiu representar em grande grupo uma experiência que explicasse todo esse fenómeno, partindo do interesse das crianças em quererem ir para o parque.



#### **Registo de Incidente Crítico nº4**

**Nome da criança:** D, H

**Idade:** 4/ 5 Anos

**Observadora:** Estagiária

**Data:** 2/2/2015

**Incidente:**

**D:** Ser responsável é ajudar os outros meninos e também dar o exemplo.

**H:** Eu sou o responsável da semana.

**D:** Eu acho que devíamos ter alguma coisa para sabermos quem é o menino responsável da nossa sala, como têm os 5 anos.

**Estagiária:** E o que gostariam de fazer?

**Comentário:** Perante este interesse surgido pelo um tema que desperta muito interesse por parte das crianças, decidiu-se assim, por votação, eleger o que iríamos colocar no responsável para o caracterizar. Assim, para dar “vozes” a todas as crianças, elaborou-se uma tabela, onde cada criança pode dar a sua opinião, votando no que preferia. Desta forma, as crianças através do colar ficaram mais conscientes da responsabilidade que se tem de ter, uma vez que foram trabalhados posteriormente, alguns valores de cidadania.

#### **Registo de Incidente Crítico nº5**

**Nome da criança:** M; A

**Idade:** 8 Anos

**Observadora:** Estagiária

**Data:** 21/9/2015

**Incidente:**

**Estagiária:** Como podemos construir o nosso placar do Outono?

**M:** Podíamos colar um espantalho.

**A:** Uma árvore com folhas a cair.

**Comentário:** Analisando este incidente, podemos verificar que as crianças iniciaram a construção do placar de Outono, tendo em conta os seus interesses. Desta forma, foi necessário, primeiramente, uma conversa com as crianças para nos informarem o que queria colocar no placar.

Assim, foi possível verificar que as crianças encontravam-se muito atentas e preocupadas em elaborar o placar da nossa sala, relativamente à chegada do Outono.

### Registo de Incidente Crítico nº6

**Nome da criança:** E

**Idade:** 8 Anos

**Observadora:** Estagiária

**Data:** 3/11/2015

**Incidente:**

**Estagiária:** Hoje vamos aprender a escrever uma carta!

**E:** Ainda bem professora. Gostava muito de aprender a fazer uma carta para mandar ao Pai Natal.

**Estagiária:** Muito bem E e podes escrever uma ao Pai Natal que ele adoraria ler uma carta feita por ti.

**Observação:** No dia seguinte, a criança trouxe uma carta feita por ela mesma para enviar ao Pai Natal.

**Comentário:** É possível verificar todo o interesse e entusiasmo que a criança partilhou durante a aula. Assim, além de ter estado sossegada e atenta, foi capaz de no dia seguinte, trazer uma carta, tal como aprendeu, com todos os elementos que fazem parte da mesma. Deste modo, além da criança ter suscitado interesse a ela mesma, observando a motivação intrínseca, também foi capaz de transmitir a mesma às restantes crianças, uma vez que no dia seguinte todas elas quiseram escrever a carta ao Pai Natal.

### Registo de Incidente Crítico nº7

**Nome da criança:** F; D; J

**Idade:** 8 Anos

**Observadora:** Estagiária

**Data:** 12/10/2015

**Incidente:**

**Estagiária:** Vamos observar um filme, relativamente ao Sistema Digestivo. O que acham que acontece dentro de nós?

**F:** Eu acho que existe algum canal desde a boca até à nossa barriga.

**D:** Até ao Estômago F...

**J:** Eu gostava de perceber melhor o Sistema Digestivo Professora, porque não percebo como a minha comida sai toda triturada quando vou à casa de banho.

**Comentário:** A estagiária inicia a aula como motivação questionando os alunos do que acham que acontece dentro de nós. Desta forma, foi possível verificar toda a dúvida gerada em torno da mesma questão.

Assim sendo, os alunos ficaram bastante entusiasmados com a visualização do filme, onde mostrava os vários passos do nosso Sistema Digestivo, acabando com todas as dúvidas suscitadas.

### **Registo de Incidente Crítico nº8**

**Nome da criança:** T

**Idade:** 8 Anos

**Observadora:** Estagiária

**Data:** 2/11/2015

**Incidente:**

Para dar os sistemas, como é considerado um tema mais massudo e com muitos nomes distintos para aprender, a estagiária achou provém dar vários vídeos para facilitar a compreensão dos alunos e ainda, para observar o que acontece na realidade e não, falando apenas pelo abstrato.

**Comentário:** Após este incidente, é possível constatar que as crianças mostraram-se entusiasmadas a observar o vídeo e despertou outro tipo de interesses nas mesmas. Assim, foi necessário recorrer a outro tipo de estratégias para conseguir motivar os alunos e, cativar todo o interesse deles na matéria abordada.

### **Registo de Incidente Crítico nº9**

**Nome da criança:** M

**Idade:** 8 Anos

**Observadora:** Estagiária

**Data:** 2/12/2015

**Incidente:**

**M:** Professora, eu gostava de mudar o nosso Placar!

**Estagiária:** O que gostavas de colocar lá?

**M:** Então, está quase a chegar o Natal e o Inverno. Podíamos pensar no que gostássemos de fazer para o nosso novo placar.

**Estagiária:** Muito bem M, eu gosto da ideia. O que gostavam de colocar?

**Comentário:** Após este incidente, é possível constatar no quanto a turma é participativa e gosta de contribuir com ideias para a decoração da nossa sala. Assim, além de contribuírem com as ideias, participam com outro entusiasmo, experimentando diferentes técnicas e formas de decorar a nossa sala.

## Anexo 7 – Inquérito por questionário aos Encarregados de Educação

O presente questionário é realizado no âmbito da unidade curricular Estágio II em 1º Ciclo do Ensino Básico, incorporada no Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti. Tem como objetivo a recolha de dados para a investigação do relatório de estágio cujo tema central incide sobre a relação entre os interesses da criança e a sua aprendizagem.

Assim, vimos solicitar a sua participação pedindo-lhe que seja o mais sincero possível nas suas respostas. Asseguramos o total anonimato das suas respostas, sendo os dados recolhidos apenas para fins académicos.

Solicitamos que devolva o questionário preenchido até ao próximo dia 9 de dezembro

1. Como Encarregado de Educação procura estar a par do quotidiano do seu filho na escola? De que modo? (assinale com uma cruz (X) as suas respostas)

	Nunca	Raramente	Semanalmente	Frequentemente (mais do que 1x por semana)	Diariamente
Pergunto na instituição					
Procuo conversar com o meu filho					
Espontaneamente, o meu filho conversa comigo					
Outro: _____					

- Com que frequência costuma conversar com o seu filho(a)/ educando sobre os seguintes aspetos? (assinale com uma cruz (X) as suas respostas)

	Nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Sempre
Atividades e experiências realizadas na escola					
Aprendizagens realizadas					
Comportamentos (conflitos que tenham surgido, etc.)					
Outro: _____					

2. Com que frequência costuma conversar com o professor sobre os seguintes aspetos? (assinale com uma cruz (X) as suas respostas)

	Nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Sempre
Atividades e experiências realizadas na escola					
Aprendizagens realizadas					
Comportamentos (conflitos que tenham surgido, etc.)					
Outro: _____					

3. Na sua opinião, o seu filho(a)/educando encontra-se motivado em aprender e frequentar a escola onde se encontra? (assinale com uma cruz (X) a sua resposta.)

Sim  Em parte  Não

3.1. Justifique a sua resposta à alínea anterior.

---

---

---

---

4. Quando vem buscar a criança com acha que ela se encontra a nível emocional? (assinale com uma cruz (X) as suas respostas)

	Nunca	Raramente	Às vezes	Muitas vezes	Sempre
Cansada					
Aborrecida					
Bem disposta					
Feliz					
Triste					
Motivada					
Outro: _____					
Outro: _____					

5. Considera que se o processo de aprendizagem for ao encontro dos interesses das crianças, estas irão ter uma maior aprendizagem devido à sua motivação? (assinale com uma cruz (X) a sua resposta)

Sim  Em parte  Não

5.1. Justifique a sua resposta à alínea anterior

---

---

---

---

6. Que exemplos já verificou na escola em que, devido ao seguimento dos interesses das crianças, a sua aprendizagem tenha sido positivamente influenciada?

---

---

---

---

7. Indique em que medida o seu filho(a)/educando demonstra interesse pelas seguintes estratégias:

	Nenhum interesse	Pouco interesse	Algum interesse	Muito interesse	Bastante interesse
Jogos					
Histórias					
Fichas					
Músicas					
Dramatização					
Exposição da matéria					
Outros: _____					

8. Indique em que medida o seu filho(a)/ educando demonstra interesse pelas seguintes áreas curriculares:

	Nenhum interesse	Pouco interesse	Algum interesse	Muito interesse	Bastante interesse
Português					
Matemática					
Estudo do Meio					
Expressões					

9. Indique em que medida as seguintes estratégias/atividades levam a que o seu filho(a) )/ educando aprenda melhor:

	Nada	Pouco	Razoavelmente	Muito	Bastante
Jogos					
Histórias					
Fichas					
Músicas					
Dramatização					
Exposição da matéria					
Outros: _____					

10. Idade do seu educando: \_\_\_\_\_

11. Ano e turma do seu educando: \_\_\_\_\_

12. Idade do Encarregado de Educação: \_\_\_\_\_

13. Grau de Parentesco: \_\_\_\_\_



Muito obrigada  
pela colaboração!

Inês Campos

## Anexo 8 - Inquérito por questionário aos alunos do 1º ano

1. Desenha o que gostas mais de fazer na escola.

2. Qual a disciplina que tens maior interesse na escola? Coloca uma cruz (X) no sítio onde achares mais correto, de acordo com as áreas.

		
Português		
Matemática		
Estudo do Meio		
Expressões		

3. De manhã, quando acordas, como te sentes ao saber que vens para a escola?  
Desenha como te sentes.

4. Sempre que tens interesse em saber algo mais, o /a teu/tua professor/a esforça-se para te explicar?

Sim

Não

5. Qual a tua idade? \_\_\_\_\_

6. Qual o teu ano? \_\_\_\_\_



## Anexo 9 - Inquérito por questionário aos alunos do 1º Ciclo do Ensino Básico

1. Quais as atividades que te despertam maior interesse?

	Nenhum Interesse	Pouco interesse	Algum interesse	Muito interesse	Bastante interesse
Aprender a ler, escrever e contar					
Jogar à bola					
Estar com os amigos					

2. Qual a disciplina que tens maior interesse em aprender na escola?

	Nenhum interesse	Pouco interesse	Algum interesse	Muito interesse	Pouco interesse
Português					
Matemática					
Estudo do Meio					
Expressões					

3. Quais as estratégias, através das quais, gostas de aprender?

	Nenhum interesse	Pouco interesse	Algum interesse	Muito interesse	Bastante interesse
Jogos					
Fichas					
Matéria expositiva					
Vídeos interativos					

4. Quais são os teus interesses na escola?

	Nenhum interesse	Pouco interesse	Algum interesse	Muito interesse	Bastante interesse
Aprender os conteúdos					
Aprender a ser cidadãos					
Estar com os amigos					
Estar a conversar					

5. De manhã, quando acordas, como te sentes ao saber que vais para a escola?

	Nunca	Raramente	Às vezes	Muitas vezes	Sempre
Aborrecido					
Cansado					
Feliz					
Bem disposto					

6. Quais são as características do/a teu/tua professor/a?

---

---

---

---

7. Sempre que tens interesse em saber algo mais, o /a teu/tua professor/a esforça-se para te explicar?

Sim

Não

8. Qual a tua idade? \_\_\_\_\_

9. Qual o teu ano? \_\_\_\_\_

## **Anexo 10 - Entrevista 4 realizada ao Docente do 1º Ciclo do Ensino Básico**

**Estagiária:** De acordo com a citação de Oliveira, citado por Simão (2005) a motivação "deve ser entendida como um meio para alcançar o sucesso escolar, e para cumprir tal premissa o aluno deve sentir em casa e na escola um ambiente favorável ao seu interesse pessoal" concorda com esta citação?

**P1:** Sim, sem dúvida...Uma criança motivada apresenta outro tipo de interesse pelos conteúdos.

**Estagiária:** Quais os fatores, na sua opinião, que influenciam a desmotivação do aluno?

**P1:** Excesso de carga letiva; metodologias adotadas não condizem com os anseios dos alunos; Blocos de aulas excessivos; falta de recursos tecnológicos nas salas de aula ou o não uso por parte dos docentes; falta de participação da família no quotidiano escolar; desvalorização da escola por parte da sociedade.

**Estagiária:** Quais os fatores, na sua opinião, que influenciam a motivação do aluno?

**P1:** Aulas e conteúdos diferenciadores; Ambientes de aula alternativos; Utilização de recursos tecnológicos; participação da família no quotidiano escolar;

**Estagiária:** Acha que a motivação e a aprendizagem estão relacionadas?

**P1:** Sim, uma criança motivada apresenta outro tipo de interesse pelos conteúdos.

**Estagiária:** Sente que é necessário recorrer à utilização de determinadas estratégias de situações e materiais concretos para que o aluno compreenda os conteúdos?

**P1:** Sim; cada criança aprende de maneira diferente, mas todas elas, na minha opinião, aprendem melhor com materiais concretos e que possam utilizar.

**Estagiária:** Utiliza estratégias com o intuito de motivar os alunos? Quais?

**P1:** "Sim, utilizo bastantes recursos a meios tecnológicos tais como o computador e o quadro interativo; exemplos práticos e contextualização de alguns conteúdos lecionados;"

**Estagiária:** Há quanto tempo é profissional de educação?

**P1:** Há 14 anos precisamente.

**Estagiária:** Há quanto tempo exerce a sua profissão nesta instituição?

**P1:** Sou novinho na casa... só há 3 meses.

## **Entrevista 5- Realizada ao docente do 1º Ciclo do Ensino Básico**

**Estagiária:** De acordo com a citação de Oliveira, citado por Simão (2005) a motivação "deve ser entendida como um meio para alcançar o sucesso escolar, e para cumprir tal premissa o aluno deve sentir em casa e na escola um ambiente favorável ao seu interesse pessoal" concorda com esta citação?

**P2:** Sim, concordo plenamente. A educação, nos seus diferentes ambientes, só pode ser encarada se o recetor estiver predisposto a recebê-la, concorrendo para este facto vários fatores. O ambiente que tentamos criar ao aluno, aliado à competência, à pedagogia e ao relacionamento interpessoal, é na minha opinião, essencial para que possamos de uma forma mais assertiva, chegar a crianças com interesses, por vezes muito divergentes, e consigamos que assuntos tão abstratos possam despertar neles, a atenção necessária.

**Estagiária:** Quais os fatores, na sua opinião, que influenciam a desmotivação do aluno?

**P2:** Na minha opinião, a cultura familiar e a educação que recebem em casa, são os principais fatores que levam um aluno a desmotivar-se facilmente. Digo isto, pois quando os interesses das famílias são divergentes da sua função principal que é o amor e a educação, quando a sua preocupação é o seu próprio bem-estar e não encaram a criança como a sua prioridade, tudo o resto fica comprometido. Pela experiência que tenho em contextos socialmente desfavorecidos, quando os respetivos encarregados de educação, com habilitações literárias diminutas, encaram a escola como uma obrigação para outras finalidades que não a primordial, as crianças percebem que o foco dos seus pais não é aquele, tem tendência a desmotivar-se e desligar-se daquele que deveria ser o objetivo principal da criança na escola: aprender para poder quebrar esse círculo vicioso e almejar a um futuro diferente. Outros prendem-se com o lado humano do professor e com as condições que as escolas disponibilizam aos alunos.

**Estagiária:** Quais os fatores, na sua opinião, que influenciam a motivação do aluno?

**P2:** Em sintonia com o que penso acerca da desmotivação, também penso que a família é ou devia ser o principal fator de motivação para que os alunos tenham gosto em aprender e serem melhores a cada momento. Mas neste capítulo, também devo dizer que um professor apaixonado pelo seu trabalho, que tenha capacidade de entusiasmar, cativar e criar no aluno uma ilusão de que com sabedoria, não existem limites aos nossos sonhos e que poderemos mudar o mundo. No mesmo sentido, outros fatores, como as boas condições das escolas e das salas de aula, podem

contribuir para que o ambiente criado possa ser favorável ao processo de ensino aprendizagem.

**Estagiária:** Acha que a motivação e a aprendizagem estão relacionadas?

**P2:** Como dois gêmeos “siameses”. Será impossível doutra forma. Não se consegue criar algo se não houver do outro uma predisposição para tal. É impossível e resulta sempre em algo vazio e sem aplicação.

**Estagiária:** Sente que é necessário recorrer à utilização de determinadas estratégias de situações e materiais concretos para que o aluno compreenda os conteúdos?

**P2:** Claro. A diversificação de estratégias é essencial para a motivação que falava e para esse ambiente favorável que deve ser criado. Mostrar-lhes que o que é ensinado é real e necessário na vida e que pode ser aplicado para melhorar e ultrapassar certas situações, pode ser tão importante como ter uma sala apetrechada de materiais.

**Estagiária:** Utiliza estratégias com o intuito de motivar os alunos? Quais?

**P2:** Sim e simples. Penso que um sorriso, uma palavra motivadora ou um elogio no momento certo, são tão bons ou melhores que apresentar um material inovador. Outra estratégia que tento, cada vez mais, implementar com os alunos é o de serem eles a construir, sempre que possível, o seu próprio conhecimento. Chegarem lá por eles. É a melhor forma de aprendizagem. É aquela aprendizagem que nunca mais desaparece.

**Estagiária:** Há quanto tempo é profissional de educação?

**P2:** Há cerca de 13 anos.

**Estagiária:** Há quanto tempo exerce a sua profissão nesta instituição?

**P2:** Há cerca de 3 meses.

### **Entrevista 6- Realizada ao docente do 1º Ciclo do Ensino Básico**

**Estagiária:** De acordo com a citação de Oliveira, citado por Simão (2005) a motivação "deve ser entendida como um meio para alcançar o sucesso escolar, e para cumprir tal premissa o aluno deve sentir em casa e na escola um ambiente favorável ao seu interesse pessoal" concorda com esta citação?

**P3:** Refutar tal ideia, seria negar a alavancagem da qualidade educativa, assim como a formação integral do ser humano.

**Estagiária:** Quais os fatores, na sua opinião, que influenciam a desmotivação do aluno?

**P3:** A insistência em objetivos puramente cognitivos; a generalização das aprendizagens tomando a turma como um todo homogéneo.

**Estagiária:** Quais os fatores, na sua opinião, que influenciam a motivação do aluno?

**P3:** O enfoque em fatores afetivos promove a motivação, assim como atender ao indivíduo em si, apressando o professor o seu ritmo de trabalho adequado a cada aluno. O trabalho cognitivo em grupo, desde que o nível de aprendizagem não seja muito díspar, pode funcionar como fator de motivação. O envolvimento e a responsabilidade em tarefas, motiva-os para os desafios propostos.

**Estagiária:** Acha que a motivação e a aprendizagem estão relacionadas?

**P3:** Sim, uma vez que uma criança motivada estará sempre mais envolvida. No entanto, não quer dizer que ela irá ter sucesso na sua aprendizagem, visto que depende de diversos fatores e, não apenas, da motivação.

**Estagiária:** Sente que é necessário recorrer à utilização de determinadas estratégias de situações e materiais concretos para que o aluno compreenda os conteúdos?

**P3:** Os materiais didáticos são indispensáveis à concretização das aprendizagens, pois na faixa etária dos meus alunos é necessário o manuseamento dos materiais, para chegar à abstracção à posterior, evitando assim dificuldades na aprendizagem dos conceitos, daquilo que se pretende atingir. É importante que todos os agentes educativos favoreçam um ambiente propício à educação.

**Estagiária:** Utiliza estratégias com o intuito de motivar os alunos? Quais?

**P3:** As estratégias centram-se em primeiro lugar procurar saber as necessidades dos alunos e a aprendizagem que trazem para a escola. O reforço positivo, a par da experimentação, assim como a utilização das novas tecnologias facilitam a predisposição para a aprendizagem. Na minha prática letiva utilizei regularmente filmes do interesse dos alunos para a partir daí, desenvolver as diferentes áreas. A interação saudável com os Encarregados de Educação é promotora do ambiente que a aprendizagem convoca.

**Estagiária:** Há quanto tempo é profissional de educação?

**P3:** Há 35 anos

**Estagiária:** Há quanto tempo exerce a sua profissão nesta instituição?

**P3:** Já estou aqui há 10 anos.

## Entrevista 7- Realizada ao docente do 1º Ciclo do Ensino Básico

**Estagiária:** De acordo com a citação de Oliveira, citado por Simão (2005) a motivação "deve ser entendida como um meio para alcançar o sucesso escolar, e para cumprir tal premissa o aluno deve sentir em casa e na escola um ambiente favorável ao seu interesse pessoal" concorda com esta citação?

**P4:** Sim, completamente. Na minha opinião, a motivação intrínseca e extrínseca são muito importantes para o sucesso escolar. Por um lado, é necessário que os alunos encontrem um interesse pessoal pela aprendizagem/ pelo saber. É necessário que as crianças percebam que aprender é útil e necessário. No entanto, os pais também devem fomentar esse interesse, motivando-os.

**Estagiária:** Quais os fatores, na sua opinião, que influenciam a desmotivação do aluno?

**P4:** Na minha opinião, pode haver um conjunto de fatores que pode levar à desmotivação, os quais podem ser diferentes de aluno para aluno. No entanto, um aluno sente-se desmotivado quando não consegue acompanhar a turma. Acho que esse é o fator mais abrangente. Também a falta de apoio familiar pode levar à desmotivação do aluno.

**Estagiária:** Quais os fatores, na sua opinião, que influenciam a motivação do aluno?

**P4:** Um aluno motivado é aquele que percebe que aprender faz sentido; quando vê ligação entre os conteúdos que está a estudar; quando os seus conhecimentos são úteis... Um aluno motivado tem uma auto-estima elevada...

**Estagiária:** Acha que a motivação e a aprendizagem estão relacionadas?

**P4:** Claramente. Sem uma motivação intrínseca, um aluno não realiza aprendizagens, tal como foi referido anteriormente.

**Estagiária:** Sente que é necessário recorrer à utilização de determinadas estratégias de situações e materiais concretos para que o aluno compreenda os conteúdos?

**P4:** Sim. Há alunos que aprendem, independentemente das estratégias e materiais utilizados. No entanto, há alunos que precisam de manipular objetos, de concretizar situações para que as consiga compreender. Esta questão relaciona-se com as inteligências múltiplas de Gardner, isto é, há alunos que aprendem melhor através de músicas, outros aprendem melhor visualizando as situações, uma vez que têm a memória visual mais estimulada...

**Estagiária:** Utiliza estratégias com o intuito de motivar os alunos? Quais?

**P4:** Sim. Recorro a diferentes estratégias para explicar o mesmo conteúdo, tendo em conta que os alunos são diferentes e que o meu objetivo final é que os alunos aprendam e se sintam motivados. Tendo em conta que há alunos de que gostam mais de umas áreas do que de outras, e no sentido de os motivar, gosto de realizar tarefas distintas, isto é, gosto de propor projetos onde todas as áreas serão contempladas. A criação de clubes (do cientista, da leitura, dos desafios...) são sempre formas diferentes de explorar os conteúdos e bastante aceites pelos alunos. O recurso a material manipulativo (A arca dos Contos, por exemplo) é um bom exemplo de exploração de histórias.

**Estagiária:** Há quanto tempo é profissional de educação?

**P4:** Desde 2005.

**Estagiária:** Há quanto tempo exerce a sua profissão nesta instituição?

**P4:** Desde o início do corrente ano letivo.



**Anexo 11- Tabela 2 – Entrevistas realizadas às Educadoras de Infância**

Categoria	Sub-categoria	Indicadores		
		E1	E2	E3
Caracterização sócio-profissional	Nome	E1	E2	E3
	Área de formação	Educação De Infância	Educação de Infância	Educação de Infância
	Anos de profissão	16 anos	“Acabei a licenciatura em Educação de Infância em 2003 e comecei a exercer no mesmo ano”	17 anos
	Anos na instituição	13 anos	10 anos	11 anos
Opinião do entrevistado	Fatores que influenciam a desmotivação da criança	“os factores que originam a desmotivação da criança são: a falta de estratégias para abordar assuntos que é muito importante a meu ver, as atividades que não vão de encontro aos interesses das crianças e ainda, quando a criança não está envolvida na aprendizagem. Estes factores são fundamentais, uma vez que na ausência dos mesmos influencia a desmotivação da criança. “	“As atividades não serem adequadas à idade/grupo, as técnicas não serem adequadas, a repetição das atividades/temas.”	“O meu grupo é bastante complexo e necessita sempre de atividades que os atraem, contudo, os factores que originam a desmotivação são: atividades que já foram executadas, atividades que não são adequadas para a sua faixa etária, atividades que não sejam concretas”
	Fatores que influenciam a motivação da criança	“Pelo contrário, os factores que influenciam a motivação da criança são: a utilização de estratégias desafiadoras e estimulantes, o envolvimento da criança nas aprendizagens, partir sempre do que a criança já sabe e ainda, um método que uso regularmente e muito importante elogiar os êxitos da criança.”	“Materiais/recursos apelativos; organização do espaço; gestão do tempo das atividades; adequação das atividades ao grupo (devem ser estimulantes).”	“O meu grupo é bastante complicado a nível de motivação, porque são crianças que necessitam da motivação por vezes a dobrar do que qualquer outra criança. Contudo sei que tudo que seja de manusear, tudo que seja para mostrar através de recursos digitais, tudo que seja para eles participarem ativamente, despertará interesses neles”
	Definição de motivação	“a motivação é um fator fundamental para o sucesso, só uma criança que sente prazer no que faz consegue caminhar para alcançar o sucesso.”	“(…) é fundamental a criança se sentir motivada para assim poder participar/realizar as atividades com êxito favorecendo assim a aprendizagem e posterior sucesso escolar.” “A aprendizagem envolve bastantes factores e um deles é, como já acima	“a motivação é algo que estará sempre presente nas crianças e leva-lhe ao sucesso, não só escolar, como também pessoal. Uma criança motivada, irá ter êxito e sucesso na escola, assim como irá sentir-se bem com ela

			referi, a motivação. A motivação tem como base o interesse das crianças e isto, por si só, favorece a atenção e a concentração da criança nas atividades propostas. Por isso, é importante ter em conta os interesses das crianças quando se planifica/propõe as atividades.”	própria e bastante otimista.”
	Ambiente da sala	“Tudo gira à volta da criança, ela é o centro de toda a sua aprendizagem. Só assim ela se sentirá motivada para a aquisição de novos conteúdos. Só o que é conquistado através da sua experiência pessoal faz sentido para ela. O ambiente deverá ser estimulante indo de encontro aos interesses da criança”	“Como educadora, é bastante importante privilegiar os interesses das crianças na organização/gestão do ambiente e dos espaços de sala. É necessário observar e definir os interesses e necessidades do grupo para poder ir adequando os espaços aos mesmos.”	“Durante os meus anos como profissional, tento sempre caracterizar a sala de acordo com os interesses das crianças. Acho que acima de tudo devemos conhecer as nossas crianças para, posteriormente, proporcionar um bom ambiente à sua volta”
Prática Profissional	Uso de situações concretas	“Na minha opinião sim, visto que a criança necessita de experimentar para compreender conteúdos. “	“Sim, por vezes é necessário utilizar estratégias específicas que possam favorecer uma melhor compreensão por parte das crianças.”	“É essencial para a criança experimentar sempre, para de seguida assimilar conhecimentos”
	Estratégia para identificar os interesses das crianças	“Dou oportunidade às crianças para serem um sujeito ativo e protagonista da sua aprendizagem e ainda, acho que a observação de comportamentos cruciais para a identificação dos seus interesses. “	“Observação e conversas em grande grupo.”	“ Das estratégias que utilizo e que me ajudam a compreender o grupo, são as horas de transição, ou até os momentos de acolhimento, onde através das conversas em grande grupo, consigo observar situações, interesses, comportamentos das próprias crianças.”
	Estratégia para motivar as crianças	“Dou sempre relevância à experiência da criança, respeito também os diferentes ritmos das crianças, que é essencial, promovo na criança momentos de investigação e descoberta e ainda, desenvolvo na criança sentimentos de segurança e responsabilidade.”	“Procuro sempre utilizar estratégias diversificadas, diferentes materiais, histórias e canções (o meu grupo gosta bastante), etc.”	“Durante as minhas atividades, privilegio ser a criança a experimentar todas as atividades propostas, assim como, mostro sempre recursos digitais, uma vez que sei que capta a atenção do meu grupo de crianças”

**Anexo 12- Tabela 2- Análise dos *focus group* às crianças da Educação Pré-Escolar**

Categorias	Sub-Categorias	Indicadores		
		Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
Relação adulto-criança	Relação com a educadora	<p><b>C5:</b> “E é nossa amiga também.”</p> <p><b>C2:</b> “A E2 ajuda-me a fazer um trabalho.”</p>	<p><b>C4:</b> “A E1 é bonita”</p> <p><b>C2:</b> “ é uma riqueza.”</p> <p><b>C1:</b> “ ela não gosta que nós façamos barulho, mas é muito nossa amiga e está sempre a dizer para nós nos portarmos bem, porque é para o nosso bem.”</p> <p><b>C4:</b> “é nossa amiga e eu gosto muito dela.”</p>	<p><b>C2:</b> “Acho que ela é nossa amiga.”</p> <p><b>C3:</b> “Ela ajuda-me sempre quando preciso.”</p> <p><b>C1:</b> “A E3 é amorosa e querida.”</p> <p><b>C2:</b> “Ela é a nossa melhor amiga!</p>
	Atividades que gostam de fazer com a educadora	<p><b>C6:</b> “Desenhar.”</p> <p><b>C3:</b> “De escrever.”</p> <p><b>C2:</b> “De pintar.”</p>	<p><b>C2:</b> “Gosto de ajudar a Paula”</p> <p><b>C4:</b> “Eu gosto de aprender as letras.”</p> <p><b>C3:</b> “Eu gosto de aprender os trabalhos.”</p>	<p><b>C2:</b> “Eu gosto de fazer tudo com ela.”</p> <p><b>C3:</b> “Gostei de ir ao Museu”</p> <p><b>C5:</b> “ Hum... gostei de aprender as letras do alfabeto.”</p>
Aprendizagem	Importância aos interesses das crianças	<p><b>C1:</b> “Ela ensina sempre.”</p> <p><b>C3:</b> “Ela ensina-me sempre o que eu quero aprender”</p>	<p><b>C1:</b> “A E1 ensina-nos tudo o que nós não sabemos.”</p>	<p><b>C2:</b> “Com a A não é assim. Às vezes ela ajuda-nos outras vezes quando eu digo que quero aprender algo novo ela não quer saber. Só a E3 e a estagiária é que nos ajudam.”</p> <p><b>C2:</b> “Mas como nós não podemos saber tudo de uma vez, a E3 ensina-nos uma coisa e depois não se esquece e ensina-nos logo outra.”</p>
	Concentração	<p><b>C3:</b> “Sim estamos muito atentos.”</p>	<p><b>C4:</b> “Estou muito atento claro.”</p> <p><b>C2:</b> “Porque depois a E1 vai perguntar o que acabou de dizer e ele não vai saber. “</p>	<p><b>C4:</b> “Se for os assuntos de que eu gosto eu estou atento sempre. Mas se for assuntos que eu não gosto eu estou a brincar.”</p>
Opinião	O que gostam mais de fazer na Instituição	<p><b>C3:</b> “Gosto de estar com os meus amigos.”</p> <p><b>C1:</b>” Gosto de aprender coisas novas.”</p>	<p><b>C2:</b> “Gosto de trabalhar.”</p> <p><b>C3:</b> “Eu gosto de fazer letras.”</p> <p><b>C4:</b> “Eu gosto muito de brincar e de beber água.</p> <p><b>C1:</b> “Eu gosto de aprender muitas coisas.”</p> <p><b>C5:</b> “Eu gosto de fazer desenhos.”</p>	<p><b>C5:</b> “Brincar com os amigos”</p>
	O que menos gostam de fazer na Instituição	<p><b>C1:</b> “Gostamos de fazer tudo.”</p>	<p><b>C4:</b> “ (...) não sei, porque eu gosto de fazer tudo!”</p> <p><b>C2:</b> “Eu não gosto de fazer asneiras.”</p> <p><b>C1:</b> “Porque depois os adultos ficam zangados e ralham-nos.”</p>	<p><b>C1:</b> “Eu não gosto de ficar na sala sentada.”</p> <p><b>C2:</b> “Mas eu gosto de fazer tudo aqui!”</p>

### Anexo 13- Tabela 3- Registos de Observação

Registo de Observação	Indicadores	Situação	Comentário da estagiária
Registo de observação I	Atitude do adulto perante o interesse da criança	O adulto age em conformidade com os interesses das crianças	Desta forma, recorreu-se ao currículo emergente, de forma a dar resposta aos interesses das crianças tidos em conta nesse mesmo dia. Elaborou-se assim uma experiência, flutua ou não flutua, com diversos objetos referentes na nossa experiência.
Registo de Observação II			Perante tal suscitação por parte das crianças em conhecer as diversas espécies existentes no mar, demos início ao nosso projeto de sala (...)
Registo de Observação III			As crianças tiveram a curiosidade em querer saber mais sobre o estado do tempo e a sua mudança, assim foram questionar à educadora o porquê de ter desaparecido a poça de água. A educadora, que gostou da ideia deste interesse surgido pelas crianças, decidiu representar em grande grupo uma experiência que explicasse todo esse fenómeno
Registo de Observação IV	Participação da criança	Possibilidade em exercer a responsabilidade da construção de placares da criança	Assim, para dar “vozes” a todas as crianças, elaborou-se uma tabela, onde cada criança pode dar a sua opinião, votando no que preferia. Desta forma, as crianças através do colar ficaram mais conscientes da responsabilidade que se tem de ter, uma vez que foram trabalhados posteriormente, alguns valores de cidadania.
Registo de Observação V			(...) Podemos verificar que as crianças iniciaram a construção do placar de Outono, tendo em conta os seus interesses. Desta forma, foi necessário, primeiramente, uma conversa com as crianças para nos informarem o que queria colocar no placar. Assim, foi possível verificar que as crianças encontravam-se muito atentas e preocupadas em elaborar o placar da nossa sala, relativamente à chegada do Outono.
Registo de Observação VI			Deste modo, além da criança ter suscitado interesse a ela mesma, observando a motivação intrínseca, também foi capaz de transmitir a mesma às restantes crianças, uma vez que no dia seguinte todas elas quiseram escrever a carta ao Pai Natal.
Registo de Observação IX			Assim, além de contribuírem com as ideias, participam com outro entusiasmo, experimentando diferentes técnicas e formas de decorar a nossa sala.
Registo de Observação VII	Estratégias do docente para motivar as crianças	Melhorar diferentes estratégias	Assim sendo, os alunos ficaram bastante entusiasmados com a visualização do filme, onde mostrava os vários passos do nosso Sistema Digestivo, acabando com todas as dúvidas suscitadas.
Registo de Observação VIII			(...) é possível constatar que as crianças mostraram-se entusiasmadas a observar o vídeo e despertou outro tipo de interesses nas mesmas. Assim, foi necessário recorrer a outro tipo de estratégias para conseguir motivar os alunos e, cativar todo o interesse deles na matéria abordada.

## Anexo 14 - Tabela 4- Entrevista aos docentes do 1º Ciclo do Ensino Básico

Categoria	Sub-categoria	Indicadores			
		P1	P2	P3	P4
Caracterização sócio-profissional	Nome				
	Área de formação	Educação do 1º Ciclo do Ensino Básico	Educação do 1º Ciclo do Ensino Básico	Educação do 1º Ciclo do Ensino Básico	Educação do 1º Ciclo do Ensino Básico
	Anos de profissão	“ 14 anos.”	“Há cerca de 13 anos. “	“35 anos”	“10 anos”
	Anos na instituição	“3 meses”	“Há 3 meses”	“10 anos”	“Desde o início do corrente ano letivo. “
Opinião do entrevistado	Fatores que influenciam a desmotivação da criança	“Excesso de carga letiva; metodologias adotadas não condizem com os anseios dos alunos; Blocos de aulas excessivos; falta de recursos tecnológicos nas salas de aula ou o não uso por parte dos docentes; falta de participação da família no quotidiano escolar; desvalorização da escola por parte da sociedade.”	“ Na minha opinião, a cultura familiar e a educação que recebem em casa, são os principais fatores que levam um aluno a desmotivar-se facilmente. Digo isto, pois quando os interesses das famílias são divergentes da sua função principal que é o amor e a educação, quando a sua preocupação é o seu próprio bem-estar e não encaram a criança como a sua prioridade, tudo o resto fica comprometido. Pela experiência que tenho em contextos socialmente desfavorecidos, quando os respetivos encarregados de educação, com habilitações literárias diminutas, encaram a escola como uma obrigação para outras finalidades que não a primordial, as crianças percebem que o foco dos seus pais não é aquele, tem tendência a desmotivar-se e desligar-se daquele que deveria ser o objetivo principal da criança na escola: aprender para poder quebrar esse círculo vicioso e almejar a um futuro diferente.”	“A insistência em objetivos puramente cognitivos; a generalização das aprendizagens tomando a turma como um todo homogéneo.”	“(…)um aluno sente-se desmotivado quando não consegue acompanhar a turma. Acho que esse é o fator mais abrangente. Também a falta de apoio familiar pode levar à desmotivação do aluno.”
	Fatores que influenciam a motivação da	“Aulas e conteúdos diferenciadores; Ambientes de aula alternativos; Utilização de recursos tecnológicos,	“(…) também penso que a família é ou devia ser o principal fator de motivação para que os alunos tenham gosto em aprender e serem melhores a cada momento. (...) um	“O enfoque em fatores afetivos promove a motivação, assim como atender ao indivíduo em si,	“Um aluno motivado é aquele que percebe que aprender faz sentido; quando vê ligação entre os conteúdos que está a

	criança	participação da família no quotidiano escolar.”	professor apaixonado pelo seu trabalho, que tenha capacidade de entusiasmar, cativar e criar no aluno uma ilusão de que com sabedoria, não existem limites aos nossos sonhos e que poderemos mudar o mundo. No mesmo sentido, outros fatores, como as boas condições das escolas e das salas de aula, podem contribuir para que o ambiente criado possa ser favorável ao processo de ensino aprendizagem. “	apressando o professor o seu ritmo de trabalho adequado a cada aluno. O trabalho cognitivo em grupo, desde que o nível de aprendizagem não seja muito díspar, pode funcionar como fator de motivação. O envolvimento e a responsabilidade em tarefas, motiva-os para os desafios propostos. “	estudar; quando os seus conhecimentos são úteis... um aluno motivado tem uma auto-estima elevada... “
	Definição de motivação	“(…)uma criança motivada apresenta outro tipo de interesse pelos conteúdos.”	“A educação, nos seus diferentes ambientes, só pode ser encarada se o recetor estiver predisposto a recebê-la, concorrendo para este facto vários fatores. O ambiente que tentamos criar ao aluno, aliado à competência, à pedagogia e ao relacionamento interpessoal, é na minha opinião, essencial para que possamos de uma forma mais assertiva, chegar a crianças com interesses, por vezes muito divergentes, e consigamos que assuntos tão abstratos possam despertar neles, a atenção necessária.”	“(…)uma criança motivada estará sempre mais envolvida. No entanto, não quer dizer que ela irá ter sucesso na sua aprendizagem, visto que depende de diversos fatores e, não apenas, da motivação. “	“Na minha opinião, a motivação intrínseca e extrínseca são muito importantes para o sucesso escolar. Por um lado, é necessário que os alunos encontrem um interesse pessoal pela aprendizagem/ pelo saber. É necessário que as crianças percebam que aprender é útil e necessário. No entanto, os pais também devem fomentar esse interesse, motivando-os. “
Prática Profissional	Uso de situações concretas	“Sim, cada criança aprende de maneiras diferentes, mas todas elas, na minha opinião, aprendem melhor com materiais concretos e que possam utilizar.”	“Claro. A diversificação de estratégias é essencial para a motivação que falava e para esse ambiente favorável que deve ser criado. Mostrar-lhes que o que é ensinado é real e necessário na vida e que pode ser aplicado para melhorar e ultrapassar certas situações, pode ser tão importante como ter uma sala apetrechada de materiais. “	“Os materiais didáticos são indispensáveis à concretização das aprendizagens, pois na faixa etária dos meus alunos é necessário o manuseamento de materiais, para chegar à abstracção à posterior, evitando assim dificuldades na aprendizagem dos conceitos, daquilo que se pretende atingir. “	“Sim. Há alunos que aprendem, independentemente das estratégias e materiais utilizados. No entanto, há alunos que precisam de manipular objetos, de concretizar situações para que as consiga compreender (...)”

	<p>Usa estratégias para motivar os alunos</p>	<p>“Sim, utilizo bastantes recursos a meios tecnológicos tais como o computador e o quadro interativo, exemplos práticos e contextualização de alguns conteúdos lecionados.”</p>	<p>“Sim e simples. Penso que um sorriso, uma palavra motivadora ou um elogio no momento certo, são tão bons ou melhores que apresentar um material inovador. Outra estratégia que tento, cada vez mais, implementar com os alunos é o de serem eles a construir, sempre que possível, o seu próprio conhecimento. Chegarem lá por eles. É a melhor forma de aprendizagem. É aquela aprendizagem que nunca mais desaparece.”</p>	<p>“As estratégias centram-se em primeiro lugar procurar saber as necessidades dos alunos e a aprendizagem que trazem para a escola. O reforço positivo, a par da experimentação, assim como a utilização das novas tecnologias facilitam a predisposição para a aprendizagem. Na minha prática letiva utilizei regularmente filmes do interesse dos alunos para a partir daí, desenvolver as diferentes áreas. A interação saudável com os Encarregados de Educação é promotora do ambiente que a aprendizagem convoca.”</p>	<p>“Recorro a diferentes estratégias para explicar o mesmo conteúdo, tendo em conta que os alunos são diferentes e que o meu objetivo final é que os alunos aprendam e se sintam motivados. (...) A criação de clubes (do cientista, da leitura, dos desafios...) são sempre formas diferentes de explorar os conteúdos e bastante aceites pelos alunos. O recurso a material manipulativo (A arca dos Contos, por exemplo) é um bom exemplo de exploração de histórias.”</p>
--	---	--	---	---	---

## **Anexo 15- Reflexões da estagiária durante a sua prática Supervisionada**

### **Reflexão 3**

Hoje, fiz a minha primeira atividade com o meu grupo de crianças. De salientar claro, que foi sempre com a ajuda da Educadora que servia como um suporte para mim. Após a leitura da História a Princesa e o Sapo, cada criança construiu o seu próprio sapo, tal como estava planeado com a educadora.

No entanto, antes da construção do sapo, tive uma conversa com as crianças acerca dos seus conhecimentos ao nível da vida de um sapo. As crianças corresponderam às minhas expectativas, uma vez que são crianças das quais a natureza e tudo em seu redor as fascina. Mostraram vários conhecimentos da vida dos sapos tais como o seu alimento, como se deslocam, como é o seu som, como se chamam os seus filhotes e, como primeira atividade penso que consegui atingir os meus objetivos iniciais: controlar e cativar o grupo.

No decorrer desta conversa sobre a vida dos sapos, penso que irá surgir daqui um projeto, do qual não esperaria. O projeto sobre os peixes. Senti um fascínio enorme das crianças em querer saber mais sobre os peixes, as espécies existentes, a sua forma, a sua cor. Após a construção do sapo, as crianças rapidamente foram brincar para as áreas e moldaram em plasticina vários tipos de peixes que analisamos antes de construir o sapo e verifiquei a motivação com que estas se encontravam.

Assim, acho que na próxima semana irei conversar com as crianças e observar se estas ainda continuam ainda interessadas neste tema e quais são os seus interesses em quererem saber mais sobre os peixes. É importante para um educador estar sempre atento a todas os comentários feitos pelas suas crianças, uma vez que elas próprias ajudam-nos a orientar o nosso caminho. Assim, é fulcral que todas as atividades partam dos interesses destas, revelando assim, uma maior motivação para a realização da mesma. A meu ver, um educador deve então adaptar-se às suas crianças e, sobretudo, aos seus interesses. E nada melhor que observar, até porque, um bom educador é com certeza um bom observador.

Se assim for, sinto que estou no meio local indicado. Matosinhos... a cidade do peixe, do mar!

Inês Campos, 26 de fevereiro 2015

### **Reflexão 6**

Tal como é habitual, todas as segundas feiras, planifico sempre para a semana seguinte, assim planifiquei com a ajuda da educadora cooperante a minha semana.

No entanto, algo surgiu de diferente na segunda-feira, tudo iniciou no acolhimento, durante o qual uma criança referiu o que aconteceu de especial no seu fim-de-semana, mencionando que a sua avó tinha dito que o barco flutuava. Assim, questioneei inicialmente as crianças o significado da palavra “flutuar” e, o resultado foi o inesperado, pois nunca tinham trabalhado esta temática daí, não terem conhecimento sobre essa palavra.

Desta forma, em conversa com a educadora cooperante e sendo visível tal interesse, rapidamente surgiu durante a tarde a experiência “ flutua ou não” para que as crianças consigam perceber o significado da palavra uma vez que estavam cativadas neste assunto.

Segundo Clark e Peterson, (cit in. Zabalza Miguel A, 1992, p.48) existem dois modelos de planificar. Um modelo de conceção cognitiva, similar, segundo o qual a planificação é uma actividade mental interna do professor: *O conjunto de processos psicológicos básicos através dos quais a pessoa visualiza o seu futuro, faz um*



*inventário de fins e meios e constrói um marco de referência que guia a pessoa as suas acções* (cit in. Zabalza, Miguel A, 1992, p.48). E ainda, uma segunda concepção mais externa que se refere aos passos mais concretos que o professor vai dando quando desenvolve a planificação: *As coisas que os professores dizem quando estão planificando.*

Assim, acho fundamental que uma planificação seja flexível, visto que existem momentos/acontecimentos inesperados, o que é frequente nas crianças destas idades, visto que tudo lhes interessa em seu redor.

Zahorik (cit in. Zabalza, Miguel A, 1992,p. 55) afirma que *aqueles professores que planificam prévia e minuciosamente são menos sensíveis às ideias e contributos dos alunos, poucas vezes as utilizando durante o desenvolvimento da aula.* Na minha opinião, é fundamental que haja uma abertura constante nas nossas planificações, uma vez que tudo deverá partir dos interesses das crianças.

Contudo, é importante planificar visto que irá orientar as nossas ideias e ainda, os pontos principais a delinear. No entanto, nem sempre é verificável essa rigidez seguida toda ao pormenor, uma vez que existem sempre modificações a ser necessárias ajustar numa planificação, tornando-a mais flexível.

Tal como ainda estou no início do meu estágio, para mim torna-se necessário planificar tudo detalhadamente, para que nada me falte, uma vez que sinto-me mais segura, no entanto, quando alteramos a planificação de segunda-feira, além de sentir que não tinha nada por base, isso não foi o mais importante. O mais importante foi sim, o entusiasmo das crianças ao verificar a experiência que partira dos seus interesses durante o dia e o quão gratificante foi para a sua aprendizagem.

Assim, tal como o modelo High/Scope que está incutido na minha sala, tudo provêm dos interesses das crianças, ou seja, toda a aprendizagem inserida advém dos interesses da mesma e não pelos conteúdos que devem ser abordados. Deste modo, *Através da aprendizagem pela ação- viver experiencias diretas e imediatas e retirar delas significado através da reflexão- as crianças pequenas constroem o conhecimento que as ajuda a dar sentido ao mundo.* (Hohmann, M.; Weikart, P., 1995, p.6)

Em suma, *A aprendizagem pela ação é definida como uma aprendizagem na qual, através da sua ação sobre os objectos e da sua interacção com pessoas, ideias e acontecimentos, constrói novos entendimentos.* (Hohmann, M.; Weikart, P.,1995:22) Assim, torna-se necessário que haja sobretudo, interacções com adulto-criança, para que o adulto possa ouvir a criança e dar voz aos seus interesses, uma vez que a criança é o centro de toda a ação, ou seja, é através dela que surge todas as aprendizagens.

Inês Campos, 24 de março 2015

## **Reflexão 9**

De acordo com Rinaldi (1993) a planificação como uma forma de trabalho na qual os educadores estabelecem objetivos gerais mas não formulam os objetivos específicos para cada projeto ou para cada atividade antecipadamente. Em vez disso, formulam hipóteses daquilo que pode acontecer com base no que conhecem das crianças e suas experiências anteriores. Assim, formulam objetivos flexíveis e adaptados às necessidades e interesses das crianças. Deste modo, os interesses e necessidades surgem pelas crianças através de conversas ou momentos de aprendizagem com o adulto-criança.

Deste modo, as planificações são cruciais para dar uma sequência temporal às crianças e, também para permitir à educadora uma estruturação do seu pensamento para o dia. Contudo, devem ser flexíveis e não rígidas, para poderem ser alteradas consoante o despertar dos interesses das crianças e da sua rotina no dia-a-dia.

Assim, tal como pude referir na Reflexão 7, onde consta a experiência de um dia através de uma conversa surgida no acolhimento, a tarde de segunda-feira teve de ser alterada. Assim, a meu ver é importante esse tipo de planificações flexíveis aos interesses das crianças, uma vez que estas são o centro de toda a ação.

Desta forma, na Pedagogia em Participação, Oliveira-Formosinho (2011,p.32) a planificação com a criança passa por três processos vitais para promover a participação, como a observação, a escuta e a negociação. Relativamente à participação, é um processo contínuo, pois necessita de um conhecimento de cada criança individual, no seu processo de aprendizagem e desenvolvimento. A observação é contextual, pois não se avalia a criança mas as aprendizagens da criança no contexto educacional que se criou. No que diz respeito à escuta, é um processo de ouvir a criança sobre a sua colaboração no processo de construção do conhecimento. Por fim, a negociação destina-se ao debate e consensualização com o grupo de crianças sobre os processos e conteúdos, bem como o ritmo e os modos de aprendizagens. Permite assim que as crianças expressem os seus interesses e as suas ideias/opiniões.

Como afirma Isabel Silva (1990) *as atividades não podem acontecer por acaso, mas antes com uma finalidade de que o educador deve ter a consciência*. Assim, através deste estágio é possível verificar que todas as planificações elaboradas tanto por mim como pela educadora cooperante têm sempre uma finalidade, partem sempre dos interesses das crianças e é isso que temos que ter especial atenção.

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE) “ (...) constituem um conjunto de princípios destinados a apoiar os educadores nas decisões sobre a sua prática, ou seja, a conduzir o processo educativo a desenvolver com as crianças” (Ministério da Educação, 1997,p. 13). Assim, observar, planear, avaliar, agir, comunicar e articular constituem as seis etapas que conferem intencionalidade educativa à prática do educador.

A observação constitui a primeira ação do educador que lhe confere intencionalidade e segundo Albano Estrela (1994) “é a base de planeamento e avaliação, serve de suporte à intencionalidade do processo de intervenção” pois é “a partir do conhecimento do contexto de intervenção que se pode planear e intervir tendo em conta a especificidade do mesmo”, sendo realmente essencial previamente a qualquer intervenção. O educador deve assim, observar o grupo no seu todo e cada criança em particular, identificando não só as semelhanças e diferenças existentes, mas também o contexto familiar e o ambiente em que estão inseridas, para adequar o processo educativo aos interesses e necessidades das crianças, realizando uma diferenciação pedagógica.

Seguidamente, a planificação sendo considerada uma “ (...) previsão da acção pedagógico-didática a desenvolver” ou seja, significa “optar, escolher entre diversas possibilidades, estabelecer prioridade (...) ” (Diogo, 2010) de forma a criar oportunidades em que crianças e adultos assumam o papel de construtores do conhecimento.

A terceira etapa explícita nas OCEPE é a avaliação. Segundo as OCEPE avaliar “ (...) implica tomar consciência da acção para adequar o processo educativo às necessidades das crianças e do grupo e à sua evolução” (Ministério da Educação, 1997a, p.27). É importante referir que o educador deve sustentar este processo de avaliação numa prática reflexiva, uma vez que esta lhe permite reorganizar as suas ações, pois tal como a observação, esta é transversal a todo o processo ensino-aprendizagem. É crucial que o educador avalie segundo uma perspectiva formativa, avalie a sua intervenção, o ambiente e os processos educativos adotados, bem como o desenvolvimento e aprendizagens de cada criança e do grupo.

Como quarta etapa a ação, sendo que o educador se deve apoiar nas planificações que realiza, não “esquecendo” das propostas das crianças. Assim, as planificações têm subjacente um carácter de flexibilidade, pois durante a realização das atividades estas poderão ser alteradas por sugestão das crianças, ou por proposta

do adulto. Ou seja, primeiro o educador age e depois avalia a sua ação, tendo por base a observação feita.

A quinta intencionalidade é a comunicação e consiste na partilha de conhecimento específico sobre a criança e o processo de ensino e aprendizagem. Deverá ser partilhado entre o educador e a crianças e, também, com todos os intervenientes educativos, tais como por exemplo os pais/ Encarregados de Educação. É desta forma que os pais ou adultos responsáveis pela educação da criança tomam conhecimento da sua evolução.

Por fim, a última etapa consiste na necessidade de articular, cujo objetivo seja de incentivar o educador a promover uma continuidade educativa, não só com a família, aquando da entrada da criança no Pré-Escolar mas também, na transição para a escolaridade obrigatória.

Em suma, a planificação permite que o educador pense previamente sobre como vai realizar a sua atividade, quais os materiais que vai usar, quais as estratégias, qual o local apropriado, qual a duração pretendida. Desta forma, como ainda estamos no início torna-se essencial que desenvolva as minhas planificações detalhadamente, não esquecendo de nenhum pormenor importante para a realização da minha atividade.

Inês Campos, 31 de março 2015

## Reflexão 14

O projeto “ Os peixes” surgiu já comigo na sala, onde as crianças conversavam sobre a água, tendo a conversa sido direcionada pelas crianças até às diferentes espécies de peixes. Nos dias seguintes, foi possível verificar que as crianças continuavam a trabalhar na plasticina os diversos peixes: peixe espada, peixe balão, polvo, tubarão. E foi daí, perante tal entusiasmo das crianças, que iniciou este projeto.

Inicialmente dei por mim a questionar se haveria conteúdos suficientes para manter vivo o interesse surgido pelas crianças, que se encontrava no auge, e o que é certo, é que as crianças continuam ainda motivadas e cada vez mais têm mais conhecimentos a este nível.

Assim, “os peixes” é caracterizado como sendo um projeto, tal como afirma Leite et al (2012), *uma metodologia assumida em grupo que pressupõe uma grande implicação de todos os participantes com a finalidade de responder aos problemas encontrados.*

Desta forma, elaboramos uma teia em conjunto, podendo assim, planificar o nosso projeto. Assim sendo, as crianças pretendiam fazer várias pesquisas tais como: a ida à biblioteca, pesquisar no computador/tablet, ir ao mercado, para que pudessem conhecer melhor e aprender o que andamos a pesquisar. E assim foi, fizemos inicialmente essas pesquisas e logo depois, construiu-se uma mala vai e vem para casa, onde com a ajuda dos familiares, as crianças faziam uma pesquisa/desenho/algo importante para que nos ajudassem a aprender e apresentavam ao restante grupo de crianças. De salientar, na minha opinião, que as pesquisas com os familiares foram bastante importantes e motivadoras para o nosso crescimento do projeto, visto que as crianças aprenderam muito através dessas pesquisas. Notou-se uma especial dedicação dos familiares em darem resposta aos interesses das crianças e às suas questões iniciais.

Assim, o nosso projeto foi evoluindo, dia após dia, com construções, perguntas, respostas. *As crianças aprendem através da internalização dos resultados das suas interações com os adultos. Os adultos dirigem mais eficazmente a aprendizagem das crianças na zona de desenvolvimento próximo (ZDP), isto é, tendo em vista as tarefas que as crianças estão quase capazes de conseguir realizar por elas próprias (O Mundo da Criança, 2001, p.339).* Contudo, o papel do adulto foi fundamental neste

projeto, uma vez que foi o auxiliar da criança para esta aprendizagem e, em conjunto aprenderam e surgiram trabalhos muito interessantes.

Durante a minha formação, aprendi que no jardim-de-infância não se trabalha por temas, mas sim o crucial é trabalhar as competências. Seguindo este pensamento, seguindo a teoria, o mais importante seria trabalhar o Conhecimento do Mundo e as competências que daí podem surgir tais como “ curiosidade desejo de saber”, “saberes sobre o mundo”, “ sensibilização às ciências”, “rigor científico”, entre outras (Orientações Curriculares: 1997,p. 80-81).

Assim, pude verificar que “os peixes” poderiam ser um bom projeto, visto que conseguia trabalhar vários conteúdos, dentro deles o Conhecimento do Mundo sobretudo.

No momento em que estava a fazer a descrição por fases do projeto, dei por mim a avaliar o impacto do mesmo no meu desenvolvimento pessoal. Assim, reflecti sobre como a minha maneira de ser mudou desde o início até ao fim do meu estágio, tornando-me mais confiante do que era inicialmente. De salientar que nem tudo se deveu ao projeto mas com a ajuda desta reflexão fez-me refletir sobre o meu percurso.

Segundo Pinheiro et al podemos afirmar que as práticas reflexivas dos professores tiverem uma intencionalidade as suas implicações na construção do conhecimento e identidade profissional serão muito mais eficazes (2007). Em suma, estou em constante construção da minha identidade profissional e pessoal no decorrer destes estágios que nos ajudam a desenvolver, em aprender, em crescer como futuras profissionais.

Inês Campos, 26 maio 2015

